

Aline Oliveira Dias

**IDOSO, LAZER, GRUPOS DE CONVIVÊNCIA:  
UMA COMPARAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES,  
NÃO-PARTICIPANTES E EGRESSOS**

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG  
2012

Aline Oliveira Dias

**IDOSO, LAZER, GRUPOS DE CONVIVÊNCIA:  
UMA COMPARAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES,  
NÃO-PARTICIPANTES E EGRESSOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer.

Linha de pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais  
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Karine de Souza

Belo Horizonte  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG  
2012

D541i Dias, Aline Oliveira  
2012 Idoso, lazer, grupos de convivência: uma comparação entre participantes, não-participantes e egressos. [manuscrito] / Aline Oliveira Dias – 2012.  
154f., enc.:il.

Orientadora: Luciana karine de Souza

Mestrado (dissertação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 126-139

1. Grupos Sociais – Teses. 2. Lazer – Teses. 3. Idosos – Teses. I. Souza, Luciana karine de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional  
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer  
Área Interdisciplinar

---

Dissertação intitulada ***Idoso, lazer, grupos de convivência: uma comparação entre participantes, não participantes e egressos*** de autoria da mestrandia **Aline Oliveira Dias** defendida e aprovada em 29 de fevereiro de 2012, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Luciana Karine de Souza (Orientadora)

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Johannes Doll

Faculdade de Educação

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Marcella Guimarães Assis Tirado

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Universidade Federal de Minas Gerais

*Aos que amo, em especial meus pais,  
pelo apoio e carinho de sempre.*

*A todos aqueles, que, independente da idade,  
possuem imensa vontade de viver.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por sempre me iluminar, trilhar meus caminhos e me dar força, saúde e capacidade para vencer os desafios envolvidos ao longo de toda essa pesquisa, não importando quão grandes foram.

À minha família como um todo, por estarem sempre por perto mesmo que à distância. A Little e Barrigudinho, meus pais amados, por acreditarem em mim, e por não economizarem uma só gota de amor, cuidado, carinho: itens imprescindíveis para prosseguir confiante rumo às conquistas! Sem vocês jamais teria dado um passo sequer! Aos meus irmãos queridos, Tosco e Andrezão, pela parceria eterna, pelos conselhos e aprendizados mútuos!

A Betitos, meu namorado valioso, por ser um ombro importantíssimo em vários momentos, principalmente os de fraqueza, pelo apoio e companheirismo constantes! Obrigada por cuidar sempre de mim!

A todos os meus amigos, simplesmente por existirem na minha vida! Por me incentivarem, pela presença constante nos mais diversos momentos, por vibrarem com mais essa conquista. Em especial, nessa trajetória de pesquisa, a Leandra e Cássia, por me auxiliarem a ingressar no Mestrado, a Tai e Vagner pelas conversas encorajadoras e disposição em colaborar com o que for preciso, a Ju e Marcos pelos conhecimentos partilhados, às amigas de Tchotchó pelos divertidos encontros, a Lora pelas palavras de apoio, aos Sarandas pelas danças e risos compartilhados, a Lulu e Bê pela opinião na pesquisa, às Clós pelas trocas de desabafos e histórias.

A Giselle, minha companheira de pesquisa, pelo exemplo de dedicação, persistência e disciplina. Pelas ricas trocas de conhecimento e experiências, por compartilhar as mesmas ansiedades. Como é bom acompanhar de perto o seu sucesso!

A Danielle, pelos auxílios imensos com relação à busca e organização de estudos acerca do tema. A Michelle, pela disponibilidade em colaborar com o que fosse preciso.

Aos professores do Mestrado em Lazer da UFMG, pelos conhecimentos divididos, pelas recomendações de material, pelos auxílios na pesquisa, em especial Hélder e José Alfredo.

Aos colegas do curso, pelas companhias agradáveis, mesmo nos momentos de desespero e incompreensão, pelas viagens, pelos auxílios. Como é bom ter feito novos amigos!

Aos amigos oriundos do trabalho no Projeto Educação Física para a Terceira Idade, em especial Giselle, Túlio e Rê Piri, e aos inesquecíveis alunos, pelo meu crescimento pessoal e profissional, por germinarem em mim o interesse por um tema tão rico!

À CAPES, pelo importante apoio financeiro em boa parte dessa trajetória.

Aos professores responsáveis pela qualificação do projeto, pelas contribuições: Gisele Maria Schwartz (UNESP) e Leandro Fernandes Malloy Diniz (UFMG). E aos professores que compuseram a banca, Johannes Doll (UFRGS) e Marcella Guimarães Assis Tirado (UFMG), por terem aceitado o convite, pela leitura cuidadosa e pelas contribuições.

Agradeço imensamente a cada grupo pesquisado e aos respectivos coordenadores, pela acolhida e disponibilidade em colaborar com a pesquisa, assim como a cada idoso entrevistado, pelo interesse em participar e partilhar suas experiências.

Agradeço à professora Luciana Karine de Souza! Em primeiro lugar, por ter confiado em minhas capacidades de pesquisadora, por ter interessado na minha proposta de estudo. Posteriormente, pelas leituras cautelosas, pelas imensas contribuições, pela dedicação a cada linha dessa pesquisa, pela fidelidade à palavra orientação!

Obrigada a todos que participam da minha vida, e que, de maneira direta ou indireta, contribuíram mais uma vez para meu crescimento pessoal e profissional!

"Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo. Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo. Não viva de fotografias amareladas... Continue, quando todos esperam que desistas. Não deixe que enferruje o ferro que existe em você. Faça com que em vez de pena, tenham respeito por você. Quando não conseguir correr através dos anos, trote. Quando não conseguir trotar, caminhe. Quando não conseguir caminhar, use uma bengala. Mas nunca se detenha".

Madre Teresa de Calcutá

## RESUMO

A presente Dissertação objetivou conhecer e comparar os motivos de idosos a buscarem e permanecerem em Grupos de Convivência (GCs) (perfil 1: idosos participantes), para saírem de GCs (perfil 2: egressos), e para não se interessarem em participar de GCs (perfil 3: não-participantes). Este estudo fundamentou-se em pesquisas das áreas do envelhecimento e do lazer, principalmente nos trabalhos que investigaram velhice e GCs, e nos dados obtidos a partir de entrevistas semi-estruturadas. Participaram da pesquisa 12 idosos por perfil, com média de idade de 70,9 anos, residentes em Belo Horizonte. As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas. Os relatos foram transcritos e posteriormente analisados conforme o método de Análise de Conteúdo. Observou-se que a preocupação com a saúde e a necessidade de estabelecer e/ou manter relacionamentos interpessoais foram os motivos apontados pela maioria dos idosos participantes de GC, tanto para o ingresso quanto para a permanência. Esse resultado convergiu com dados preexistentes na literatura disponível. Foram encontrados como maiores motivos para sair do GC: situações familiares, problemas de saúde e diferenças entre grupos. Os dois primeiros motivos já haviam sido abordados por estudos anteriores, ao contrário do terceiro motivo, relacionado a alterações no GC ou a comparações do GC com outro espaço, as quais ocasionaram perda do interesse do idoso no GC em questão. É interessante observar que todos os egressos declararam-se satisfeitos quanto ao que era ofertado no grupo, entretanto, 04 saíram justamente em virtude de características do GC, o que pode indicar uma dificuldade e um receio do idoso em expressar sua vontade e/ou críticas. Como não foi localizado estudo prévio sobre o desinteresse de idosos em GCs, houve contribuição deste estudo em investigar os motivos da não-participação. Os motivos apontados pela maioria dos não-participantes foram: tempo ocupado e avaliações negativas sobre o GC. Possuir o tempo ocupado como motivo da não-participação contrariou o sendo comum e, inclusive, contrariou pesquisas anteriores, que afirmam categoricamente o aumento elevado de tempo livre por parte daqueles que se aposentam ou possuem mais de 60 anos. As avaliações negativas acerca do GC e até sobre os indivíduos que frequentam estes grupos revelam percepções dos não-participantes sobre um universo desconhecido, o GC, e, possivelmente, a dificuldade destes indivíduos em reconhecer a si e ao outro como idoso – em aceitar a velhice. Percebeu-se, nos três perfis, a importância da família

para o lazer do idoso, assim como a busca por relações sociais como motivação à inserção em diferentes contextos, sejam estes GCs ou outros espaços. E ainda, notou-se que os não-participantes apresentaram um leque de práticas de lazer mais amplo que os demais, resultado provavelmente relacionado à suposta melhor situação econômica de grande parte dos indivíduos deste perfil. Espera-se que a presente pesquisa contribua tanto para os profissionais quanto para a produção científica e futuros estudos dedicados à interface lazer e velhice.

**Palavras-chave:** lazer, grupo de convivência, idoso, envelhecimento.

## ABSTRACT

This master's thesis aimed at describing and comparing the reasons why elderly citizens search for and engage in Socialization Groups (GC) (restricted to people over 60 years-old of age) (participants); reasons why they leave GCs (former participants); and reasons why GCs may not be of their interest (non-participants). The theoretical background was based on available research on aging and leisure studies, especially on studies that investigated GCs for the elderly in Brazil. Twelve elders per profile answered an interview, individually; the average age was 70.9 years-old, and all 36 live in the city of Belo Horizonte, Brazil. Interviews were recorded, transcribed, and further analyzed through content analysis' techniques. Results showed that most GC participants justified their choice through a concern with their own health and the need to create and/or maintain interpersonal relationships; these results were similar to previous studies conducted in Brazil. Former participants justified quitting GCs for family reasons, health problems, and/or differences among GCs characteristics (changes in a GC and/or comparison between GCs, both leading to the loss of interest); the first two reasons were reported by previously published empirical studies, while the latter seem to indicate new data. It is worth noting that all former participants admitted to be pleased with the GC they used to attend; nonetheless, throughout the interview 4 out of 12 former participants admitted to have left the GC because of changes occurred on the group. This contradiction in responses might suggest difficulties of and/or apprehension in expressing their own will and/or criticism. No previous studies were found that investigated reasons why elderly citizens do not look for GCs in Brazil; the present study found out that most non-participants justified their choice by indicating that there have the whole day filled with activities and/or they have a negative opinion about GCs. Non-participants having no time for GCs contradicted previous studies conducted in Brazil about how elderly people enjoy free-time and leisure: these studies claimed that people over 60 years-old and/or retired have a fair amount of free-time. Non-participants' negative opinions about GCs also showed that they are not familiar to how GCs work and that it might be difficult for them to see themselves, as well as seeing other 60 year-old people, as elderly people – in other words, non-participants might have difficulty in accepting the aging process. All 36 citizens highlighted how family is

a very important part of their leisure; as important as searching for interpersonal relationships as a motivator to search for and engage in different interpersonal contexts (GCs or similar opportunities for social interaction). Furthermore, non-participants described a wider range of leisure practices they use to engage in, compared to GC participants and former participants. It is most probably that non-participants have a more comfortable financial situation than participants and former participants. It is expected that this study might contribute to people who work to promote leisure for elderly citizens as well as to future scientific research studies dedicated to the leisure-elderly link.

**Keywords:** leisure, socialization group, elderly, aging.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Motivos para procurar este Grupo de Convivência	63
Tabela 2 - Tempo de permanência no Grupo de Convivência, em anos	64
Tabela 3 - Motivos para continuar por tanto tempo neste Grupo de Convivência	65
Tabela 4 - Atividades que faz no Grupo de Convivência	66
Tabela 5 - Preferência com relação a atividades	67
Tabela 6 - Sugestões – o que gostariam que tivesse no Grupo de Convivência	67
Tabela 7 - Incentivo para participar do grupo e/ou das atividades	68
Tabela 8 - Atividades que faz dentro de casa	69
Tabela 9 - Atividades que faz fora de casa, fora do âmbito do Grupo de Convivência	70
Tabela 10 - Atividades que tem vontade de fazer na vida e nunca fez	71
Tabela 11 - Atividades realizadas entendidas como lazer	72
Tabela 12 - O que busca como lazer na sua vida	73
Tabela 13 - Motivos para procurar este Grupo de Convivência	74
Tabela 14 - Tempo de permanência no GC, em anos	75
Tabela 15 - Motivos para sair do GC	76
Tabela 16 - Atividades que fez no Grupo de Convivência	77
Tabela 17 - As atividades atendiam às suas expectativas	78
Tabela 18 - Incentivo para participar do grupo e/ou das atividades	79
Tabela 19 - Participa de outro grupo/espço regularmente	80
Tabela 20 - Atividades que faz fora de casa (com exceção dos GCs)	81

Tabela 21 - Atividades que tem vontade de fazer na vida e nunca fez	82
Tabela 22 - Considera como prática de lazer as atividades que fazia no grupo, faz hoje e as que gostaria de fazer?	83
Tabela 23 - O que busca como lazer na sua vida	84
Tabela 24 - Motivos para não se interessar em participar de algum Grupo de Convivência para idosos	85
Tabela 25 - Participa de algum grupo/espço regularmente	86
Tabela 26 - Tempo de frequência	87
Tabela 27 - Atividades que faz no grupo / espaço que frequenta	88
Tabela 28 - Incentivo para participar desse espaço	89
Tabela 29 - Atividades que faz dentro de casa	90
Tabela 30 - Atividades que faz fora de casa (com exceção dos grupos)	91
Tabela 31 - Atividades que tem vontade de fazer na vida e nunca fez	92
Tabela 32 - Considera como lazer as atividades que faz hoje e as que gostaria de fazer?	93
Tabela 33 - O que busca como lazer na sua vida	94

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BELOTUR -	Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S/A
CAPES -	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COEP -	Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG
FEFISA -	Faculdade da Terceira Idade
FMC -	Fundação Municipal de Cultura
FPM -	Fundação de Parques Municipais
GC -	Grupo de Convivência
GCs -	Grupos de Convivência
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPI -	Instituição de Longa Permanência para Idosos
PBH -	Prefeitura de Belo Horizonte
PPAs -	Programas de Pré-Aposentadoria
SESC -	Serviço Social do Comércio
SMAES -	Secretaria Municipal Adjunta de Esportes
TCLE -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNATI/UERJ -	Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNITI/UFRGS -	Universidade para a Terceira Idade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	17
1.1	Considerações iniciais	17
1.2	Problema de pesquisa	21
1.3	Relevância da pesquisa	21
1.4	Justificativa da pesquisa	21
1.5	Objetivos da pesquisa	21
1.6	Fundamentação teórico-conceitual	23
1.6.1	Velhice	23
1.6.2	Lazer e idoso	30
1.6.2.1	Motivos relacionados à saída dos idosos dos GCs ou à não participação nesses grupos	38
1.6.2.2	Motivos relacionados à busca de idosos por programas de lazer e à permanência desses por tempo prolongado	43
1.6.3	O desenvolvimento do poder de escolha e da verdadeira autonomia nos idosos	45
1.6.4	A compreensão das diferenças de gênero nas escolhas de lazer	47
<b>2</b>	<b>MÉTODO</b>	50
2.1	Participantes	51
2.2	Instrumentos e materiais para a coleta de dados	55
2.3	Procedimento de coleta de dados	55
2.4	Procedimentos de cuidados éticos	58

2.5	Procedimentos de análise dos dados	59
<b>3</b>	<b>RESULTADOS</b>	<b>62</b>
3.1	Resultados relacionados ao Perfil 1 (participantes de GC)	62
3.1.1	Participação no GC	62
3.1.2	Atividades do Grupo de Convivência	65
3.1.3	Incentivos dentro do Grupo de Convivência	68
3.1.4	Práticas realizadas no tempo livre	69
3.1.5	Anseio por novas práticas	70
3.1.6	Lazer	71
3.2	Resultados relacionados ao perfil 2 (idosos egressos)	74
3.2.1	Participação no Grupo de Convivência	74
3.2.2	Atividades do Grupo de Convivência	76
3.2.3	Incentivos dentro do Grupo de Convivência	78
3.2.4	Práticas realizadas no tempo livre	79
3.2.5	Anseios por novas práticas	81
3.2.6	Lazer	82
3.3	Resultados relacionados ao perfil 3 (idosos não-participantes)	85
3.3.1	Não participação em Grupos de Convivência	85
3.3.2	Participação em grupo ou espaço regularmente	86
3.3.3	Práticas realizadas no tempo livre	89
3.3.4	Anseios por novas práticas	92
3.3.5	Lazer	92
<b>4</b>	<b>DISCUSSÃO</b>	<b>95</b>

4.1	Família	95
4.2	Relacionamentos interpessoais	101
4.3	Preocupação com a saúde	105
4.4	Religião	106
4.5	Tempo ocupado	109
4.6	Escolhas de lazer	113
4.7	Diferenças de gênero	117
4.8	Motivos para entrar, sair e nem participar de um Grupo de Convivência	120
4.9	Considerações finais	122
<b>REFERÊNCIAS</b>		126
<b>APÊNDICES</b>		140

## **1 INTRODUÇÃO**

O contato com o tema velhice e lazer surgiu, primeiramente, a partir da experiência como bolsista de extensão (2006 a 2009) do Projeto de Extensão Universitária Educação Física para a Terceira Idade, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Ministrar aulas a esse público com conteúdos específicos da Educação Física despertou o interesse e a necessidade crescente em compreender o universo do envelhecimento.

Reuniões semanais com coordenação e bolsistas do projeto eram conduzidas para solucionar questões oriundas das aulas práticas. Dessa forma, leitura e análise de textos eram realizadas a fim de responder a essas questões e atualizar os conhecimentos acerca da velhice. Essa experiência também originou a participação em eventos e congressos científicos com trabalhos elaborados conforme nossos estudos e percepções da prática profissional com o Projeto.

Através dessa relação entre extensão e pesquisa, indagações acerca do programa em especial e dos praticantes começaram a surgir, gerando o anseio de aprofundar os conhecimentos acerca da oferta e busca de lazer para e por esse público. Em primeiro lugar, foi percebida certa relação de dependência dessas pessoas tanto com a instituição como com os outros participantes, influenciando a participação dessas nas atividades oferecidas pelo programa. Em segundo lugar, o questionamento sobre a capacidade do programa em atender as expectativas dessa população sempre foi pauta de reunião e conversas informais entre os bolsistas do Projeto.

Paralelamente a esses questionamentos, há as lacunas deixadas pelos estudos sobre lazer e velhice. Essas lacunas, em interação com a experiência profissional recém relatada, motivaram a estudar sobre o idoso e a origem de suas escolhas de lazer.

### **1.1 Considerações iniciais**

De acordo com estimativa da *World Health Organization* (Organização Mundial da Saúde, 2007) (OMS), em 2025 a população mundial de idosos poderá chegar a 1,2 bilhão de pessoas. A população idosa brasileira já soma 21 milhões de pessoas (PNAD, 2010).

A associação entre a redução dos níveis de fecundidade e de mortalidade no Brasil tem gerado alterações em seu padrão etário populacional, especialmente a partir de meados dos anos de 1980. Dessa forma, a classificação desse como um país jovem está sendo abandonada. Afinal, a pirâmide populacional do país, cujo formato era tipicamente triangular, com uma base alargada, está se invertendo, aproximando-se do perfil de uma sociedade em acelerado processo de envelhecimento. Esse envelhecimento populacional caracteriza-se pela redução da participação relativa de crianças e jovens, acompanhada do aumento do peso proporcional dos adultos e, particularmente, dos idosos. Essa situação é evidenciada pela comparação dos dados de Projeção da População do Brasil por sexo e idade, de 1980 a 2050, revisados e publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008. Além disso, esses dados evidenciam que, em 2008, enquanto as crianças de 0 a 14 anos de idade correspondiam a 26,47% da população total, as pessoas com 65 anos ou mais representava 6,53%; em 2050, estima-se que o primeiro grupo representará 13,15%, ao passo que a população idosa ultrapassará os 22,71% da população total (IBGE, 2008).

Zahreddine e Rigotti (2006) avaliaram a dinâmica do envelhecimento populacional específica da região metropolitana de Belo Horizonte, nos anos de 1991 e 2000. Os autores observaram que em 1991, a população total belo horizontina era de 2.020.161 milhões de habitantes, dos quais 146.537 possuíam 60 anos e mais (categoria definida como idoso pelo Estatuto do Idoso), isto é, 7,2% da população. Já em 2000, Belo Horizonte contava com uma população de 2.238.526 milhões de habitantes, e esta mesma faixa etária somava 204.573, o que corresponde a 9,14% da população total. Os dados mostram assim, que de 1991 para 2000, o número absoluto da população idosa apresentou um crescimento de 28,36%, o que indica o considerável crescimento da população idosa para a cidade de Belo Horizonte. Esse crescimento populacional indica, de acordo com o índice de idosos proposto pelos autores, que em 1991 a população da cidade se encontrava em nível intermediário de envelhecimento, ao passo que no ano de 2000 a população passou a caracterizar-se como relativamente idosa.

Esse aumento acelerado da longevidade a nível global tem impulsionado a produção científica mundial acerca dos estudos sobre o envelhecimento, a fim de compreender melhor esse fenômeno e suas consequências. Assim, estudar o envelhecimento torna-se cada vez mais importante, pois, conforme Assis e Martin (2010), “investigar a velhice de hoje é preparar as futuras gerações para uma velhice melhor” (p.57).

Nesse sentido, construir uma velhice melhor a cada geração consiste em proporcionar uma melhor qualidade de vida para o envelhecido. Afinal, o maior desafio não se concentra mais em alcançar a longevidade, mas em alcançá-la com qualidade de vida (REZENDE, 2008; MORAGAS, 1997; VECCHIA *et al.*, 2005).

De acordo com o grupo de especialistas da Organização Mundial de Saúde (THE WHOQOL GROUP, 1995), qualidade de vida é definida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de sua cultura e no sistema de valores em que vive e em relação a suas expectativas, seus padrões e suas preocupações”. Esse conceito abrange saúde física, estado psicológico, nível de independência, relações sociais, crenças pessoais e a relação do indivíduo com as principais características do contexto onde vive (THE WHOQOL GROUP, 1995). Dessa forma, o foco é no indivíduo, o que caracteriza a qualidade de vida subjetiva, a partir da percepção que se tem de todos os fatores definidores de sua vida.

Ribeiro *et al.* (2002) reforçam a importância de identificar o que é qualidade de vida para o indivíduo, e, ao indagar vinte e nove idosos membros do Grupo da Terceira Idade na cidade de Viçosa, Minas Gerais, notaram que as representações de envelhecimento e qualidade de vida ultrapassam os limites biomédicos e se revestem de significados próprios, individualizados. Para os idosos dessa pesquisa, qualidade de vida relaciona-se com a capacidade de realizar atividades sem interferência de outras pessoas, ou seja, com a autonomia, com o estilo de vida, com a segurança sócio-econômica, com a compreensão dos fenômenos saúde-doença e com as relações familiares. Percebeu-se, assim, a associação de aspectos de natureza diversa à qualidade de vida.

Neri (2007) avigora a concepção de qualidade de vida subjetiva proposta pelo Whoqol (1995), pois chama a atenção para a necessidade de avaliar aspectos subjetivos junto com as variáveis objetivas (como nível de renda, classe social, escolaridade, dentre outras) para melhor analisar a qualidade de vida na velhice. Neste sentido, Fleck (2008) avalia que essa concepção envolve, além da subjetividade, mais dois aspectos implícitos: a multidimensionalidade, ou seja, a noção de que a qualidade de vida abarca várias dimensões e, portanto, deve ser mensurada a partir de domínios diversos, tais como físico, mental, social; e a coexistência de dimensões positivas e negativas, pois para possuir uma qualidade de vida considerada como boa é preciso haver um equilíbrio entre presença e ausência de fatores, como por exemplo, a presença de mobilidade e a ausência de dor.

Como se pode ver diante da concepção de qualidade de vida descrita e discutida, fica claro ver o lazer como uma das dimensões da qualidade de vida do idoso (SCHEUERMANN; ACOSTA, 2007; ALEXANDRE; CORDEIRO; RAMOS, 2009). Afinal, o lazer pode estabelecer relações diretas e indiretas com as 6 dimensões envolvidas nesse conceito de qualidade de vida. Com relação à saúde física, práticas de lazer direcionadas ao exercício físico podem ocasionar ganhos motores, cognitivos, os quais, por sua vez, conduzirão a outra dimensão de qualidade de vida, pois poderão auxiliar o idoso a prolongar seu nível de independência. No que diz respeito ao estado psicológico, o envolvimento em práticas de lazer podem auxiliar o indivíduo, por exemplo, a reduzir a probabilidade de ingressar em um estado depressivo. Quanto às relações sociais, há dois viés, um relacionado à procura pelo lazer para buscar e estabelecer novas relações sociais e o outro relacionado à importância das relações sociais como influência para buscar experiências de lazer. Por sua vez, as novas experiências de lazer e o convívio com outras pessoas poderão conduzir o idoso a avaliar e questionar suas crenças pessoais e, conseqüentemente, a refletir acerca da sua relação com o contexto onde vive, com o espaço onde realiza suas práticas de lazer.

Dessa forma, percebe-se que o lazer, através da variada gama de práticas e possibilidades, é um aspecto capaz de alterar direta e/ou indiretamente a qualidade de vida de um indivíduo idoso, com características diversas para possibilitar, inclusive, o aumento dessa. Assim, tem-se a importância deste estudo, pois se dedica a interface lazer e idoso, e, conseqüentemente, à relação dessa interface com a qualidade de vida das pessoas dessa faixa etária, uma vez que pretende investigar as escolhas de lazer de idosos, com relação à participação ou não em grupo de convivência (GC) específico à faixa etária.

## **1.2 Problema de pesquisa**

O problema de pesquisa desta dissertação apresenta duas faces: uma social e uma científica. A social consiste na idealização, construída sócio-culturalmente (MELO, 2003; REZENDE, 2008), dos Grupos de Convivência (GCs) como locais quase exclusivos de excelência na oferta de lazer ao idoso brasileiro. Essa construção de um ideal pode conduzir à limitação da busca independente do idoso por práticas de lazer mais condizentes com seus interesses e necessidades. Cientificamente, observa-se uma escassez de estudos científicos nacionais que investiguem de forma aprofundada os motivos que levam idosos a permanecerem por muito tempo em grupos de convivência, a não se interessarem em ingressar nesses grupos, e a participarem desses grupos temporariamente e optarem por sair.

## **1.3 Relevância da pesquisa**

A relevância desta pesquisa compreende a contribuição de conhecimentos para a comunidade científica de diferentes áreas, em especial para a área interdisciplinar do lazer, com a pesquisa acerca das razões: que levam idosos a permanecerem por longo tempo em um mesmo GC; que motivam o egresso de idosos de certo GC; e que condicionam a opção de idosos a não fazer parte desse tipo de grupo. Já para a sociedade este estudo poderá auxiliar instituições e idosos a ficarem atentos à idealização muitas vezes construída socialmente sobre os GCs como local quase exclusivo de excelência na oferta de lazer ao idoso brasileiro (MELO, 2003; REZENDE, 2008).

## **1.4 Justificativa da pesquisa**

A importância desse estudo consiste na necessidade de analisar alguns aspectos relacionados a lazer de idosos, o qual, no entanto, é pouco abordado pela literatura científica nacional ou ponderado de modo pouco aprofundado. Neste estudo pretende-se averiguar lacunas perpassadas por muitas pesquisas direcionadas à conjunção dos temas velhice e lazer, conforme os objetivos a seguir apresentados.

## **1.5 Objetivos da pesquisa**

A presente dissertação estudará três perfis de idosos: os que participam de Grupo de Convivência (GC), os que não se interessam por estes grupos, e aqueles que já participaram mas saíram do mesmo. Assim, objetiva-se conhecer e comparar os motivos

de idosos a buscarem e permanecerem em GCs, os motivos para não se interessarem em participar de GCs, e os motivos para saírem de GCs.

Há nesta pesquisa o interesse em analisar alguns aspectos relacionados às escolhas de lazer dos idosos. Este estudo pretende averiguar:

- se há relação de dependência institucional ou de algum indivíduo quanto à escolha de lazer;
- se o gênero influencia a escolha das práticas;
- se há relação entre os motivos de cada perfil de idosos; e
- se há influência entre as escolhas e a situação financeira do idoso.

Com a finalidade de melhor atender aos objetivos desta pesquisa, literaturas científicas diversas foram consultadas acerca dos temas velhice e lazer, bem como da relação entre esses dois temas. Neste sentido, em sequência serão apresentados e discutidos os estudos empregados para fundamentar esta pesquisa.

## **1.6 Fundamentação teórico-conceitual**

### **1.6.1 Velhice**

Há muitos estigmas sociais com relação ao envelhecimento e aos indivíduos classificados cronologicamente como velhos. Entretanto, esses estigmas são mantidos ao longo dos anos ao desconsiderar que todo indivíduo, exceto em casos de morte precoce, alcançará a velhice. Afinal, o envelhecimento, de acordo com Oliveira (2000), é um processo natural ao qual todo ser humano está submetido, e envolve uma série de transformações biopsicossociais que alteram sua relação com a sociedade.

No que diz respeito às teorias disponíveis para explicar o envelhecimento, Farinatti (2008) as compara como teorias biológicas ou teorias sociais. As biológicas examinam o declínio e a degeneração funcional e estrutural dos sistemas orgânicos e das células. Há teorias com base genética, as quais consideram que o envelhecimento é geneticamente programado. Há aquelas com base em danos de origem química, que indicam que os problemas funcionais na reprodução e regeneração celular não seriam programados, mas sim resultados de subprodutos das reações químicas orgânicas habituais. Já as teorias de desequilíbrio gradual associam a senescência à depleção de determinados sistemas corporais imprescindíveis para a regulação da atividade dos demais sistemas. Por fim, as teorias com base em restrição calórica sugerem que a restrição calórica sistemática pode conduzir ao envelhecimento dos sistemas fisiológico e celular, e à redução da longevidade.

As teorias sociais do envelhecimento, na visão de Farinatti (2008), incluem a Teoria do Desengajamento Social, a Teoria da Atividade e a Teoria da Subcultura do Envelhecimento. A primeira considera que há um desengajamento social do idoso, perda dos seus papéis sociais como uma preparação ou introspecção para a morte. A segunda propõe um envelhecimento diferenciado da primeira, pois sugere um envelhecimento bem-sucedido, com resgate do envolvimento social. E a terceira pressupõe que há uma partilha de códigos, de comportamentos entre os idosos, assim como em qualquer faixa etária, o que implica na aproximação desses indivíduos e afastamento dos que se encontram em outras faixas.

Doll *et al.* (2007) apresentam como teorias sociológicas clássicas, além da Teoria da Atividade e do Desengajamento, a Teoria da Modernização. Essa teoria, de acordo com os autores, parte das representações sociais elaboradas acerca do idoso, de forma que nas sociedades onde há intensa valorização do trabalho, do individualismo e da juventude, o *status* do idoso tende a se tornar mais prejudicado.

Além dessas quatro anteriores, Siqueira (2008) ainda aponta e descreve as teorias sociológicas: Teoria da Continuidade, Teoria do Colapso de Competência, Teoria da Troca, Teoria do Construcionismo Social, Teoria da Estratificação por Idade, Teoria Político-econômica, Teorias e Perspectivas Feministas, Teoria Crítica e Perspectiva do Curso de Vida. A Teoria da Continuidade explica como as pessoas de meia-idade e idosos tentam manter suas estruturas internas e externas preexistentes, a partir de memória, ideias, afetos, preferências (estrutura interna), e de atrações, pressões e necessidades humanas como alimentação, interação social (estrutura externa). A Teoria do Colapso de Competência auxilia o entendimento das crises que podem ocorrer com frequência na competência social do idoso, sendo essas muitas vezes desencadeadas por perdas diversas como da saúde, do cônjuge, que levam a comportamentos negativos. A Teoria da Troca postula que o afastamento do idoso de interações sociais advém do fato desse ter menos recursos (baixa renda, precário nível de saúde) em comparação com os mais jovens. A Teoria do Construcionismo Social pressupõe que os processos de envelhecimento são individuais e influenciados por definições sociais e pela estrutura da sociedade na qual o idoso está inserido. A Teoria da Estratificação por Idade considera que cada faixa etária apresenta suas características próprias, como composição de gênero, distribuição por classe social, assim como experimenta particulares eventos históricos que afetam as atitudes e comportamentos dos membros dessa faixa. Conforme a Teoria Político-econômica, “a interação de forças econômicas e políticas que determinam como serão alocados os recursos sociais e como elas influenciam o *status* dos idosos e o tratamento que lhes é dispensado” (SIQUEIRA, 2008, p. 102). As Teorias e Perspectivas Feministas afirmam que o gênero deveria ser questão central ao tentar compreender o envelhecimento, pois esse é um princípio organizador da vida social durante todo o curso de vida. A Teoria Crítica trata da heterogeneidade do envelhecimento, ao articular aspectos como subjetividade do idoso, ações capazes de gerar mudanças no quadro da velhice (como políticas públicas), e conhecimentos sobre o processo de envelhecer advindos tanto de acadêmicos como de profissionais que lidam com o idoso. A Perspectiva do Curso de Vida avalia a importância de analisar o envelhecimento como um processo social, psicológico e biológico, o qual, portanto, deve ser estudado do nascimento a morte, e não apenas restrito à velhice (SIQUEIRA, 2008).

Assim, dentro da Perspectiva do Curso de Vida, há a Teoria da Seletividade Socioemocional (TSS) proposta por Carstensen (1995), que será base para este estudo.

A TSS sustenta que a interação social é motivada por ampla variedade de metas individuais, e não por imposição da sociedade. Assim, para a realização dessas metas, considera que há motivos sociais específicos e estratégias comportamentais empregadas pelas pessoas, os quais se alteram ao longo da vida. Dessa forma, de acordo com a TSS, a redução da quantidade de parceiros sociais e do contato social por parte dos idosos reflete a relativa perda de significado de algumas metas associada ao aumento do significado das emoções na vida desses indivíduos. Essa teoria indica que o lugar que o indivíduo ocupa no ciclo da vida afeta suas prioridades e relações sociais. Assim, o idoso, por se preocupar menos com o futuro, aproveita mais intensamente o presente, selecionando as atividades e contatos sociais conforme suas necessidades, preferências e apegos.

Há distintas possibilidades de classificação para o processo de envelhecimento. Para Viana (1999), o envelhecimento é categorizado em idades. Há a idade cronológica, ou seja, a que segue o calendário, a biológica, relacionada a processos celulares, e a psicológica, que reflete a idade que o indivíduo julga ter. Na visão da autora, nos tornamos socialmente velhos quando encerramos o período produtivo, ou seja, com o advento da aposentadoria.

Schaie<sup>1</sup> (1996, *apud* Neri e Cachioni, 1999) organiza o envelhecimento em três categorias relacionadas à ocorrência ou não de patologias. O envelhecimento primário ou normal corresponde à ocorrência de alterações intrínsecas ao processo de envelhecimento – irreversíveis, progressivas e universais – não patológicas, como o aparecimento de cabelos brancos, rugas. O secundário ou patológico envolve alterações provocadas por doenças relacionadas à idade; assim, quanto maior a idade, maior a predisposição a enfermidades (como as cérebro-vasculares, as cardiovasculares). E o terciário, o qual consiste no declínio terminal, na velhice avançada, devido ao aumento elevado das perdas num espaço de tempo relativamente curto, ocasionando a morte.

Enquanto o envelhecimento é um processo que acompanha o indivíduo ao longo de toda a vida, a velhice é uma etapa da vida (PAIVA, 1986). Neri e Cachioni (1999) destacam a classificação de velhice proposta por Baltes e Baltes (1990). A velhice normal corresponderia às perdas e alterações biológicas, psicológicas e sociais características da velhice, sem implicar numa patologia. A velhice ótima seria compatível com funcionamento sistêmico similar ao de jovens. E a velhice patológica

---

<sup>1</sup> SCHAIE, K.W. Intellectual development in adulthood. The Seattle longitudinal study. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

consistiria na presença de doenças típicas da velhice ou no agravamento de doenças preexistentes.

Moragas (1997) discute três concepções de velhice: cronológica, funcional e etapa vital. A cronológica é definida pelo indivíduo ter atingido 65 anos, de acordo com a OMS, e baseia-se nas ideias tradicionais de afastamento do trabalho profissional e do tempo de vida em que ocorre a aposentadoria. Para ele, essa concepção é por demais objetiva, pois desconsidera as diferenças de padrão de vida e de qualidade do tempo vivido. A funcional, considerada restrita por Moragas (1997), consiste na relação tradicional de velhice e suas limitações, pois indica que o velho é incapaz e limitado. Já a velhice compreendida como etapa vital é, para o autor, a definição mais equilibrada e atual, pois reconhece que o transcurso do tempo produz alterações na pessoa, caracterizando uma etapa diferente das vividas previamente. Essa concepção aborda a velhice com naturalidade, como uma fase de vida em situação de igualdade de importância diante das fases anteriores.

É fundamental considerar, em meio a distintas classificações, que tanto o processo de envelhecer como a etapa de vida da velhice podem se manifestar de forma diferenciada de um indivíduo a outro. Conforme Spirduso (2005) “existem duas verdades sobre o envelhecimento: a primeira é que todos envelhecem (se não morrerem jovens), a segunda é que todos envelhecem de formas diferentes” (p. 3). Neri e Cachioni (1999) ressaltam as realidades heterogêneas na ancianidade. Dessa forma, o modo de envelhecer depende do estilo de vida, de fatores genéticos, do contexto onde se insere, e da ocorrência de patologias. Ou seja, embora seja o envelhecimento envolva características universais, deve-se considerar a trajetória peculiar de cada indivíduo, de cada ser idoso (CAMPAGNA; SCHWARTZ, 2010).

McPherson (2000) contribui para o debate ao evidenciar a importância de se abandonar a ideia de caracterizar a velhice como um grupo social homogêneo. Para este autor,

Os membros de um grupo etário, embora tenham passado por experiências sociais e históricas específicas durante o mesmo estágio de suas vidas, formam um grupo muito heterogêneo. (...) há muitos fatores relacionados à experiência e às oportunidades que tiveram na vida, que podem influenciar os valores em relação ao lazer, às crenças, às atitudes, aos desejos e às necessidades. (p.230)

Na presente pesquisa o foco será dado no caráter social do envelhecimento. É de interesse analisar, na interface com o lazer, as relações sociais estabelecidas pelos

idosos, seus papéis sociais, e suas novas organizações sociais re-construídas por eles e pela sociedade. A classificação cronológica também será considerada, pois, em consonância com Caldas (2006), a idade cronológica é um parâmetro para desenvolver políticas e oferecer serviços aos idosos. Assim, será adotada a definição de idoso sugerida pelo Estatuto do Idoso (2003): indivíduo que possui 60 anos ou mais.

A percepção social acerca daquele que possui 60 anos ou mais envolve diferentes facetas e sua discussão está presente na literatura científica. A pesquisa *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade* (VENTURI; BOKANY, 2007), realizada pelo Núcleo de Opinião Pública da Fundação Perseu Abramo em parceria com o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) e com o SESC nacional, objetivou investigar o imaginário social (símbolos e representações sobre si e sobre a coletividade; BACZKO, 1984) brasileiro sobre a velhice. Foram entrevistados 2.136 idosos (com 60 anos de idade ou mais) e 1.608 indivíduos da população jovem e adulta (de 16 a 59 anos), distribuídos em 204 municípios pequenos, médios e grandes situados nas cinco macrorregiões do Brasil (Sudeste, Nordeste, Sul, Norte e Centro-Oeste). A partir das entrevistas, notou-se que a chegada da velhice é associada principalmente a aspectos negativos em 88% dos idosos e em 90% dos demais participantes. Doenças ou debilidades físicas foram apontadas por 58% dos idosos e por 62% dos não-idosos como o principal sinal da chegada da velhice. Percebe-se que a velhice é considerada preponderantemente negativa, entretanto, a maior parte dos idosos relatou sentir-se bem com a idade que tem (69%). De acordo com os autores, esse fato mostra que a maioria desses indivíduos não se sente idoso (53%), sendo que somente a partir dos 70 anos de idade os brasileiros se sentem verdadeiramente idosos. Com relação à classificação negativa da velhice, 44% da população adulta não idosa acredita que nessa fase há mais coisas ruins do que boas; para os idosos este percentual cai para 35, aproximado ao percentual de idosos que acredita que há mais coisas boas que ruins (33%). A quantidade de idosos que avaliam que há tanto coisas boas quanto ruins nessa fase (23%) é aproximada à daqueles que enxergam mais coisas ruins (35%) ou boas (33%), além do relato desses de que ser idoso hoje é melhor “do que há 20 ou 30 anos” (56%). Esses dados todos refletem que o julgamento da velhice como uma etapa de vida inferior às demais sofre muito mais influência das pessoas não-idosas, que fundamentam sua atitude na construção social elaborada sobre a velhice (REZENDE, 2008).

Motta (2002) ressalta o papel da cultura ocidental no modo de conceber a velhice como associada a doenças. Nessa direção, Rezende (2008) afirma que o modo de toda uma sociedade compreender a velhice afeta o modo de o próprio idoso percebê-la, pois, segundo o autor os fatores extrínsecos seriam mais determinantes na autopercepção que os intrínsecos. Essa afirmação não é tida como verdade pelo presente estudo, uma vez que de acordo com o Whoqol (1995) há seis dimensões envolvidas na compreensão de qualidade de vida, sendo que essas de igual importância, de forma que a percepção externa não deve ser caracterizada como a principal ou de maior peso.

O imaginário social elaborado acerca da velhice exerce influência, inclusive, no emprego dos termos para se referir àqueles que possuem 60 anos ou mais, como “terceira idade”, “melhor idade”, “feliz idade”, “maturidade”. Há a preferência pelo emprego de uns diante de outros, como no caso do próprio termo velhice. Há uma crença social compartilhada de que este termo carrega um significado de idoso como ser inferior, menosprezado e inútil.

Barreto (1997) discute as expressões *terceira idade*, *maturidade* e *velho*. Para a autora, a primeira não é eficaz porque, se é a terceira idade, implica que as duas primeiras sejam a infância e a fase adulta, o que exclui a adolescência. A segunda é incoerente, porque a maturidade está presente em todas as fases da vida. E a palavra velho não deve ser comparada com algo descartável, sem serventia, pois uma coisa velha pode ser descartada, mas um ser humano velho não. Portanto, para Barreto (1997), a questão não está no termo em si, mas na analogia que a sociedade faz com relação ao termo.

Viana (1999) não visualiza problema no emprego dos termos. Para a autora, são apenas nomenclaturas para se referir a um período da existência. Explica que a expressão *terceira idade* teria surgido na França, a partir da implantação das *Universités de Troisième Age* (Universidades da Terceira Idade). Seria uma forma de tratamento não depreciativa para pessoas mais velhas, produzida socialmente, a exemplo dos termos infância, adolescência e idade adulta. Segundo ela, é um equívoco considerar as palavras jovem e velho como extremos, onde o jovem indicaria o ideal, e o velho um desequilíbrio. Afinal, Viana (1999) ressalta que o desequilíbrio não se restringe a uma faixa etária.

Neste contexto, Peixoto (2007) caracteriza o histórico processo que conduziu ao emprego da expressão terceira idade e do termo idoso na França e, posteriormente, aqui no Brasil. A autora pontua historicamente o caso francês, onde no século XIX os termos

velho (*vieux*) e velhote (*vieillard*) referiam-se aos indivíduos com 60 ou mais anos de idade que não apresentassem status social, enquanto o termo idoso (*personne âgée*) era empregado para representar a parcela de indivíduos da mesma faixa etária que possuíam esse status. Dessa forma, com o advento da aposentadoria, no século XX, esses indivíduos passaram a ter maior posicionamento social e, inclusive, econômico, e por sua vez, novas políticas sociais surgiram em benefício dessas pessoas, conduzindo à redução do emprego dos termos pejorativos e aumento do emprego do termo idoso. Neste processo, segundo a autora, a expressão terceira idade surgiu para representar a geração desses novos indivíduos, engajados socialmente, que disfrutavam de um envelhecimento ativo e independente. A autora esclarece que o Brasil seguiu, anos depois – tendo em vista o envelhecimento recente da população brasileira – a mesma linha de uso dos termos franceses. Dessa forma, assim como na França o termo velho no Brasil confere uma noção de pobreza, de menor status socioeconômico, possuindo assim um caráter pejorativo, em contraposição ao termo idoso, considerado mais respeitoso.

Rezende (2008) aponta que há uma necessidade de repensar o emprego dos termos a fim de não negar a velhice. Mas relata que pelo menos o uso dos termos *melhor idade*, *idade de ouro*, *feliz idade* constroem uma ideia de velho não depreciativa, de um indivíduo inserido na sociedade.

A presença e a manipulação dos termos são tão intensas socialmente que os próprios velhos detêm suas preferências nominais. Dias (1998), em estudo realizado com quatro alunas da Universidade para a Terceira Idade (UNITI-UFRGS), detectou diferenças quanto ao uso das expressões *ser velho* e *estar na terceira idade*. Desse modo, para essas alunas *ser velho* relaciona-se ao modo como a sociedade enxerga os idosos, trazendo a noção de inutilidade, de perdas de múltiplas origens, de isolamento social, de espera da morte. Já *estar na terceira idade* indica uma nova forma de enxergar a velhice, onde o idoso se permite novas possibilidades, novas buscas, manutenção e ganhos de contatos sociais e, inclusive, um novo jeito social de perceber o envelhecimento.

Assim, percebe-se que o preconceito ao termo *velho* está presente nos próprios idosos. Na pesquisa de Jesus (2007, p.55), as idosas do Projeto Esporte Cidadão, de Vila Velha (ES), respondem que estar na terceira idade “é não se sentir velha, é ter uma vida ativa, curtir a vida, ser independente, passar experiência de vida para os outros, viver

melhor e mais tranquila, aproveitar mais a vida, viver intensamente, é sentir-se motivada, disposta e jovem” (grifo meu).

Considera-se que o grande problema não se concentra no emprego de um termo em especial, mas sim, no modo como as pessoas empregam um termo em detrimento do outro, isto é, na conotação que a sociedade atribui aos termos. Na presente pesquisa, não haverá distinção quanto ao emprego dos termos, sendo todos esses possíveis de serem utilizados como sinônimos ao longo do estudo.

A partir dos estudos destacados e discutidos nesse capítulo, a velhice pôde se tornar melhor compreendida. Desse modo, tornou-se imprescindível buscar estudos que abordassem a relação entre essa etapa da vida e o lazer, uma vez que essa interface é foco deste estudo. Assim, na próxima seção serão evidenciados e, de forma semelhante à anterior, discutidos os estudos dedicados à investigação do encontro dos temas lazer e idoso.

### **1.6.2 Lazer e idoso**

O lazer é mundialmente assegurado como direito pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e, a nível nacional, pela Constituição Brasileira de 1988. Com relação à situação específica do idoso e seu direito de acesso ao lazer, há o Estatuto do Idoso, promulgado em 2003, através dos artigos 20 a 25. Na verdade, o lazer deve ser direito do idoso não porque esse se encontra numa faixa etária diferenciada, mas porque a “prática do lazer é uma experiência pessoal que aumenta o processo de integração entre as pessoas, sejam estas jovens ou idosas, e não diferencia a idade do indivíduo que a vivencia” (DIAS; SCHWARTZ, 2005, p.4). O acesso ao lazer deve, por conseguinte, ser possibilitado a todo cidadão, o que não exclui o idoso.

Na cidade de Belo Horizonte, há quatro órgãos do governo cujos textos referentes às suas atribuições incluem a palavra “lazer” ou a palavra “recreação”: Secretaria Municipal Adjunta de Esportes (SMAES); Fundação de Parques Municipais (FPM); Fundação Municipal de Cultura (FMC); e Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte S/A (Belotur). Dentre esses, a SMAES é a mais envolvida com ações de lazer especificamente direcionadas ao público idoso, a partir do programa Vida Ativa, pois oferta atividades como ginástica, alongamento, brincadeiras, danças, passeios e festas a pessoas com idade igual ou superior a 50 anos (pré-idosos e idosos) (MUNHOZ, 2008).

No presente estudo o lazer é compreendido como

uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo. (GOMES, 2004, p.125)

De acordo com Gomes (2004), há uma inter-relação entre os quatro elementos envolvidos nesse conceito, representativos da vida em sociedade. Primeiramente o *tempo*, relacionado ao fato de o indivíduo deleitar-se com o momento presente que conseguiu obter e não restrito à institucionalização do período de lazer. Em seguida, o *espço/lugar*, o qual se refere não apenas ao espço físico, à estrutura física, mas ao local apropriado pelas pessoas, que permite a socialização. As *manifestações culturais*, relacionadas pela autora como as práticas vivenciadas dentro da dimensão geral de cultura, e que, portanto, envolvem diferentes significados para aqueles que as experimentam. E, finalmente, *a atitude*, fundamentada no caráter lúdico, definido pela autora como uma forma de expressão humana, com a possibilidade de exercer livre escolha, de buscar a satisfação, e até de questionar a realidade. A autora afirma que apoia-se no conceito de cultura de Geertz<sup>2</sup> (2001), sendo a cultura considerada como produção humana, de forma que o lazer, para Gomes (2004) é uma criação humana que apresenta interrelação com as demais esferas da vida, não é, portanto, um fenômeno isolado.

Esse conceito de lazer será empregado pois o estudo investigará o que os idosos, membros de um grupo social, fazem no seu tempo livre, ou seja, quais manifestações culturais vivenciam de forma lúdica no tempo que conseguiram obter e que dialoga com outras esferas da vida, como as ocupações domésticas, por exemplo. O foco, portanto, é no idoso, sujeito de suas ações e de suas escolhas de lazer. O tempo livre, nesta pesquisa, é compreendido como um tempo no qual o autocondicionamento é superior ao heterocondicionamento, ou seja, as vontades e os anseios do indivíduo são maiores que as pressões e determinações externas (MUNNÉ, 1980; WAICHMAN, 1997).

Cabe destacar que, dentro deste estudo, a possibilidade de escolha é aspecto central para compreensão do lazer; é característica crucial para estudar o lazer direcionado aos idosos. Tirado (2004), por exemplo, destaca que a ideia da obrigação deve ser retirada no contexto das experiências de lazer, para que essas sejam prazerosas

---

<sup>2</sup> GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 248p.

e significativas para os indivíduos. Assim, mais uma vez reforça-se a coerência em empregar essas definições de lazer e de tempo livre, que focam o sujeito. Nesse sentido,

O lazer como valor humano e para o ser humano deve ser resultante de uma livre escolha, participação espontânea, o que não quer dizer que não precisa ser incentivado. (...) É por isso que é preciso pensar uma cultura de lazer para todos, onde não exista apenas para alguns, para os que dispõem de dinheiro, em detrimento daqueles que não têm. (MEISTER, 2005, p.17)

Há uma preocupação de diversos autores em caracterizar o lazer direcionado a idosos e sua importância. Iwanowicz (2000), por exemplo, pondera que o lazer dos idosos tem importante função de suporte social, à medida que envolve o desenvolvimento de novas habilidades, experiências e conhecimentos, fatores culminantes para possibilitar a autorrealização pessoal.

Do ponto de vista dos idosos, eles compreendem como lazer as experiências vivenciadas ou em estabelecimentos frequentados por eles ou com a própria rotina. Para as idosas do Projeto Esporte Cidadão, para exemplificar o primeiro tipo, as atividades desenvolvidas nas aulas de hidroginástica consistem em momentos de lazer porque possibilitam distração, relaxamento e descanso. Segundo as participantes, lazer é diversão, relaxamento, felicidade, tranquilidade, prazer, sair da rotina, fazer amigos, esquecer os problemas, estar com a família, conhecer novos lugares e fazer algo que não esteja relacionado ao trabalho (JESUS, 2007). Outros trabalhos também encontraram concepções semelhantes, como Dias e Schwartz (2005) com aposentados da cidade de Rio Claro (SP) e Gomes e Pinto (2007) com idosos de um projeto de extensão universitária. Estas formas de compreender o lazer, calcadas nas atividades realizadas, se aproximam, na verdade, às definições tradicionalmente utilizadas na literatura científica nacional, como as de J. Dumazedier, N. Marcellino e C. W. Gomes, visto que mencionam descanso, divertimento, desenvolvimento, socialização e aprendizagem. Marcellino (2007), por exemplo, pondera que o lazer envolve três dimensões: descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social. O autor destaca que uma prática de lazer, por exemplo, pode caracterizar, ao mesmo tempo, um momento de descanso, mas também de divertimento e ainda, de caráter educativo, uma vez que pode contribuir para ampliar o desenvolvimento do indivíduo e desse em relação ao meio em que se insere. Dumazedier (1976), também abrange esses aspectos relatados pelos idosos quando questionados acerca de sua compreensão de lazer, uma vez que evidencia que o lazer pode conduzir o indivíduo ao repouso, à diversão, ao entretenimento e ainda, à sua

formação, mesmo que ao acaso. E Gomes (2004), através do seu conceito de lazer empregado no presente estudo, evidencia que o usufruto das manifestações culturais pode ter objetivos diversos, que caminham desde a necessidade de se divertir, de descansar, de exercer a criatividade, até a possibilidade de questionar, de refletir acerca de uma determinada realidade.

O segundo tipo de concepção de lazer trazida nas falas de idosos é exemplificada por uma pesquisa com 19 idosos do grupo da terceira idade do SESC de Ribeirão Preto (SP). Eles definiram lazer conforme as atividades rotineiras, como cozinhar, passear, ver televisão. Ainda assim, todos caracterizaram o lazer como algo positivo em suas vidas (PEREIRA; PEREIRA; MORELLI, 2006).

É crescente a procura de idosos homens e mulheres por espaços que ofereçam atividades de lazer. Dessas ofertas, o SESC foi pioneiro na oferta de atividades de lazer a essa faixa etária, até a atualidade tendo papel fundamental nessa área.

Os primeiros espaços ofertados pelo SESC constituíram-se em iniciativas educacionais brasileiras direcionadas a adultos mais velhos e idosos, baseadas na experiência francesa. Nos anos 1960, o SESC criou programas de lazer e de convivência para idosos, e cursos de preparação para a aposentadoria. Nos anos 1970, organizou os primeiros movimentos de idosos e as primeiras Escolas Abertas à Terceira Idade. Como pioneiro nessa experiência, a instituição gerou influência na criação de outros programas pelo país, além de propiciar a oportunidade de colocar a velhice na pauta das discussões profissionais e científicas (NERI; CACHIONI, 1999).

Para Silva, Silva e Meira (2009), o programa americano direcionado a idosos desenvolvido em 1950 influenciou os técnicos do SESC de São Paulo. Tal influência posteriormente expandiu-se para as demais unidades brasileiras. Essa falta de concordância quanto ao pioneirismo francês ou norte-americano ocorre devido à proximidade de datas nas quais as iniciativas direcionadas aos idosos surgiram nos dois países.

Devido à intensificação do envelhecimento populacional na França e nos Estados Unidos, estes dois países foram pioneiros na criação de oportunidades educacionais a idosos nos anos 1970. Influenciaram ideias, conceitos e modelos de trabalho por todo o mundo. A França, desde os anos de 1950 e 1960, deu início a alternativas educacionais para recém-aposentados, criando, inclusive, a expressão terceira idade. Os Estados Unidos agilizaram a criação de universidades, faculdades e

serviços comunitários direcionados a adultos maduros e idosos após a criação do programa francês Universidade da Terceira Idade, em 1973 (CACHIONI, 1999).

Sobre o processo da criação dos GCs do SESC, Cachioni (1999) esclarece que a princípio os objetivos eram apenas educacionais. Com o passar dos anos, e juntamente com o gradativo aumento da população idosa, surgiram alguns programas educacionais direcionados ao lazer a fim de atender necessidades desse setor populacional.

De acordo com Cachioni (1999), os primeiros GCs surgiram na década de 1960, com as mesmas características de serviço social e de desenvolvimento da sociabilidade utilizadas nas propostas com crianças, jovens e adultos. A programação desses grupos foi elaborada com o intuito de preencher o tempo livre dessas pessoas. Somente a partir de 1970, sob influência francesa, foram implementadas as Escolas Abertas para a Terceira Idade, as quais exigiam um público com melhor qualificação educacional, com objetivo de oferecer aos idosos informações sobre aspectos biopsicossociais do envelhecimento, programas de preparação para aposentadoria e atualização cultural. Além dessa proposta educacional, essas escolas também ofertavam atividades físicas, manuais e artísticas, passeios e festas de confraternização. Essa preocupação com o lazer predomina nessas instituições até hoje e inspira grupos de convivência e demais estabelecimentos desenvolvidos fora do ambiente universitário.

Após as iniciativas do SESC, os GCs começaram a se espalhar pelo país, com características diversificadas, mas com base na experiência e na ideologia desta instituição. Conforme Ferrari (2002) há três tipos de espaços que ofertam lazer para idosos: *grupos de convivência abertos à terceira idade, universidades abertas à terceira idade, e programas de preparação para a aposentadoria.*

Oliveira e Cabral (2004) entendem como GCs aqueles espaços que possibilitam a sociabilidade do grupo populacional com mais de 60 anos. Esses grupos também são denominados *centros de vivência, clubes ou grupos da terceira idade/de idosos*, e similares. Entre eles há também objetivos diferenciados, mas com pontos em comum: facilitam a sociabilização e a manutenção de direitos e papéis sociais; auxiliam o idoso a lidar com perdas; mantem e adaptam pelo maior tempo possível a independência física, mental e social; estimulam o desenvolvimento da criatividade; reconstróem padrões de vida e atividades; e avaliam o desempenho adaptativo do idoso como indicador de saúde (FERRARI, 2002).

Segundo Fenalti e Schwartz (2003), as universidades abertas à terceira idade procuram suprir a escassez de projetos sociais e educacionais mais densos e abrangentes

para esta faixa etária. Teriam surgido na França em 1973 por iniciativa do Professor Pierre Vellas, espalhando-se em seguida por toda a Europa. O SESC Campinas (São Paulo) foi responsável pela criação do primeiro projeto direcionado ao idoso, a *Escola Aberta à Terceira Idade*, em 1977. De acordo com as autoras, essas instituições universitárias, seguindo os mais diversos procedimentos pedagógicos, contribuem para a valorização pessoal, convivência em grupo, participação social, e ampliação da conscientização dos idosos acerca de suas responsabilidades e direitos. Todos estes fatores contribuem para a promoção de autonomia e qualidade de vida na velhice.

Além do caráter educacional e do desenvolvimento de valores como a participação social e a conscientização, o lazer tem ocupado papel de destaque nesses projetos. Esses programas oportunizam a educação para o lazer na terceira idade, para redistribuição do tempo e aproveitamento do tempo livre. Afinal, conforme Ferrari (2002), é uma geração que não aprendeu a atribuir importância ao tempo livre, mas sim somente ao trabalho. É digno de nota que alguns idosos inclusive sofrem para se adaptar ao aumento do tempo livre e ao não-trabalho com o advento da aposentadoria.

De acordo com Uvinha (1999), a Faculdade da Terceira Idade (FEFISA), que coordena em Santo André (São Paulo), estimula o aprendizado de idosos acerca de atividades diversas, a integração em grupo e o convívio social. O curso desenvolvido pela FEFISA oferece 21 disciplinas, como História do Grande ABC Paulista, Condicionamento Físico, Código de Defesa do Consumidor, Danças de Salão, dentre outras. Percebe-se uma preocupação educacional nesse tipo de faculdade, mas divergente do que costuma ser ofertado em cursos superiores. Esta proposta constitui-se, portanto, numa educação permanente.

Deve-se atentar ao emprego das expressões *educação permanente* e *educação continuada* como objetivos dos programas das universidades da terceira idade. Neri e Cachioni (1999) destacam que a muitos programas desconhecem o significado destes dois termos, utilizando-os erroneamente. Assim, Giubilei (1993) esclarece que *educação continuada* corresponde ao prolongamento do sistema escolar por toda a vida, enquanto a *educação permanente* indica a necessidade de estudar e acompanhar a rapidez das mudanças mundiais, nos seus vários aspectos.

Muitas vezes há problemas quanto ao emprego de termos não apenas nos objetivos divulgados por esses programas, mas nos próprios nomes desses. Souza (2001) ressalta que as diferenças quanto aos nomes dos programas (universidade aberta à, para a, ou da terceira idade) pouco ou nada refletem o funcionamento desses e o que é

ofertado aos idosos. A autora reconhece a dificuldade em alterar o nome de algum projeto devido à função que exerce, pois esses programas já traçaram uma trajetória e o nome apresenta relação com seu reconhecimento. Entretanto, destaca a importância do emprego de termos fidedignos à proposta da instituição, a fim de que os coordenadores possam executar melhor o seu trabalho, os avaliadores possam avaliar corretamente e os frequentadores desses programas possam escolher verdadeiramente o local onde querem estar.

Em meio à preocupação com o “peso” da aposentadoria, existem os programas de preparação para essa etapa social. Esses podem, além de contribuir para o idoso acostumar-se com sua nova posição social, orientar essa geração, que tanto valoriza o trabalho como elemento central na vida, a redimensionar o seu tempo livre e atribuir nova importância ao lazer. Assim, os Programas de Pré-Aposentadoria (PPAs) surgiram no Brasil, a exemplo de demais países, devido aos problemas enfrentados pelos aposentados, em nível burocrático, social e psicológico, inclusive na relação desse com o tempo e em como enfrentar essa nova situação. Esses programas acompanham o trabalhador durante os anos anteriores à sua aposentadoria, e podem auxiliar na educação para o lazer (FERRARI, 2002).

Frias (1999) apresenta um exemplo advindo do programa desenvolvido na Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ (UnATI-UERJ): trata-se do *Programa de Valorização do Conhecimento do Idoso*. Neste os idosos realizam trabalhos voluntários em instituições asilares. Com isso o idoso mantém um papel social, adquire nova importância para si mesmo e também para a sociedade. Há também no SESC, de acordo com Teixeira (2007), programas com trabalho voluntário.

Com relação a estes programas de trabalho voluntário, podem ser levantados questionamentos acerca do seu caráter de lazer. Conforme Iwanowicz (2000), o trabalho voluntário pode constituir-se num tempo de lazer, constituindo num lazer prossocial. Segundo a autora (2000, p. 114):

o lazer tem por objetivo manter a continuidade do processo de desenvolvimento social das pessoas, a continuidade da realização prática de si mesmo, da auto-realização através do trabalho, que possibilita a realização e expressão das possibilidades internas, numa construção do seu eu socialmente evoluído.

Nesse sentido, Iwanowicz (2000) destaca como é próxima a relação entre lazer e trabalho, de modo que o trabalho voluntário pode, sim, ser considerado como lazer.

Com ele os idosos se autorrealizam, participando nos trabalhos sociais, comunitários e familiares, e re-constroem alternativas de participação ativa no meio social que atribuam sentido à sua existência.

Iwanowickz (2000) aponta que ser voluntário relaciona-se com o papel fundamental do trabalho na construção e autorrealização social do idoso, principalmente ao considerar a atual geração de idosos. Essa geração atribui muita importância ao trabalho, mesmo após a aposentadoria, conforme destacam dados da pesquisa de Vilarino e Lopes (2008). A pesquisa, que entrevistou 30 idosos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), selecionados aleatoriamente, acerca de suas concepções e atitudes com relação a sua própria saúde, evidenciou que os idosos associaram trabalho à qualidade de vida, à saúde (capacidade para trabalhar), e à própria identidade, em meio às relações sociais advindas do mundo do trabalho e da construção de um ser trabalhador.

Carlos *et al.* (1999) explicam que esse posicionamento produtivista dessa geração é oriundo da transformação moderna da palavra trabalho, tornando-se a mais valorizada das atividades humanas. Aliado a tudo isso, cabe lembrar que as primeiras ofertas de lazer específicas a idosos foram desenvolvidas pelo SESC de São Paulo, estabelecimento intimamente ligado ao sistema de produção, o que torna ainda mais estreita no imaginário social desses idosos a relação entre lazer e trabalho.

Diante de diferentes tipos de programas para idosos existentes no Brasil, com diversificadas denominações e objetivos, algumas reflexões tornam-se necessárias. Será que esses locais, em especial os GCs, apresentam uma compreensão heterogênea de envelhecimento? Os idosos realmente estão encontrando nesses programas a oferta de lazer que procuram? Esses indivíduos possuem preferência por esses espaços verdadeiramente por escolha ou pela ausência de outras opções? Há dependência dos idosos com relação a esses espaços quando pretendem obter experiências de lazer? Há dependência desses indivíduos com relação a outras pessoas quanto à suas opções de lazer? Quais as diferenças de gênero quanto às escolhas de práticas de lazer, e estas estão sendo atendidas de forma igualitária? São estas perguntas de pesquisa que fundamentam o presente estudo.

O presente estudo tem como questão central verificar e comparar os motivos que levam idosos a participar ou não de um GC. Ou seja, analisar quais as motivações desses sujeitos a fazer ou não parte de um desses programas, sendo motivação definida por Carstensen (1995) como a condição consciente ou inconsciente do organismo que

conduz a uma direção, a um modo de agir, a uma escolha. De forma que na velhice, as escolhas, segundo a autora, são mais criteriosamente avaliadas, conforme as emoções que podem causar. Deste modo, é imprescindível buscar o que já foi produzido na literatura acerca de possíveis motivos para justificar a participação ou não de idosos em um GC.

#### **1.6.2.1 Motivos relacionados à saída dos idosos dos GCs ou à não participação nesses grupos**

Percebe-se, na literatura nacional, pouco aprofundamento no estudo dos fatores que impulsionam os idosos a fazer parte ou não de GCs. Como motivos para desistência ou, inclusive, da não participação dos idosos em programas de lazer ou de exercício físico específicos a essa faixa etária, em geral a literatura nacional indica problemas de saúde do idoso ou do cônjuge, morte do cônjuge ou de familiares, ou dificuldade de deslocamento até o local onde o grupo se encontra (CARDOSO *et al.*, 2008; VAROTO; TRUZZI; PAVARINI, 2004; GOMES; PINTO, 2007). Gomes e Pinto (2007) ainda destacam a falta de alguém que acompanhe e motive o idoso para a realização da atividade, de dinheiro para custeá-la, de mobilização pessoal para mudar a rotina, a violência urbana, e a crença de inadequação de algumas experiências de lazer à idade avançada.

Nesse sentido, é importante verificar motivos não relacionados à condição fisiopatológica do idoso e/ou de familiares nessa desistência e, anterior a isso, a não adesão de muitos idosos a esses programas. Esses dados auxiliariam no planejamento desses programas e na construção de outras possibilidades dentro da sociedade que atendam esse público quanto à oferta de lazer. Por exemplo, quanto à crença de inadequação etária de algumas experiências de lazer (GOMES; PINTO, 2007), autores destacam a necessidade de combatê-la. Pereira, Pereira e Morelli (2006) relatam que essa concepção é responsável pelo olhar preconceituoso e generalizante, tanto da sociedade com relação ao idoso, como do idoso em relação a si mesmo. Essa visão, por sua vez, produz uma classificação dessa faixa etária como limitada física e culturalmente, restrita a pequenos interesses específicos aos idosos, e incapaz de se interessar e praticar determinadas atividades.

É um desafio para a Gerontologia desconstruir a velhice como etapa homogênea, na qual os sujeitos enfrentam todos os mesmos problemas, desconsiderando gênero, classe, religião, etnicidade (COSTA, 2001). Este desafio deve ser enfrentado nos

estudos de lazer, pois, segundo Uvinha (1999, p.157), “aplicar o estudo do lazer na faixa etária ‘terceira idade’ não significa considerar necessariamente este público em uma categoria fechada, concebido de forma universal e sem relação com a sociedade”.

Somente confrontando a ideia de homogeneização desse público nos estudos de lazer é que poderão ser compreendidas as verdadeiras necessidades dos idosos dentro da relação de demanda e oferta de práticas de lazer. Afinal, como destacam Rezende (2008) e Melo (2003), é preciso atentar-se à glamourização dessa faixa etária. Esta glamourização classifica os idosos como indivíduos engajados socialmente, detentores de maior tempo livre, privilegiados por possuírem a idade que possuem. Mas isso, na verdade, tende a negar a velhice em toda a sua especificidade e, ao mesmo tempo, em sua heterogeneidade. Alves Junior (2004) complementa Rezende (2008) e Melo (2003) ao destacar que o perigo de considerar a velhice como um período no qual o ser humano tem acesso a tudo consiste em ignorar as diferenças sociais, as desigualdades e injustiças que assolam grande parte da população brasileira.

Ao mesmo tempo, é um equívoco idealizar os idosos como um grupo detentor de interesses comuns quanto ao tempo disponível para o lazer e às escolhas dentro desse tempo. Conseqüentemente, uma perspectiva multicultural de sociedade deve ser a base dos estudos e dos programas de lazer, considerando que cada sujeito apresenta uma trajetória histórica e sociocultural peculiar (MELO, 2003). Assim, será mais fácil visualizar que os idosos, apesar de constituírem um mesmo grupo etário, são diferentes uns dos outros por traçarem desenhos de vida individualizados e, por sua vez, possuírem anseios diferenciados. Dessa forma, para atender às múltiplas expectativas, não cabe o ideal de um único tipo de programa de lazer para todos os idosos.

McPherson (2000), em estudo desenvolvido para auxiliar a Comissão direcionada à Terceira Idade da *World Leisure and Recreation Association - WRLA* (Associação Mundial de Lazer e Recreação) e também pesquisadores e profissionais do campo do lazer a construir parâmetros de pesquisa e a melhor considerar a questão do idoso e sua relação com o lazer, comenta esses dois lados – idoso e programa – do perigo da homogeneização:

Aqueles que se dedicam a fornecer serviços ou produtos de lazer precisam analisar as mudanças no tamanho, na composição e na distribuição da população idosa e de meia-idade. (p. 234)

Os equívocos da generalização encontram-se por toda parte, em vários estudos e programas de lazer. A ideia de que o idoso é o indivíduo que dispõe de maior tempo livre, ao qual devem ser direcionados projetos de viagens, por exemplo, desconsidera se esse idoso gosta realmente de viajar e se o mesmo possui realmente tempo livre para usufruir tais projetos. Um programa de viagens para a terceira idade que considere a afirmação de Pereira, Pereira e Morelli (2006, p.2), de que os idosos “na sua maioria, são pessoas com tempo disponível para viajar o ano todo”, pode estranhar caso o número de inscritos não atinja o mínimo esperado. Nesse sentido, Uvinha (1999, p.158) argumenta que “em nível de senso comum pode parecer que, após a vida do trabalho, o idoso desfruta integralmente de um tempo que é *livre* e automaticamente ligado ao *lazer*, numa relação ao meu ver mecânica e reducionista”. A este respeito, Melo (2003) aponta que muitos idosos exercem trabalho informal, obrigações familiares, prestam serviços para instituições de naturezas diversas, ou retornam ao mercado formal de trabalho.

De forma semelhante, é impreciso considerar que os membros desse grupo etário gostem apenas de certos conteúdos culturais. Esse fato pôde ser percebido no estudo de Gomes e Pinto (2007), o qual buscou identificar e analisar o que os idosos que participam de um projeto de extensão universitária compreendem como lazer, através de quais atividades vivenciam e alguns fatores que interferem na efetivação de suas experiências. O estudo evidenciou que os sujeitos investigados mencionaram atividades que podem ser relacionadas a todos os interesses do campo do lazer (físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais), sugeridos por Dumazedier (1976), pelos interesses turísticos propostos por Camargo (1980). Dessa forma, através dessa relação encontrada nesse estudo de Gomes e Pinto (2007), foi possível suprimir a ideia de que o envelhecimento limita a vivência de diversificados conteúdos culturais.

É importante também salientar que esses conteúdos do campo do lazer (físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais), juntamente com o interesse virtual proposto por Schwartz (2003), não são exclusivos a esses locais de oferta de lazer específica aos idosos. Esse fato pode estar relacionado com a opção de muitos por saírem desses locais e de outros por não ingressarem nos mesmos. Há alguns aspectos que merecem ser estudados com relação à opção dos idosos por outros contextos.

A organização de programas de lazer exclusivos para a terceira idade desperta interesse em certos idosos. Contudo, não agrada outros, pois estes podem preferir locais

onde há contato com outras gerações. Magnani (2009), em discussão acerca da baixa participação masculina nesses programas, aponta que

ao invés de serem confinados a lugares específicos, poder-se ia pensar em formas de ampliar seu direito de circular, de usufruir. Se, de um lado é um direito seu ter espaços e instituições para o exercício de uma sociabilidade peculiar (com oferecimento de cuidados também peculiares) por outro lado cabe considerar que a cidade, na diversidade de seus espaços e equipamentos, abre um leque muito mais rico, mais amplo. (p.10)

Alves Junior (2008) concorda com Magnani (2009) ao expor sua preocupação com a segregação desse público, a fim de evitar a constituição de “guetos de idosos”. Do mesmo modo que a redução de idosos a certos espaços pode levar à falta de interesse dos mesmos por esses locais, a redução do lazer à prática de atividades físicas pode proporcionar os mesmos resultados. E, no entanto, é recorrente verificar a existência de estudos que fazem essa relação. A título de exemplo, Miranda, Guimarães e Simas (2007), analisaram os hábitos de lazer e estilo de vida de 23 padres e 49 freiras em Florianópolis (SC), com média de 75 anos de idade. Esses autores consideraram lazer e atividade física como sinônimos, sendo o lazer ativo aquele em que há prática de atividade física, de forma que aconselham a criação de políticas públicas que estimulem a prática de atividade física orientada e regular para os idosos religiosos.

Finalmente, cabe pensar que muitos idosos podem optar por não participar ou por sair desses programas simplesmente porque preferem ocupar seu tempo livre com atividades individualizadas, ou até mesmo fazer absolutamente nada. Melo (2003) destaca a necessidade de não classificar o tempo de lazer dentro de uma ótica funcionalista. Essa ótica engloba dois aspectos a serem rompidos, conforme o autor. Primeiro, a importância de deixar de visualizar o lazer superficialmente como atenuante de problemas sociais que envolvem os idosos, como questões de saúde e morte de familiares. Segundo, a quebra com o funcionalismo advento do sistema capitalista, em que o tempo de lazer deve ser ocupado sempre e com atividades consideradas produtivas.

Compreender o idoso que não obedece a essa ótica funcionalista é perceber que esse idoso também pode não se enquadrar no ideal de um idoso ativo. Debert (1999) evidencia a construção desse ideal. A autora relata que os estereótipos antigamente elaborados acerca dos idosos como seres solitários e abandonados, vem sendo substituídos pela imagem do idoso ativo. Trata-se de um idoso capaz de: oferecer

respostas criativas ao conjunto de mudanças sociais, remodelar identidades anteriores, adquirir novas formas de sociabilidade e de lazer, e relacionar-se com amigos e familiares. Esse processo foi traçado pela soma de ações diferenciadas dentro da sociedade. Primeiramente, pela afirmação das organizações estatais e privadas dos programas para a terceira idade como respostas privilegiadas aos problemas sociais relacionados à faixa etária. Em segundo lugar, pela veiculação midiática, nas suas diversas facetas, da *celebração do envelhecimento*, como conceitua Debert (1999). Essa celebração considera esse período da vida como detentor de privilégios para a realização pessoal, e abrange a ideia de eterna juventude, obtida facilmente através de novas formas de se vestir, de obter lazer, de se relacionar. Em terceira instância, pela necessidade de a Gerontologia se readaptar a essas novas representações, sendo os gerontólogos muitas vezes consultados pelos meios de comunicação para descobrir como evitar as mazelas da velhice. Segundo Debert (1999) o reflexo negativo dessa construção imagética é considerar o envelhecimento como problema social, mas de responsabilidade individual. Ou seja, só apresenta dificuldades aquele indivíduo que não busca ser diferente, não se empenha numa nova carreira, não adere novas atividades de lazer, não ingressa em programas de manutenção corporal. A responsabilidade pelo modo de envelhecer seria toda direcionada ao próprio idoso.

O lazer aparece, nesse sentido, como uma estratégia de evitar a velhice, possível de ser acessada por todo idoso. Na visão de Rodrigues (2002, p.106), “dentro de uma visão funcionalista e compensatória, o lazer vem, sob as vestes da saúde, trazendo a ideia da necessidade de manter uma vida ativa, adotar novas formas de comportamento levantando a bandeira da eterna juventude”. E justamente esse modo de enxergar o lazer pode ocasionar, muitas vezes, o efeito contrário ao esperado pelos programas ofertados: o afastamento do idoso, por não se identificar com essa concepção.

Acaba-se caracterizando o envelhecimento ativo como uma condição fundamental para um envelhecimento bem-sucedido (ALVES JUNIOR, 2008) sem, contudo, observar a realidade da maioria idosa brasileira e o acesso real dos idosos ao que é ditado como necessário para obter esse envelhecimento. A partir daí cria-se uma série de necessidades julgadas como características dessa faixa etária, sem muitas vezes se conhecer o posicionamento e as vontades desses indivíduos. Nesse aspecto, há o risco, conforme Melo (2003), de o lazer começar a ser visto como estratégia de mercado, como possibilidade de gerar lucros através de serviços direcionados aos idosos, elaborados sem convidar esses indivíduos a questioná-los e construí-los. Desse

modo, objetiva-se, no presente estudo, evitar as representações socialmente construídas das escolhas dos idosos, e propor questionamentos direcionados ao idoso, que busquem, verdadeiramente, averiguar o interesse de idosos por certas práticas de lazer.

#### **1.6.2.2 Motivos relacionados à busca de idosos por programas de lazer e à permanência desses por tempo prolongado**

Há uma boa quantidade de estudos que disponibilizam dados obtidos através de entrevistas e questionários acerca dos fatores que levam idosos a participar de programas de lazer específicos à sua faixa etária, e/ou a permanecer nesses locais por determinado tempo. Porém, há escassez de estudos que aprofundem as escolhas desses indivíduos, desconsiderando, por exemplo, uma possível relação de dependência dele com o programa.

Obviamente que o presente trabalho reconhece as oportunidades e ganhos dos idosos com esses programas. Afinal, a literatura científica nacional sobre o tema demonstra que os idosos:

- buscam projetos de extensão universitária por considera-los como experiência de lazer (GOMES; PINTO, 2006);
- recorrem a universidades abertas para a terceira idade para adquirir novos conhecimentos, busca por novas amizades, um novo sentido de vida, ocupação do tempo livre e lazer (SOUZA, 2001, 2004);
- participam de programas de lazer por aumentar o processo de integração entre as pessoas, a participação social, a ampliação dos laços de amizade, enfim, a sociabilização, fator motivacional para a escolha de práticas de lazer (PEREIRA; PEREIRA; MORELLI, 2006; OLIVEIRA; CABRAL, 2004; GOMES; PINTO, 2007; FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GASPARI; SCHWARTZ, 2005; SOUZA; GARCIA, 2008);
- com estes espaços coletivos procuram manutenção do equilíbrio biopsicossocial (PENNA; SANTO, 2006), promoção da saúde por recomendação médica (PENNA; SANTO, 2006), atenuação ou afastamento de dores pré-existentes (GOMES; PINTO, 2007), melhoria da saúde em geral (FENALTI; SCHWARTZ, 2003) e da qualidade de vida (GASPARI; SCHWARTZ, 2005);
- objetivam ampliação da vontade de viver (GOMES; PINTO, 2007; FENALTI; SCHWARTZ, 2003); e

- estão nestes projetos/programas/grupos pela extinção da solidão e aumento da autoestima (BULSING *et al.*, 2007).

Entretanto, um dos pontos necessários à investigação científica, mesmo diante de tantas contribuições desses espaços para o tempo de lazer e para a própria vida dos idosos, são as relações de dependência, seja com o local em si (e, por sua vez, com as atividades oferecidas), seja com os demais idosos, especialmente se a companhia é o fator motivacional para frequentar esses espaços. Afinal, conforme Baltes e Silverberg (1995), dependência implica num estado em que o indivíduo apresenta incapacidade de agir, nos mais diversos âmbitos, de modo satisfatório sem a ajuda de outrem. As autoras compreendem a importância do apego e das relações ao longo de todo o ciclo vital, mas alertam para a diferença entre apego seguro e inseguro. De acordo com elas, o apego seguro refere-se ao reconhecimento por parte do indivíduo de que necessita de ajuda e contato com outros, o que é benéfico, inclusive, para a construção e re-construção da autonomia individual. Ao contrário do apego inseguro, onde o indivíduo apoia-se totalmente em outro ou numa instituição, ferindo a sua capacidade autônoma.

E, o posicionamento do idoso como um sujeito dependente de uma figura poder, como um coordenador de um programa, por exemplo, ou de alguma instituição, não é raramente encontrado. Kroeff (2001) investigou como os idosos de oito grupos (sete subgrupos e o grupo principal) que representam a Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS) se organizavam e tomavam decisões no interior desses grupos. O estudo verificou que a grande maioria dos idosos reivindicava o papel de um líder como o coordenador para tomar decisões pelo grupo, mesmo quando os próprios coordenadores incentivavam os indivíduos a exercerem sua autonomia. A autora concluiu, nesse estudo, que “a tendência é que as pessoas desta faixa etária mantenham vínculos de dependência onde são mais sujeitadas do que sujeitos. Preferem ficar com *o poder* de conceder *o poder* ao outro e, assim, responsabiliza-lo pelas ações” (2001, p.119).

Outro ponto importante é o aspecto econômico, que também pode fundamentar a dependência de um determinado local no qual os gastos com o lazer são irrisórios ou inexistentes. Na pesquisa de Gomes e Pinto (2007), a maior parte dos idosos estudados, a despeito de renda própria, realiza atividades de lazer sem gastos significativos. Nessa direção, é possível que alguns idosos – provavelmente os que não tem renda individual

– dependam desses espaços para obter determinadas práticas de lazer, não tendo a oportunidade de vivenciar outras, pagas, que respondam a seus anseios.

Outro aspecto a ser considerado é a falta de atitude e motivação individual dos idosos, de modo que podem acabar se restringindo a esses espaços para a busca de lazer, não se configurando como capazes de procurar o que gostam por conta própria. Oliveira e Cabral (2004), no estudo que objetivou compreender as experiências de sociabilidade durante as atividades de lazer nos GCs de camadas populares de Campina Grande (PB), investigaram os idosos que não possuem outros meios ou recursos para desenvolver atividades de lazer fora do âmbito familiar. Eles relataram que para os entrevistados os recessos do grupo são encarados com ansiedade, com elevada expectativa pelo retorno às atividades, uma vez que os mesmos apenas saem de casa para ir aos grupos e se divertir. Essa afirmação demonstra a dependência desses idosos ao espaço frequentado, o que confirma a necessidade de se investigar com maior profundidade se a opção dos idosos é pautada em vontades próprias ou em situações de dependência.

### **1.6.3 O desenvolvimento do poder de escolha e da verdadeira autonomia nos idosos**

Analisar as possíveis relações de dependência entre o idoso e o programa de lazer é importante para investigar os porquês que podem levar o idoso a não exercer a verdadeira autonomia, e deixar seu poder de escolha limitado a programas específicos à sua faixa etária, ao invés de realizar escolhas de lazer dentro de toda uma cidade, uma sociedade. Neste estudo a expressão “verdadeira autonomia” significa a capacidade do indivíduo se posicionar verdadeiramente acerca das escolhas que realiza, apoiado nas suas vontades, nos seus anseios, nos seus próprios interesses. A partir disso, algumas perguntas são lançadas: será que cabe apenas ao idoso a responsabilidade por desenvolver sua autonomia? Será que muitos programas não se preocupam em incentivar o idoso a realizar buscas próprias, desvinculadas da instituição? Será que essas instituições também acabam exercendo uma espécie de apego com relação ao idoso, optando por conduzi-lo a não sair de suas portas?

É fundamental a ideia manifestada na “Carta do Lazer” (WRLA, 1998) de que o lazer assume grande relação com a opção livre por experiências, ou seja, com a liberdade de escolha. Dessa forma, acredita-se na importância de desenvolver estudos que estimulem os programas, por sua vez, a incentivar os idosos participantes a buscarem, não apenas na instituição, suas preferências de lazer. Conforme Rodrigues (2002, p.107), “os idosos devem ser preparados não para eleger produtos e sim

caminhos, devem ter a liberdade de conceber e realizar projetos, de construir o lazer, não só de consumi-lo.”.

Certamente não é apenas função das instituições preparar idosos para usufruir lazer nos diversos âmbitos sociais, mas também função de políticas públicas. Pereira, Pereira e Morelli (2006) ressaltam esta responsabilidade social:

Vemos como necessário, que a sociedade possibilite aos idosos maiores conhecimentos e informações as quais funcionarão como ferramenta, que lhes possibilitará terem mais autonomia e ampliar a visão de mundo ao conhecerem seus direitos como cidadão. (...) Para isso, acreditamos ser necessário, que as organizações públicas e privadas invistam em cursos preparatórios que possam instrumentalizar o idoso para autogerir sua vida, seu corpo e seus direitos, englobando conhecimentos gerais, educação para saúde, direitos e deveres do cidadão. (p.6)

Há a importância de se verificar também a dependência dos idosos com relação a outro indivíduo para a realização de determinada prática de lazer. No estudo de Oliveira e Cabral (2004), referido anteriormente, uma idosa relatou que nos finais de semana vai dançar forró com o filho, e que quando ele não pode ir, ela chora. Nesse contexto, surgem alguns questionamentos como: por que essa idosa não convida outros idosos ou outras pessoas a irem ao forró com ela? Será que esse filho encoraja a mãe a se dirigir ao forró mesmo em sua ausência?

Talvez o fator mais crucial para desenvolvimento da autonomia do idoso seja simplesmente convidá-lo a pensar e a participar de suas escolhas. Nesse sentido, Oliveira e Cabral (2004, p. 1633) atentam para a necessidade de incluir o indivíduo em todas as suas opções, de forma que “a possibilidade de reinterpretção e de manipulação do que é dado pela situação sócio-cultural localiza o indivíduo como elemento ativo e não apenas passivo da realidade.”.

Castro (1998, 2001, 2004) mostra essa importância de situar o idoso, assim como qualquer indivíduo, como sujeito de suas ações, utilizando como exemplo a UNITI-UFRGS. Este projeto de extensão universitária, com 20 anos de trabalho, possui subprojetos coordenados pelos próprios participantes, no exercício de co-gestão, de modo que a criação de novos grupos pode ocorrer à medida que novos integrantes entrem e se disponibilizem a desenvolver algum estudo ou atividade.

Outro exemplo de posicionar o idoso como agente de suas ações e escolhas é a Comissão de Núcleo de Bairro, formada por alunas do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), de Feira de Santana. As alunas dessa Comissão têm a função de

visitar os idosos do bairro, no caso o bairro Coronel José Pinto, a fim de estabelecer uma pauta comum de intenções visando à intervenção sociocultural no bairro. Assim, os velhos desse bairro tornam-se sujeitos políticos, capazes de agir em prol da revalorização do bairro e dos espaços existentes nesse dedicados à cultura e ao lazer. Através dessa Comissão e da demanda dos velhos residentes no bairro, foi criado o Grupo de Convivência Viver Feliz, que integra cerca de 40 idosos, ofertando atividades culturais, reuniões semanais e atividades de lazer (AGUIAR *et al.*, 2006).

Melo (2003) atenta para a necessidade de considerar os idosos como agentes de suas escolhas de lazer, e não apenas como receptores. Para Gomes e Pinto (2006) o desenvolvimento da autonomia do idoso com relação à escolha das práticas de lazer baseia-se, dessa forma, em duas responsabilidades – pessoal e social. Segundo os autores,

por um lado, ainda é necessária uma conscientização dos idosos para que se informem sobre as atividades de lazer que acontecem na cidade e se mobilizem para vivenciá-las. Por outro lado, os responsáveis pela promoção dessas experiências precisam ampliar a divulgação dos eventos e propostas socioculturais que possibilitem a participação do público idoso, proporcionando-lhe maior acesso e diversificação de suas vivências de lazer. (p.128)

Afinal, é importante, para realizar eficientes estudos acerca do lazer do idoso, perceber se esses idosos realmente praticam o que gostam, e quão limitantes são as relações de dependência. Além disso, cabe também pensar quais ações podem contribuir para situa-lo como agente de suas práticas de lazer, conduzindo-o para além dos muros de uma instituição, possibilitando, por sua vez, a oportunidade de outros idosos de participar dessas ricas experiências de lazer.

#### **1.6.4 A compreensão das diferenças de gênero nas escolhas de lazer**

Percebe-se na literatura nacional uma abordagem muito maior das práticas de idosos brasileiras do que de idosos. Claro que essa abordagem apresenta relação com o fato de as mulheres possuírem maior longevidade que os homens. Entretanto, ela não explica a baixa adesão masculina aos programas de lazer destinados à terceira idade.

Ruschel (1998), em estudo acerca do envelhecimento e diferenças de gênero, evidencia que as próprias mulheres que frequentam a Universidade para a Terceira Idade (UNITI/UFRGS) questionam-se sobre a baixa participação masculina no programa. A autora atribui essa diferença de adesão à inversão dos locais frequentados

por homens e mulheres, na velhice. Afinal, segundo a mesma, o homem, que passou maior parte do tempo fora de casa devido ao trabalho, na velhice, com a aposentadoria, prefere permanecer no lar, enquanto a mulher, que cuidou da casa toda a vida, passa a se interessar por outros ambientes, a fim de estabelecer novas interações sociais. O estudo de Areosa, Bevilacqua e Werner (2003), que investigou idosos que frequentam grupos de convivência no município de Santa Cruz do Sul, a fim de traçar o perfil desses idosos, contribui para reforçar essa ideia. Afinal, a pesquisa verificou que grande parte das mulheres havia sido, ao longo da vida, dona de casa ou, no caso das que residiam no meio rural, agricultora, enquanto a grande maioria dos homens teria exercido cargos externos ao ambiente familiar, como o de profissional autônomo, comerciante, funcionário público.

Moragas (1997, p.223) pondera que, “entre ambos os sexos, existem diferenças no lazer dos idosos, como existem diferenças entre o lazer de meninos e de meninas, ou de homens e de mulheres maduros”. Essa afirmação condiz com a realidade, sendo que o mais importante é compreender essa diferença e não se surpreender com ela. Devem ser buscadas ações que incentivem as práticas de lazer preferidas por homens, e não somente as por mulheres, como muitas vezes acontece. O estudo de Fenalti e Schwartz (2003) mostra essa preocupação em compreender os diferentes anseios ao questionar homens e mulheres da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre sugestões de mudanças. Os homens indicaram a necessidade de formar equipes esportivas para competir, proporcionar maior número de viagens, diminuir período de férias; as mulheres, além de concordarem com os homens, sugeriram cursos de danças, aulas de hidroginástica e de natação, construção de uma piscina térmica, cursos de línguas, cursos de culinária e aulas de instrumentos musicais.

A pesquisa de Scheuermann e Acosta (2007) analisou o comportamento de participantes de festividades para idosos na cidade de Santa Maria (RS). Os autores apresentaram preocupação em compreender as preferências masculinas. Os autores alertam para a necessidade de maior aprofundamento acerca destas últimas, uma vez que os homens estão se interessando mais por atividades em grupo, sendo perceptível o aumento da participação masculina.

Coutinho e Acosta (2009), ao observar a baixa participação masculina nos grupos de terceira idade da cidade, dedicaram-se a verificar as atividades de lazer realizadas por idosos homens residentes em Santa Maria (Rio Grande do Sul). Esse estudo tornou-se importante dentro dessa necessidade de estudar melhor as preferências

dos homens idosos. No entanto, apresenta limitações metodológicas, pois se baseou apenas em observação-participantes sem acessar diretamente a opinião dos participantes. Através do estudo conduzido, Coutinho e Acosta (2009) destacam que as diferenças de sexo no lazer advêm de questões culturais desenvolvidas ao longo da vida. Argumentam que o homem, por ter ficado mais tempo fora do lar devido ao trabalho anterior à aposentadoria, prefira, quando idoso, permanecer mais em casa ou em locais calmos onde seja possível conversar e realizar atividades relaxantes. De outro lado, os autores acreditam que a mulher, por ter tido ao longo da vida experiência contrária (ter permanecido no lar, para cuidar dos afazeres domésticos), opta por sair, fazer novas amizades, praticar atividades físicas, realizar o que antes não teve oportunidade de fazer. Coutinho e Acosta (2009) perceberam, ainda, que os homens se engajam mais em atividades físicas coletivas e de caráter competitivo, pois foram encontrados em clubes onde há oferta de jogos como bocha, sinuca e jogo de cartas.

Desse modo, reafirma-se a necessidade de estudar as opções de lazer dos homens idosos, uma vez que, se o lazer na velhice fundamenta o objeto de pesquisa do presente estudo, o lazer masculino na terceira idade deve ser incluído em seus objetivos. Assim, aprofundar o conhecimento disponível sobre o lazer do homem idoso poderá contribuir para ações públicas e programas de lazer no sentido de atender melhor às expectativas desses indivíduos. E, a fim de se compreender o papel do lazer no envelhecimento, é importante destacar que

ações destinadas aos grupos de convivência de idosos devem considerar o universo feminino na terceira idade e suas peculiaridades, ao mesmo tempo em que considerem alternativas que atraiam os homens, favorecendo sua integração social, informação, lazer e qualidade de vida. (Borges *et al.* 2008, p.2803).

As bases teóricas deste estudo foram assim apresentadas e discutidos, com o intuito de melhor fundamentar a importância da realização desta pesquisa, além de contribuir para a ampliação de conhecimentos do leitor acerca da relação do idoso com o lazer. Dessa forma, uma vez abordada a fundamentação teórica, torna-se imprescindível apresentar os procedimentos metodológicos empregados para possibilitar o alcance dos objetivos desta pesquisa, os quais serão evidenciados e detalhadamente expostos na próxima seção.

## 2 MÉTODO

Este estudo é de natureza predominantemente qualitativa, uma vez que lida com fenômenos sociais e prevê a análise hermenêutica dos dados coletados a partir desses fenômenos (LAVILLE; DIONNE, 1999; APPOLINARIO, 2004). Investigou e comparou os depoimentos de três grupos de idosos (delineamento intersujeitos, SPATA, 2005) a partir de entrevistas semi-estruturadas: o primeiro, constituído por idosos que frequentam um grupo de convivência por determinado período; o segundo, por idosos que já frequentaram um grupo e optaram por sair deste; e o terceiro, por idosos que nunca se interessaram por grupos de convivência. Considera-se que a fala, obtida nesta pesquisa através das entrevistas, é o material fundamental da pesquisa qualitativa, pois revela sistema de valores, normas e símbolos, significados compartilhados por uma coletividade, representações de grupos de acordo com determinadas condições histórico-culturais, sócio-econômicas (MINAYO; SANCHES, 1993; ZAGO, 2003).

O uso da entrevista de tipo semi-estruturado como procedimento de coleta de dados se justifica por permitir um roteiro de questões abertas com ordem prevista, na qual o entrevistador tem liberdade para acrescentar perguntas de esclarecimento. Desse modo, permite uma maior proximidade entre o entrevistador e o entrevistado, o que favorece uma maior exploração em profundidade das informações expostas (LAVILLE; DIONNE, 1999). A opção por esse instrumento ainda é justificada pelo analfabetismo funcional presente em 49% dos idosos brasileiros, e também pelo fato de a deficiência visual ser a deficiência mais recorrente em idosos da população nacional (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2009), o que dificultaria a realização de questionários escritos.

Trata-se de uma pesquisa que procura contribuir para ampliar o conhecimento científico acerca da relação do idoso com o lazer, especialmente diante do fenômeno da glamourização dos GCs. É, ainda, descritiva e exploratória, pois almeja aumentar a compreensão acerca de alguns fenômenos sociais ligados ao idoso: a permanência em longo prazo de idosos em instituições específicas a esse grupo etário; as causas não-fisiopatológicas que conduzem idosos a não participarem ou a saírem dessas instituições; as diferentes buscas e escolhas de idosos por atividades de lazer. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP-UFMG) por meio do parecer de número ETIC 190-11.

## 2.1 Participantes

Neste estudo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três perfis de idosos: 12 idosos que participam de um GC específico para sua faixa etária (perfil 1); 12 idosos que já participaram de um GC por pelo menos seis meses e optaram por sair (perfil 2); e 12 idosos que nunca optaram por participar de um GC (perfil 3). Em virtude deste delineamento intersujeitos, o procedimento amostral adotado apresentou, ao mesmo tempo, características da amostragem por quotas e também por conveniência. Foi em parte por quotas porque buscou representar três perfis distintos entre si, que foram comparados conforme os objetivos da pesquisa. Foi em parte por conveniência porque a localização destas pessoas e GCs não foi um procedimento simples, em virtude de não haver um cadastro geral que indicasse todos os GCs atuantes na cidade de Belo Horizonte. Ademais, nem todos estes GCs possuem um registro adequado de seus participantes e egressos. Neste sentido, contou-se com a colaboração da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes (SMAES) de Belo Horizonte para indicação dos grupos, e dos coordenadores dos grupos indicados, para recomendação dos sujeitos.

Há atualmente um grande número de GCs atuantes na cidade de Belo Horizonte (MG). Alguns estão atrelados a organizações religiosas, outros a instituições de ensino superior, e outros ainda possuem parceria com o governo municipal, por exemplo. Estes GCs em sua maioria cobram dos integrantes uma taxa de valor irrisório pela participação; poucos cobram taxas mais altas. A presente pesquisa procurou os três GCs mais antigos ainda em funcionamento na cidade registrados na Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) e que não cobram mensalidade/semestralidade, de acordo com a indicação da SMAES.

A SMAES forneceu informações para que o convite aos coordenadores dos três GCs mais antigos da cidade fossem contatados. Os coordenadores foram informados do estudo, autorizando assim o acesso da pesquisadora aos seus dados para contato, bem como a ida aos GCs.

Três GCs foram contatados: GC-I, GC-II e GC-III (os nomes dos grupos foram protegidos). O GC-I, que desenvolve atividades em um bairro da região de Venda Nova da cidade, teve suas atividades iniciadas no ano de 1994 e, de acordo com a coordenação, envolve um público circulante de 200 idosos. O grupo oferece reuniões semanais, nas segundas e quartas-feiras, com atuação dos profissionais do Programa Vida Ativa (PBH), para promoção de atividades físicas, danças, brincadeiras, passeios, comemorações e festas. Todos os dias há um lanche oferecido pelo grupo aos idosos,

após as atividades, e quando necessário, os participantes também contribuem ao levar alimento e/ou bebida. Cabe destacar que as festas, comemorações e passeios são esporádicos, e caso necessite, exigem contribuição financeira por parte dos participantes. Há também encontros semanais de idosos interessados em trocar experiências, tais como bordado, crochê, macramê, vagonite. A sala onde ocorrem as atividades do grupo não foi construída com esse intuito, sendo uma sala de aula comum, com um pequeno palco destinado ao posicionamento do professor e cadeiras, as quais ficam encostadas para realização das atividades físicas. Há uma quantidade pequena de materiais disponíveis às aulas, tais como som e bolas. No espaço que o GC-I ocupa para suas atividades, além do próprio grupo, existe também a Academia da Cidade (PBH), a qual envolve outras faixas etárias, atividades direcionadas a crianças, cursos para a comunidade em geral, eventos comunitários.

O GC-II, que desenvolve atividades em um bairro da região Norte da cidade, existe desde o ano de 1996. Também há no grupo a atuação do Programa Vida Ativa, entretanto, com apenas uma reunião semanal, às quintas-feiras. A sala onde ocorrem as atividades é bem pequena, tornando inclusive, difícil a realização de atividades físicas. Por outro lado, há, no parque onde o grupo se encontra, espaços abertos, próximos à natureza, pista de caminhada, quadras, os quais também podem ser utilizados pelo grupo. É um ambiente repleto de beleza natural. Nesse grupo, em especial, há bingo em todos os encontros, ou seja, em todas as quintas-feiras. Cabe destacar que o parque é aberto à população e oferece diversas atividades de educação ambiental, educacionais, esportivas, destinadas a diversas esferas da população belo-horizontina. Pôde-se perceber, através da pesquisa de campo, que há convênios com escolas municipais.

O GC-III, que desenvolve atividades em um bairro da região do Barreiro da cidade, funciona desde o ano de 2001. Há também a atuação do Programa Vida Ativa, de forma semelhante aos dois primeiros, e, assim como o GC-I, há encontros para trocar experiências com relação a trabalhos manuais. Percebeu-se que esse grupo apresenta melhor estrutura física para a realização das atividades do programa, uma vez que os encontros são realizados em uma grande quadra coberta, com sala para armazenar materiais (maior quantidade e melhor qualidade de materiais percebida pela pesquisadora). De acordo com a coordenação, o espaço é particular, de forma que o proprietário empresta o espaço para a PBH. No espaço acontecem outras atividades desenvolvidas especialmente com crianças, possivelmente através de convênios com escolas municipais.

Selecionou-se o mesmo número de homens e mulheres em cada perfil (6 homens e 6 mulheres). Além disso, definiu-se 60 anos como idade mínima para participar do estudo, conforme o Estatuto do Idoso (2003, Artigo 1º). Importante destacar que todos os participantes exibiram capacidade para participar de uma entrevista, demonstrando ausência de alterações sensoriais e desempenho cognitivo adequado. Não foram incluídos na amostra aqueles idosos que apresentaram algum problema de saúde ou patologia (física ou mental) que pudesse interferir no procedimento de coleta de dados por entrevista, conforme observação e descrição dos coordenadores consultados na pesquisa. Os participantes dos três perfis são de etnia (“cor”) e de nível socioeconômico (classes e grupos sociais) variados.

No primeiro perfil, foram investigados 12 indivíduos oriundos dos três GCs descritos, há mais tempo em funcionamento em Belo Horizonte (MG) e registrados na PBH. Foram convidados a participar da pesquisa aqueles 04 idosos de cada GC (02 homens e 02 mulheres) que há mais tempo frequentam o mesmo, segundo os registros deste último.

No segundo perfil, foram selecionados 12 indivíduos que saíram dos mesmos três GCs envolvidos na coleta de dados para o perfil 1, sendo 04 idosos por GC (02 homens e 02 mulheres). Foram convidados a participar da pesquisa aqueles que saíram mais recentemente do GC, em virtude da maior facilidade de encontrá-los pelos dados cadastrais no GC, possivelmente atualizados, e por estarem mais situados acerca da proposta atual da instituição. Dessa forma, primeiramente foram consultados os dados cadastrais dos idosos, obtidos a partir dos GCs, para selecionar aqueles que participaram do grupo por, pelo menos, seis meses, e saíram. Esse critério de inclusão tornou-se necessário, pois o planejamento e o funcionamento desses grupos seguem geralmente a divisão por semestres. A experiência profissional direta da pesquisadora com este tipo de trabalho tem indicado que seria primordial que os indivíduos investigados tivessem, pelo menos, vivenciado toda a programação de no mínimo 01 semestre do GC para que assim pudessem optar de maneira esclarecida a não fazer parte dessa proposta no semestre seguinte.

No terceiro perfil, foram identificados 12 indivíduos que nunca optaram por frequentar GCs específicos à faixa etária, sendo 06 homens e 06 mulheres. Estes indivíduos foram localizados a partir de indicação de integrantes e egressos dos GCs envolvidos na pesquisa e, em virtude da não indicação de muitos e do não interesse de

alguns indicados em participar, através de indicações de pessoas conhecidas (ou seja, seleção por conveniência, desde que atendessem aos critérios da pesquisa).

A princípio, pretendia-se na pesquisa, tanto para o perfil 2 como para o perfil 3, considerar-se o critério de ausência de incapacidades físicas ou mentais, patologias próprias ou de familiares para a saída do GC ou a não-participação. Em outras palavras, no perfil 2, por informação dos profissionais que trabalham com o GC ou por telefonema a estes sujeitos, era pretendido somente convidar a participar do estudo os indivíduos que optaram pela saída do grupo por motivos que não incluíssem incapacidades físicas ou mentais, patologias próprias ou de familiares. Entretanto, algumas dificuldades em efetuar essas restrições ocorreram. Primeiramente, o fato de não ter tido êxito em contatar muitas pessoas indicadas pelos coordenadores, que se encaixavam no perfil 2, por mudanças dos dados – tais como telefone, endereço – não comunicadas aos coordenadores. Em segundo lugar, após eliminar possíveis sujeitos pela falta de dados atualizados, a inexistência de 4 pessoas que saíram do GC não por motivos de doença, conforme informações dos coordenadores. Nesse sentido, houve alargamento do critério de inclusão, de forma que alguns indivíduos pesquisados poderiam ter saído do GC por motivos de doença, desde que houvesse outro motivo aliado. Esse critério foi assim atendido.

Para o perfil 3 foi pedido aos integrantes dos demais perfis e a conhecidos da pesquisadora que indicassem pessoas que não se interessam em frequentar GC por motivos que não incluam incapacidades físicas ou mentais, patologias próprias ou de familiares. Esse critério, para este perfil, foi atendido. Em seguida, os participantes em potencial para o perfil 3 foram contatados através de telefonema para averiguar aqueles que buscam atividades de lazer externas ao âmbito residencial. Afinal, grande parte dos estudos científicos disponíveis já descreveu as atividades de lazer que idosos costumam praticar em seus lares (DOIMO; DERNTL; LAGO, 2008; GOMES; PINTO, 2006), e foi objetivo desta pesquisa buscar a existência de outros motivos possíveis para estas pessoas não frequentarem o GC – motivos não estudados até o presente momento.

A média de idade dos 36 entrevistados foi de 70,9 anos, sendo as idades mínima de 60 anos e máxima de 90 anos. Dos entrevistados, 14 homens são casados, 02 são separados ou divorciados (não especificaram se houve separação ou divórcio), 01 é viúvo e 01 é solteiro. Das entrevistadas, 09 são viúvas, 06 são casadas e 03 são solteiras.

## **2.2 Instrumentos e materiais para a coleta de dados**

Após as identificações iniciais e convite dos indivíduos para cada um dos perfis, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Os roteiros de perguntas foram pré-estabelecidos, sendo cada roteiro dedicado a um perfil. A elaboração dos roteiros tornou-se necessária, pois cada perfil representa uma realidade diferenciada.

As perguntas direcionadas ao perfil 1 (Apêndice A) objetivaram detectar nas respostas os motivos que conduzem esses indivíduos a permanecerem por tempo prolongado nos determinados GCs. As perguntas direcionadas ao perfil 2 (Apêndice B) objetivaram detectar os motivos que os conduziram a sair de determinados GCs. E, as perguntas direcionadas ao perfil 3 (Apêndice C) visaram detectar as razões relacionadas à ausência de interesse em participar de GCs. Foram solicitadas aos idosos dos três perfis as informações: nome completo, idade, sexo e estado civil, a fim de caracterizar a amostra.

Além da utilização dos roteiros de entrevistas, foi utilizado um caderno de campo. O caderno de campo é instrumento importante para que o pesquisador acrescente detalhes que extrapolam a fala, como gestos, silêncios, expressões faciais, alterações da entonação de voz (BORDIEU, 1999).

## **2.3 Procedimento de coleta de dados**

Após a aprovação do trabalho pelo COEP/UFGM, foi estabelecido contato formal com a SMAES da PBH a fim de obter permissão para o acesso ao cadastro dos GCs nela registrados. A Secretaria foi contatada e informada sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem empregados e demais informações sobre a pesquisa. Todos estes dados estão contidos no Termo de Anuência Institucional para a PBH (Apêndice D), entregue impresso no momento deste contato. Como houve concordância em colaborar com a pesquisa através do acesso aos dados dos GCs, a Secretaria assinou o Termo de Anuência Institucional em duas vias de igual teor (uma para a prefeitura, e outra para a pesquisadora).

Após a obtenção do Termo de Anuência Institucional da PBH, numa primeira etapa a pesquisadora consultou a SMAES para obter indicação de quais GCs registrados pela prefeitura são gratuitos ou cobram taxas irrisórias e passíveis de negociação e, dentre estes, os três que funcionam há mais tempo na cidade. Este procedimento visou atender ao critério de seleção dos GCs.

Numa segunda etapa, foi estabelecido contato formal com a coordenação dos GCs selecionados para convidar para colaborar com a pesquisa, situando o coordenador do GC sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem empregados e as demais informações, todas também contidas no Termo de Anuência Institucional para o GC (Apêndice E). Como houve concordância, os coordenadores contatados colaboraram com a pesquisa através da permissão para acessar às fichas cadastrais de integrantes e de egressos, de forma que todos assinaram o Termo de Anuência Institucional referido, em duas vias de igual teor (uma para o GC, e outra para a pesquisadora).

Na terceira etapa, as pesquisadoras, com auxílio e indicação dos coordenadores, consultaram as fichas cadastrais dos idosos que frequentam os GCs selecionados, para identificar em cada GC os participantes com 60 ou mais anos de idade que se encontram no determinado GC por maior período de tempo (perfil 1). Foram selecionados 04 participantes por grupo (02 homens e 02 mulheres). Estes procedimentos visaram atender ao critério de inclusão dos participantes.

Também foram consultadas as fichas cadastrais dos egressos dos mesmos três GCs para identificar aqueles com 60 ou mais anos de idade que saíram mais recentemente e que participaram por tempo mínimo de seis meses desses GCs (perfil 2). Foram selecionados 04 egressos por grupo (02 homens e 02 mulheres). Para atender ao critério de inclusão dos participantes referentes ao perfil 2, informações dos profissionais que trabalham nesses GCs foram solicitadas, assim como efetuou-se telefonema aos sujeitos identificados na etapa anterior para, a princípio, identificar aqueles que optaram pela saída do grupo por motivos que não incluam incapacidades físicas ou mentais, nem patologias próprias ou de familiares. Entretanto, como os dados de muitos que se encaixavam no perfil estavam desatualizados, tornou-se difícil encontra-los, e ainda, alguns encontrados apresentavam estado de saúde incompatível com os exigidos para a realização da entrevista. Nesse sentido, houve alargamento do critério inicialmente pretendido, de forma que foram incluídos ao estudo alguns indivíduos que saíram do GC por motivos de doença, desde que houvesse um outro motivo aliado a essa saída.

Na quarta etapa, os idosos referentes aos perfis 1 e 2 foram abordados e convidados. No momento do convite foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-1 (TCLE-1) (Apêndice F), em duas vias de igual teor (uma para o participante e uma para a pesquisadora). A pesquisadora se ofereceu para oralmente

informar sobre o conteúdo do TCLE e/ou lê-lo, a critério do participante. Não houve participante algum com dificuldade de visão que o impedisse de ler e assinar o TCLE, de forma que todos concordaram em participar e assinaram o termo.

Em seguida, foi solicitado aos indivíduos dos perfis 1 e 2 a indicação de sujeitos com 60 ou mais anos de idade que não se interessam em frequentar GC por motivos que não incluam incapacidades físicas ou mentais, nem patologias próprias ou de familiares. Como as indicações não foram suficientes para atender ao número esperado de sujeitos (12, assim como nos demais perfis), e ainda, alguns indicados não mostraram interesse em colaborar com a pesquisa, indicações realizadas por conhecidos da pesquisadora tornaram-se necessárias. Estes procedimentos relacionaram-se à busca de participantes para o perfil 3. Assim, os participantes em potencial para o perfil 3 foram contatados através de telefonema para averiguar aqueles que buscam atividades de lazer externas à moradia. Foram convidados a participar do estudo aqueles que melhor atenderam ao critério de inclusão de participantes referente ao perfil 3. Os indivíduos determinados a participarem do perfil 3 foram abordados e convidados de forma similar à utilizada para convidar os integrantes dos demais perfis, também através da assinatura de TCLE (TCLE-2, Apêndice G). A pesquisadora também não precisou seguir procedimentos tais como exemplificados anteriormente pois não houve, por parte de entrevistado algum, dificuldades de visão que impedissem a leitura e posterior assinatura do termo. Como nos perfis anteriores, todos aqueles que aceitaram em colaborar com a pesquisa assinaram o termo.

Para os três perfis, foi assegurada ampla liberdade de participação/recusa/desistência sem qualquer tipo de prejuízo para o idoso, em qualquer momento da pesquisa. Caso houvesse recusa em participar da pesquisa ou de desistência em qualquer momento da pesquisa, mesmo após assinar os termos, a pesquisadora garantiria amplo sigilo destas opções.

Os idosos participantes da pesquisa receberam informações sobre os objetivos, os benefícios e riscos em participar do estudo, bem como a garantia de privacidade na coleta de dados, anonimato e sigilo quanto a todas as informações coletadas. Para realização das entrevistas e ainda, para utilizar o recurso de gravação das mesmas, foi solicitada permissão ao idoso para gravar os depoimentos. Caso houvesse não concordância para utilização do gravador, os registros de campo seriam empregados na tentativa de captar o máximo de informações ao longo das entrevistas. Entretanto, todos os sujeitos autorizaram a gravação das entrevistas.

Após a obtenção da assinatura do TCLE em duas vias, foi combinada com o participante a realização da entrevista. Este agendamento ocorreu de acordo com a disponibilidade de horários do idoso. Para que a entrevista pudesse ser conduzida com os indivíduos do perfil 1, foi solicitada ao GC uma sala apropriada que garantisse privacidade, com mínimo conforto, mínimo ruído exterior e sem acesso de outras pessoas no decorrer da entrevista. Em todos os GCs foi disponibilizado um espaço apropriado para a realização das entrevistas, que atendesse aos critérios anteriormente descritos. Os indivíduos do perfil 2 optaram pela realização das entrevistas no GC do qual fazia parte ou em suas residências. A grande maioria optou pela participação na pesquisa em casa, o que tornou-se uma dificuldade da pesquisa. Primeiramente, porque os indivíduos, como eram contatados por telefone disponibilizado pelos coordenadores, estranhavam o fato de uma desconhecida procura-los, com receio de “golpes” comumente aplicados principalmente a pessoas dessa faixa etária. Alguns mostraram resistência em participar, devido a esse primeiro estranhamento, aceitando contribuir após esclarecimentos da pesquisadora. Em segundo lugar, porque os idosos também eram desconhecidos por parte da pesquisadora, bem como as regiões de suas residências e possíveis riscos envolvidos, tais como exposição a áreas mais ermas, menos urbanas, com índices consideráveis de criminalidade. Todos os participantes do perfil 3 foram entrevistados em suas residências, de forma que as entrevistas direcionadas a esse perfil abarcaram as mesmas dificuldades anteriormente relatadas com relação ao perfil 2.

As entrevistas foram individuais e realizadas pela pesquisadora nos GCs (no caso do perfil 1 e para alguns indivíduos do perfil 2, com autorização desses espaços) e nas residências dos idosos (no caso dos perfis 2 e 3). As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. O caderno de campo também recebeu anotações após a entrevista. Todos os dados coletados no presente trabalho foram utilizados para fins exclusivos desta presente pesquisa. Serão armazenados de um a dois anos após a defesa de Dissertação de Mestrado na sala da pesquisadora-orientadora-responsável, com acesso restrito às pesquisadoras-responsáveis pela presente pesquisa (mestranda e orientadora). Após o período de armazenamento, os dados serão descartados.

#### **2.4 Procedimentos de cuidados éticos**

A seguir é descrita a análise crítica dos possíveis riscos e benefícios, com avaliação de nível de gravidade e com indicação de procedimentos de minimização.

Cabe ressaltar que em todos os passos da pesquisa foram e continuarão assegurados a integridade física e moral e o bem-estar dos idosos, acima de qualquer interesse.

Quanto aos possíveis riscos da participação na presente pesquisa, considerou-se que os mesmos foram mínimos (pequenos), na forma de possível constrangimento ou desconforto emocional no momento da entrevista. A minimização diante deste risco ocorreu através de pausa durante a entrevista para permitir que o entrevistado descansasse e relaxasse, com o entrevistador consultando-o sobre a possibilidade de continuação da entrevista. Não houve necessidade de remarcações de entrevistas, de forma que, quando houve pausa, o indivíduo prosseguiu por livre e espontânea vontade com a entrevista, sem informar ou demonstrar qualquer prejuízo ou desconforto.

Os benefícios advindos desta pesquisa são científicos na medida em que procura contribuir para novos conhecimentos ao comparar três perfis de idosos com relação à escolha em participar ou não de um GC. Os benefícios em nível profissional são de poder contribuir para que os GCs reflitam quanto à permanência prolongada de idosos no grupo, quanto à necessidade de incentivar outras buscas de lazer além dos muros dos GCs, e para que esses atentem para os diferentes anseios de lazer desses indivíduos, e se esses estão sendo atendidos. Quanto aos benefícios pessoais para cada entrevistado, acredita-se que, indiretamente, a participação na entrevista possa ter contribuído para que ele(a) refletisse sobre suas próprias escolhas de experiências de lazer, tornando-se agente deste processo.

Todos os procedimentos envolvidos na presente pesquisa atentam para as garantias de: liberdade de participação/recusa/desistência sem qualquer tipo de prejuízo ao entrevistado; privacidade ao entrevistado; anonimato e sigilo a todas as pessoas envolvidas (coordenador do GC, idoso/a); amplos esclarecimentos sobre a pesquisa nos Termos de Anuência Institucional, nos TCLE e nos contatos pessoais através de esclarecimentos orais; respeito à disponibilidade dos envolvidos quanto aos horários para realização da entrevista; acesso restrito aos dados coletados pelos pesquisadores envolvidos nesta pesquisa; uso exclusivo dos dados coletados para esta presente pesquisa; e armazenamento e descarte adequados dos dados coletados.

## **2.5 Procedimentos de análise dos dados**

Os dados obtidos através das entrevistas foram analisados com inspiração no método de Análise de Conteúdo, definida por Bardin (2009) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Os relatos foram analisados conforme as etapas

de análise propostas por Bardin (2009) e reconfiguradas conforme as especificidades deste estudo: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na etapa de pré-análise os dados foram organizados: os relatos foram escutados e transcritos a fim de possibilitar impressões iniciais acerca das informações obtidas. Os dados do primeiro grupo foram organizados em tempo de frequência, motivos para procurar o GC, motivos para permanência nesse, atendimento às expectativas de lazer, práticas de lazer externas ao âmbito do lar, anseio por novas experiências de lazer, preferências de lazer. O segundo grupo teve os dados organizados em tempo de frequência antes de sair do GC, razões para procurar o grupo, razões para sair desse, práticas de lazer externas ao âmbito do lar, anseio por novas experiências de lazer, preferências de lazer. Os dados obtidos a partir dos relatos do terceiro grupo foram separados em motivos pelo não interesse em GCs, motivos pelo interesse na instituição onde se insere, anseio por novas experiências de lazer, práticas de lazer externas ao âmbito do lar, preferências de lazer.

A etapa de exploração do material correspondeu à identificação de diferenças, paridades e relações entre os relatos, a fim de permitir a construção de categorias de análise com base nas respostas transcritas. Esta etapa contou com o envolvimento de duas avaliadoras (pesquisadora e avaliadora convidada), cientes do estudo, as quais agregaram os relatos em unidades temáticas com semelhança de sentido para posterior criação de categorias. E, em casos de discrepância de julgamentos entre as duas avaliadoras, houve a decisão da terceira avaliadora (orientadora), cuja função era solucionar dúvidas e disparidades quanto à construção das categorias. As categorias foram formadas através de blocos temáticos obtidos a partir dos relatos dos sujeitos, cujas denominações foram decididas em conjunto.

A última etapa de análise consistiu em tratar os resultados de forma válida, em selecionar aqueles significativos para a pesquisa, para que pudesse ser executada a interpretação desses resultados, conforme as categorias de análise geradas pela etapa anterior. Nessa etapa, hipóteses foram geradas, com fundamento na revisão da literatura teórico-conceitual e empírica descrita no trabalho, para tentar explicar as relações encontradas através das categorias de análise. Neste momento, verificou-se a existência de elo entre as informações dos indivíduos dos três perfis, de forma que, por exemplo, foi avaliado se um motivo de um grupo de idosos para participar de GCs tem relação com um motivo de outro grupo não participar desses grupos. Assim, a partir dessa

interpretação, inferências relacionadas ao objetivo da pesquisa puderam ser construídas, culminando na elaboração de conclusões da pesquisa.

### **3 RESULTADOS**

Os resultados desta pesquisa foram delineados a partir da análise de conteúdo dos relatos obtidos nas entrevistas. Os dados foram organizados em unidades temáticas e essas, aglomeradas em categorias. Em cada tabela há a divisão de respostas por sexo, sendo a letra M representativa do sexo masculino e a letra F do sexo feminino. O total (T) indica o total de pessoas envolvidas nas respostas equivalentes a cada categoria, sendo que uma mesma pessoa pode ter mais de uma resposta dentro de uma mesma categoria. Cabe ainda ressaltar que um mesmo sujeito pode ter resposta em mais de uma categoria.

As tabelas estão apresentadas com base em questões realizadas nos roteiros de entrevistas, separadas por perfil de idosos entrevistados. Em cada tabela há explicações breves com relação às categorias ou às unidades temáticas. Há ainda, esclarecimentos com relação à elaboração de cada tabela, assim como a associação dessa com as questões da pesquisa.

#### **3.1 Resultados relacionados ao Perfil 1 (participantes de GC)**

##### **3.1.1 Participação no GC**

As tabelas 1, 2 e 3 se referem à participação dos idosos em um GC, uma vez que indicam os motivos para procurar ou permanecer no grupo e o tempo de permanência. A TAB 1 foi construída com os dados obtidos através da pergunta “Por que procurou este grupo?”, a fim de detectar objetivos que levaram o idoso a iniciar sua participação no grupo em questão.

TABELA 1  
Motivos para procurar este Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Relacionamentos interpessoais	Ter amigos	-	01	04
	Conhecer pessoas	-	01	
	Convite de uma vizinha	-	01	
	Conversar com pessoas e receber carinho	01	-	
Situação civil	Ficou viúva e só	-	02	04
	Acompanhar esposa	02	-	
Preocupação com a saúde	Problema de coluna	01	-	07
	Depressão	01	02	
	Tava muito parado(a)	01	03	
	Tava na idade	-	01	
	Um lugar para fazer ginástica	-	01	
	Pra fazer exercício	01	-	
Saída do ambiente doméstico	Fazer umas atividades	-	01	03
	Pra sair de casa	-	02	
Outros motivos	Fazer algo fora dos afazeres de casa	-	01	02
	Aposentou	01	-	
	Mudou-se para perto deste GC	01	-	

FONTE: Criada pela própria autora.

A categoria relacionamentos interpessoais se refere tanto à busca de novas relações sociais quanto ao estímulo da participação em virtude de uma relação preexistente ou de um convite. A categoria situação civil reflete a relação do estado civil do idoso com a busca por um GC.

Observou-se que 07 pessoas relataram a **preocupação com a saúde** como importante motivo para procurar um GC. Em seguida, em igualdade, encontraram-se as categorias **relacionamentos interpessoais e situação civil**, com 04 pessoas cada.

A TAB 2 foi elaborada através da pergunta “Há quanto tempo você frequenta este grupo?”, a fim de averiguar o tempo de permanência do idoso. O corte de dois em dois anos foi estabelecido com base em dados do Programa Vida Ativa, os quais apontam a ocorrência de alterações no quadro de idosos a cada 2 anos, aproximadamente. Nessa tabela em especial, obviamente, não foi possível obter a resposta de um sujeito em mais de uma categoria.

TABELA 2

Tempo de permanência no Grupo de Convivência, em anos

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
De 8 a 10	8	01	-	06
	+ ou - 8	-	01	
	+ ou - 8 ou 9	01	-	
	Deve ter quase 10	01	-	
	Aproximadamente 10	01	-	
	10	-	01	
De 10 a 12	+ de 10	-	01	01
De 14 a 16	15 (desde 1996)	-	01	01
De 16 a 18	Uns 16, 17	-	01	01
+ de 20 (imprecisão)	Deve ter + de 20	01	-	01
Imprecisão	Bastante tempo	01	-	02
	Desde 1º dia	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

Seis sujeitos estão no GC de 8 a 10 anos. A partir de 10 anos de frequência há registro de 01 sujeito por faixa de 2 anos, sendo que 2 indivíduos apresentaram imprecisão quanto ao tempo de frequência. Já a TAB 3 foi construída a partir de respostas à pergunta “Por que você acha que está todo este tempo neste grupo?”, com o intuito de verificar os motivos que levam os idosos a perdurar no grupo em questão.

TABELA 3

Motivos para continuar por tanto tempo neste Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Vínculos com pessoas próximas	Encontrei amigos	01	-	06
	Gosto de todo mundo	02	01	
	Acompanho esposa	01	-	
	Pessoal me trata bem	01	-	
	Gosto dos colegas	-	01	
	Encontrei pessoas sinceras, mesmo nível da gente	01	-	
	Amo esse grupo	-	01	
	Todos são muito chegados a gente	01	-	
Vínculo com orientadores	Gosto do coordenador	02	-	06
	Amo a minha coordenadora	-	01	
	Nossa coordenadora é uma mãe	-	01	
	Gosto do professor	01	01	
	O professor tem muito carinho com a gente	-	01	
Vínculo com o programa	Ambiente saudável	-	01	03
	Gosto do programa	02	-	
Preocupação com a saúde	É bom fazer ginástica	-	01	07
	Gosto de fazer exercício	01	-	
	Tem muitas atividades, ficar parado é ruim	01	01	
	Atividade física, é bom dar continuidade	01	-	
	A gente precisa fazer exercício	-	01	
	Parei de tomar remédio	-	01	
	Melhorei muito (saúde)	01	-	
Outros motivos	Aprendi muita coisa	01	-	04
	Porque é diferente do serviço de casa	-	02	
	Lugar bonito	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

Observou-se que 07 idosos relataram como motivo para permanecer, pelo período relatado na TAB 2, a **preocupação com a saúde**. Em seguida, 06 relataram o **vínculo com pessoas próximas** e 06 o **vínculo com orientadores**. Percebe-se que os vínculos afetivos foram, na verdade, a maior motivação para permanecer no grupo, uma vez que 08 sujeitos foram envolvidos nas duas categorias (com 6 pessoas cada, sendo que uma mesma pessoa se encontrou nas duas categorias e houve pessoas que emitiram resposta que não entraram em nenhuma das categorias). Entretanto, como o papel do orientador do GC é destacado ao longo das entrevistas, entende-se pertinente executar essa separação em duas categorias.

### 3.1.2 Atividades do Grupo de Convivência

A TAB 4 foi elaborada a partir da pergunta “Que atividades você faz no grupo?”, a fim de captar de quais atividades o sujeito participa no grupo. A categoria exercícios para independência física envolve as atividades físicas cujo objetivo central é

promover e manter a independência física do idoso. Por isso a separação da categoria dança, cujas práticas também são atividades físicas, entretanto, não tem, como objetivo central, a independência física do indivíduo. A categoria dança abrange a prática de dança nos contextos das aulas, enquanto a categoria baile envolve a prática de dança em momentos específicos, fora das aulas, organizados para os idosos. Festas e comemorações ficaram em categorias separadas, pois a categoria festas envolve festas em geral, com ausência de motivos relacionados a datas específicas, enquanto a categoria comemorações envolve celebrações de datas especiais, como aniversários e Dia das Mães.

TABELA 4

Atividades que faz no Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Exercícios para independência física	Alongamento	03	02	12
	Caminhada	01	01	
	Lian Gong	01	-	
	Exercícios de yoga	01	-	
	Ginástica	05	04	
Dança	Dança em geral	02	03	06
	Quadrilha	01	02	
Baile	Baile / Forró	02	01	03
Práticas musicais	Coral	02	01	03
	Toca para o grupo	01	-	
Comemorações	Festa de fim de ano	01	01	05
	Festa junina	-	01	
	Dia das mães	-	01	
	Aniversários	-	01	
	Semana do idoso	-	01	
	Semana da mulher	-	01	
Festas	Festas em geral	04	01	05
Passeios	Passeios em geral	04	03	08
	Caminhada pelo Envelhecimento Saudável	-	02	
Trabalhos manuais	Artesanato	-	01	02
	Crochê	-	01	
	Vagonite	-	01	
	Macramé	-	01	
	Tricô	-	01	
	Bordado	-	01	
Interações sociais	Conversar	02	01	04
	Fazer amizade	01	-	
	Lanche de confraternização (merendar com a turma)	02	-	
Bingo	Bingo	01	02	03
Brincadeiras	Brincadeiras	01	02	03
Outras respostas	Rezar	01	-	02
	Trabalho voluntário	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

A totalidade dos entrevistados relatou a participação em **exercícios que objetivam a independência física**. Os **passeios** foram relatados por 08 idosos, a **dança** por 06 idosos e as **comemorações e festas** por 05 pessoas cada.

A TAB 5 é oriunda da pergunta “Qual a sua atividade preferida no grupo?”, com o objetivo de detectar preferências com relação às atividades oferecidas. Do total de 13 respostas, 01 idosa apresentou duas preferências: passeios e ginástica. Observou-se que 07 entrevistados declararam não apresentar preferência com relação ao que é ofertado no GC.

TABELA 5

Preferência com relação a atividades

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Não tem	Gosta de todas	05	02	07
Passeios	Passeios	-	02	02
Exercícios que objetivam a independência física	Exercícios/ginástica	01	02	04
	Alongamento	-	01	
	Esporte/Educação Física	01	-	

FONTE: Criada pela própria autora.

Através da pergunta “Tem alguma atividade que não tem no grupo hoje e que você gostaria que tivesse? Por quê?”, tornou-se possível a construção da TAB 6. Essa pergunta buscou verificar se o entrevistado possui alguma sugestão, alguma crítica ou ideia nova para o grupo onde se insere.

TABELA 6

Sugestões – o que gostariam que tivesse no Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	Motivo	T
Sugestão	Passeios	-	01	Sair do bairro, conhecer lugares	06
	Hidroginástica	-	01	É bom pra idade	
	Forró	02	-	Divertimento, terapia Alegra, junta gente	
	Mais caneleiras, pesos	01	-	Exercícios muito leves	
	Esteira	-	01	Seria bom	
Satisfeito	Está completo	02	02	Preenche o espaço Bem programado Não tem vontade Não justificou	04
Outra sugestão	Aumentar 01 dia/semana	-	01	Dois dias é muito pouco	01
Sem sugestão		01	-	Faz ginástica em outro lugar	01

FONTE: Criada pela própria autora.

Observou-se que metade dos idosos indicou, como sugestão, algumas atividades não encontradas atualmente no GC, por motivos particulares diversos. Por outro lado, 04 idosos relataram estar satisfeitos, uma vez que o programa está completo.

### 3.1.3 Incentivos dentro do Grupo de Convivência

A fim de verificar a existência de incentivos das mais diversas ordens que motivem o idoso a participar do GC e das práticas existentes nesse foi elaborada a questão “Tem alguém que o(a) incentiva a participar do grupo? E das atividades?”. Essa pergunta buscou analisar o tipo de apego inseguro do idoso com o GC, ao apoiar-se em alguém ou na instituição para justificar a participação. A TAB 7 mostra estes resultados.

TABELA 7

Incentivo para participar do grupo e/ou das atividades

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
<b>INCENTIVOS PARA PARTICIPAR DO GC</b>				
Automotivação	Venho porque eu quero	-	03	05
	Fiquei sabendo, vim e gostei	01	-	
	Por minha conta, nunca precisei de incentivo	01	-	
Incentivo familiar	Filhos	01	01	04
	Esposa	02	-	
	Neta	01	-	
Pessoas próximas	Colegas	-	01	03
	Convite da vizinha para entrar	-	01	
	Coordenadora	01	-	
<b>INCENTIVOS PARA AS ATIVIDADES DO GC</b>				
Incentivo de orientadores	Faço o que a professora manda	-	01	07
	Professoras	-	01	
	Coordenador	03	02	
Incentivo de colegas	Colegas	01	-	01
Automotivação	Automotivação	-	01	03
	Não preciso de incentivo	01	-	
	Ninguém incentiva	-	01	
Não compreendeu	Não soube dizer	01	-	01

FONTE: Criada pela própria autora.

A **automotivação** foi relatada por 05 entrevistados. Em seguida, o **incentivo familiar** e, por fim, o **incentivo de pessoas próximas**. Os incentivos para as atividades indicam, para esta pesquisa, o incentivo também a continuar no GC, uma vez que a

figura do orientador (professor e/ou coordenador) foi citada por 07 entrevistados, de forma semelhante ao exposto na TAB 3 deste estudo.

### 3.1.4 Práticas realizadas no tempo livre

A partir da pergunta “Você pratica alguma atividade no seu tempo livre fora do grupo? Qual?”, esperava-se que os entrevistados relatassem as práticas realizadas no tempo livre dentro de casa, justificando a necessidade da existência da pergunta seguinte: “E fora de sua casa? Qual?”. Entretanto, muitos já respondiam, na primeira pergunta, o que faziam fora de casa, conduzindo algumas vezes à necessidade de efetuar a pergunta complementar “e dentro de casa?”. Dessa forma, através dos relatos oriundos das duas perguntas, elaborou-se a TAB 8 (atividades que faz dentro de casa) e a TAB 9 (atividades que faz fora de casa, com exceção do GC).

TABELA 8

Atividades que faz dentro de casa

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Afazeres domésticos	Serviços de casa	-	04	08
	Cozinha	01	-	
	Serviço de pedreiro	03	-	
Atividades que geram lucro	Salgado para vender	01	01	03
	Costura	-	01	
	Faz toalha	-	01	
	Pano de prato	-	01	
Atividades com a família	Encontro familiar	01	01	03
	Cuidar de neto	-	01	
	Cozinha para família	-	01	
Outras atividades	Televisão	01	01	05
	Rádio	-	01	
	Toca sanfona	01	-	
	Artesanato	01	-	
	Alongamento	-	01	
	Descansa	-	01	
Não respondeu		01	01	02

FONTE: Criada pela própria autora.

Na TAB 8 os **afazeres domésticos** ocuparam a posição de primeiro lugar. Ao contrário do que se poderia esperar, 04 homens indicaram afazeres domésticos. **Outras atividades** foram relatadas por 05 sujeitos, sendo a televisão, ao contrário do esperado pelo senso comum, evidenciada apenas por 02 idosos, nesta amostra.

Na TAB 9 os **exercícios que objetivam a independência física** foram os mais citados, por 09 idosos. **Sair para dançar** foi apontada por 04 idosos, composta por 03 homens, em contextos diferentes de dança.

TABELA 9

Atividades que faz fora de casa, fora do âmbito do Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Sair para dançar	Danceteria	01	-	04
	Dança de salão	01	-	
	Baile	-	01	
	Forró	01	-	
Exercícios para independência física	Caminhada	03	01	09
	Lian Gong	02	-	
	Ginástica	-	01	
	Academia da Cidade Hidroginástica	02 -	01 01	
Outro grupo, com atividades diversas	LBV	02	02	04
Trabalho voluntário	Visita a doentes	-	01	02
	Trabalho social na igreja	-	01	
Família	Sítio com família	-	01	03
	Visita parentes	-	01	
	Ficar com família	01	-	
	Clube com família	-	01	
Passeios	Passeios em geral	-	02	03
	Pesque pague	01	-	
Outras respostas	Seresta	-	01	06
	Brincar	01	-	
	Palestra hipertensos	-	01	
	Cinema e teatro	01	-	
	Curso de informática	-	01	
	Grupo de oração	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

### 3.1.5 Anseio por novas práticas

A TAB 10 é oriunda da pergunta “Você gostaria de experimentar alguma outra atividade na sua vida? Qual? Por que não experimentou esta atividade ainda?”, a fim de detectar a vontade dos participantes de realizar alguma prática ainda não experimentada no GC, assim como os motivos para nunca ter experimentado esta prática. Assim, há na TAB 10 a relação destas práticas juntamente com os motivos apontados para não as ter realizado até o presente momento.

TABELA 10

Atividades que tem vontade de fazer na vida e nunca fez

Categoria	Unidade Temática	M	F	Motivo	T
Exercícios para independência física	Hidroginástica (indicação médica)	-	01	Esperando acabar reforma da casa	04
	Musculação	01	-	Falta tempo	
	Kung Fu	01	-	Falta controle de movimentos, dinheiro e atestado	
	Natação	02	-	Falta dinheiro e atestado Não consegue aprender	
	Educação física (em academia)	01	-	Falta dinheiro e atestado	
Sim	Gostaria	01	01	Não sabe	02
Não	Não tem vontade	-	02	Se completa; Não tem tempo	06
	Não precisa	01	-	Pode ficar tranquilo, pela idade	
	Não pensa sobre	01	-	Não aguenta mais, pela idade	
	Não aguenta mais	-	01	Problema de saúde	
	Não pode	-	01	Não tem tempo	

FONTE: Criada pela própria autora.

Não era esperado que boa parte dos idosos (06) não gostaria de realizar atividade alguma na sua vida. Entretanto, a outra parcela apresenta a vontade de realizar outras práticas, sendo a maioria o anseio de realizar outros exercícios para a independência física (04 idosos). É interessante perceber que 02 sujeitos têm essa vontade, porém, não conseguem expressar qual prática gostariam de experimentar, possivelmente pelo desconhecimento de novas possibilidades.

### 3.1.6 Lazer

A pergunta “Para você as atividades ofertadas pelo grupo são atividades de lazer? E as que faz fora dele ou gostaria de fazer?” objetivou verificar se os idosos em questão consideram as práticas realizadas dentro e fora do GC como lazer, bem como quais deste tipo gostariam de praticar. As respostas a esta pergunta são mostradas na TAB 11, dividida em: atividades do grupo; atividades que faz hoje, no geral; e atividades que gostaria de fazer. E, dentro de cada uma dessas divisões há a subdivisão **sim** ou **não**, acompanhada das respectivas categorias e unidades temáticas. A categoria DDD equivale às dimensões do lazer propostas por Marcellino (2007), uma vez que as unidades temáticas envolvem essas dimensões.

TABELA 11  
Atividades realizadas entendidas como lazer

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
<b>ATIVIDADES DO GC</b>				
<b>SIM</b>				
DDD	Porque as atividades são todas boas	-	01	05
	Porque sai de casa, participa com outras pessoas	-	01	
	Porque tudo é diversão, nunca repete	-	01	
	Tudo é uma maravilha	01	-	
	É um divertimento	01	-	
Outra justificativa	É o dia a dia da gente	01	-	02
	Porque tem dança	-	01	
Sem justificativa		02	02	04
<b>NÃO</b>		01	-	01
<b>ATIVIDADES ATUAIS</b>				
<b>SIM</b>				
Diversão	Porque ri, brinca e distrai	-	01	03
	Porque tudo é diversão, nunca repete	-	01	
	Admira beira d'água; e artesanato está sempre perto	01	-	
Outra justificativa	Ocupa tempo e mente	-	01	02
	Num ficar parado dentro de casa	-	01	
	Todas fazem sair de casa, com exceção das visitas (vê sofrimento)	-	01	
Sem justificativa		03	01	04
<b>NÃO</b>		01	-	01
Não respondeu		01	01	02
<b>ATIVIDADES QUE GOSTARIA DE FAZER</b>				
Sim, mas não justifica		01	-	01
Mais nada		02	04	06
Não foi perguntado		02	01	03
Não sabe		01	01	02

FONTE: Criada pela própria autora.

Com relação às atividades do grupo, a maior parte dos idosos (11) considera as práticas como momentos de lazer: 05 justificam esta percepção porque as práticas correspondem (ver unidades temáticas) às dimensões de descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social. É interessante observar que 04 sujeitos não conseguem fornecer justificativa. Apenas 01 idoso responde negativamente porque são atividades físicas e, assim, essas não são consideradas por ele como práticas de lazer.

No que diz respeito às atividades que faz hoje, no geral, a maioria (04) não sabe justificar porque as considera como momentos de lazer. Três entrevistados responderam afirmativamente por constituírem-se numa diversão. Apenas 01 idoso respondeu negativamente, por relatar que as atividades constituem parte da sua rotina, e, por sua vez, não são consideradas por ele como práticas de lazer.

Seis entrevistados não apresentam vontade de experimentar prática alguma. A esse tipo de resposta não foi solicitada justificativa no momento da entrevista.

A TAB 12 foi elaborada através da questão “O que busca como lazer em sua vida?”. Essa pergunta objetivou investigar o que os idosos procuram e, por sua vez, consideram como lazer em suas vidas.

TABELA 12

O que busca como lazer na sua vida

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Práticas diversas	Baile	01	-	05
	Forró	01	-	
	Dançar	01	-	
	Música, cantar	01	-	
	Artesanato	01	-	
Passeios ou viagens	Viagens	-	01	03
	Passear	01	01	
Relações interpessoais	Encontrar com família	-	02	03
	Convivência com pessoas do grupo	-	02	
Outras respostas	Cuidar da saúde	-	01	04
	Brincadeira	01	-	
	Atividades na Academia da Cidade	01	-	
	Tudo é lazer	01	-	
Outras	Não conseguiu responder	-	01	01

FONTE: Criada pela própria autora.

### 3.2 Resultados relacionados ao perfil 2 (idosos egressos)

#### 3.2.1 Participação no Grupo de Convivência

As tabelas 13, 14 e 15 se referem à participação dos idosos em um GC, uma vez que indicam os motivos para procurar ou sair do GC e o tempo de permanência. A TAB 13 foi obtida através da pergunta “Por que procurou este grupo?”, a fim de detectar objetivos que levaram o idoso a iniciar sua participação no grupo em questão.

TABELA 13

Motivos para procurar este Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Relacionamentos interpessoais	Precisando participar de grupos para entrosar mais, conhecer mais pessoas	-	01	06
	Convite de amigo	01	-	
	Convite da irmã	-	01	
	Encaminhado através de um amigo	01	-	
	Estava sozinha	-	03	
Situação civil	Ficou viúva	-	04	06
	Acompanhar esposa	02	-	
Preocupação com a saúde	Idade já tava chegando, pra não ficar parado	01	-	07
	Depressão	-	03	
	Indicação do Posto de Saúde	-	02	
	Precisava de ajuda	-	01	
	Estava sem fazer atividade	01	-	
Outros motivos	Procurei um lugar mais alegre	-	01	04
	Por conta própria, já tinha dom de fazer essas coisas (exercícios)	01	-	
	Porque é um grupo muito bom	-	01	
	Tava com vontade de fazer alguma coisa	01	-	

FONTE: Criada pela própria autora.

A categoria relacionamentos interpessoais se refere tanto à busca de novas relações sociais, quanto ao estímulo da participação em virtude de uma relação preexistente ou de um convite. A categoria situação civil reflete a influência do estado civil do idoso com a busca por um GC.

Observou-se que 07 pessoas relataram **preocupação com a saúde** como importante motivo para procurar um GC. Em seguida encontram-se as categorias **relacionamentos interpessoais** e **situação civil**, com 06 pessoas cada.

A TAB 14 foi elaborada através da pergunta “Durante quanto tempo você frequentou este grupo?”, a fim de averiguar o tempo de participação do idoso nesse GC. As categorias foram divididas de 01 em 01 ano, em virtude das respostas obtidas.

TABELA 14

Tempo de permanência no GC, em anos

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Até 1	Uns 5, 6 meses	01	-	01
De 1 a 2	+ de 1	-	01	02
	+ ou - uns 2	-	01	
De 2 a 3	+ de 2	02	-	05
	3	01	01	
	Uns 3	-	01	
De 3 a 4	+ ou - 4	01	01	02
+ de 4 Imprecisão	Acho que foi uns 8	01	-	01
	Praticamente ajudei a fundar o grupo, foi muitos anos da minha vida	-	01	01

FONTE: Criada pela própria autora.

Percebe-se que a maioria dos sujeitos participou do GC de 2 a 3 anos. Inclusive, a maior parte dos entrevistados fez parte do GC por período inferior a 3 anos. A partir de 3 anos há registro de 04 sujeitos, sendo que 01 apresentou imprecisão quanto ao tempo de permanência.

A TAB 15 foi construída através da pergunta “Por que optou por sair do grupo? Alguém o(a) incentivou?”, com o intuito de verificar os motivos que levaram os idosos a sair do grupo em questão. Era objetivo da questão também investigar possíveis influências a sair do grupo. Entretanto, ao longo das entrevistas os participantes afirmaram ausência de qualquer influência para sair do GC, com exceção de 01 idoso, influenciado pela esposa a trocar de grupo.

TABELA 15  
Motivos para sair do GC

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Problemas de saúde	Eu adoeci	-	02	04
	Desgaste e artrose no joelho	01	-	
	Depressão, médica não autorizou mais	-	01	
Diferenças entre GCs	Preferi participar mais próximo da minha casa	01	01	04
	Acabou o baile, a gente ficou mais triste, afastou mais	-	01	
	Tinha um rapaz muito bom que fazia ginástica com a gente lá, ele saiu, eu desgostei	01	-	
	Preferi outro grupo por ser mais vezes na semana e mais centralizado, tava pesado participar de 2	01	-	
	Preferi hidroginástica particular, água quente	01	-	
Família	Morte da irmã	-	01	05
	Morte da filha	01	01	
	Esposa não pôde mais ir	01	-	
	Tive que cuidar dos netos	-	01	
	Mulher me incentivou a ir pra outro grupo	01	-	
Outros motivos	Trabalhava	-	01	03
	Não tem ninguém pra me levar	-	01	
	Ônibus aqui não presta	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

Observou-se que 05 idosos relataram como motivo para sair do grupo algum acontecimento envolvendo a **família**. Em seguida, 04 relataram **problemas de saúde** e 04 **diferenças entre GCs**. Esta categoria, diferenças entre GCs, não relatada por estudos anteriores quanto ao motivo de saída do idoso de um GC, reflete aspectos inexistentes no GC em questão e existentes em outro grupo, ou mesmo alterações ocorridas no próprio GC, o que gerou desagrado no participante.

### 3.2.2 Atividades do Grupo de Convivência

A TAB 16 foi elaborada a partir da pergunta “Quais atividades você praticava no grupo?”. A categoria exercícios para independência física envolve as atividades físicas cujo objetivo central é promover e manter a independência física do idoso. Por isso a separação da categoria dança, cujas práticas também são atividades físicas, mas que não tem, como objetivo central, a independência física do indivíduo. A categoria dança abrange a prática de dança nos contextos das aulas, enquanto a categoria baile envolve a prática de dança em momentos específicos, fora das aulas, organizados para os idosos. A categoria passeios/viagens evidencia a diferenciação entre os dois termos envolvidos na categoria, uma vez que passeios são considerados nessa pesquisa como deslocamentos mais curtos, enquanto viagens envolvem distâncias maiores.

TABELA 16

Atividades que fez no Grupo de Convivência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Exercícios para independência física	Abdominal	01	-	
	Caminhada orientada	01	-	
	Hidroginástica	01	02	12
	Yoga	-	01	
	Ginástica	04	05	
Baile	Baile, forró	01	02	03
Dança	Dança em geral	-	01	
	Quadrilha	01	01	02
Festas	Festa de fim de ano	01	01	
	Festas em geral	02	02	05
Passeios/viagens	Passeios em geral	04	06	
	Viagem	01	-	11
Interação social	Conversar, bater papo	01	02	03
Bingo	Bingo	01	02	03
Outras atividades	Coral	-	01	
	Pintura	-	01	
	Bordado	-	01	
	Palestra	01	-	05
	Funções administrativas	-	01	
	Bola	01	-	
	Brincadeiras	01	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

A totalidade dos entrevistados relatou a participação em **exercícios que objetivam a independência física**. A seguir, foi dado destaque a **passeios e viagens**, relatados por 11 pessoas.

A TAB 17 é oriunda da pergunta “As atividades oferecidas atendiam às suas expectativas/preferências? Por quê?”, com o objetivo de verificar se o programa de atividades proposto realmente atendia as necessidades e vontades do idoso. Observou-se que todos os entrevistados declararam-se satisfeitos com relação ao que era ofertado no GC.

Cinco pessoas declararam que as atividades oferecidas geravam satisfação e 05 relataram que as atividades atendiam às expectativas pelas possibilidades de construir relações interpessoais.

TABELA 17

As atividades atendiam às suas expectativas

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Bem-estar físico e/ou mental	Fazia bem pro corpo	-	02	03
	Fazia bem pra minha alma e mente	-	01	
	Fazia bem pra minha cabeça, minha memória, fazia o que aguentava	-	01	
Satisfação	Conforto, eu ficava muito alegre, satisfeita	-	01	05
	Porque me sentia bem	01	-	
	Porque eu gosto de fazer ginástica	-	01	
	Porque eu gostava da bola, do passeio	01	-	
	Achava um distraimento	01	-	
Relacionamentos interpessoais	A gente sentia bem com os colegas	-	01	05
	Delicadeza, atenção, educação delas (professoras)	01	-	
	Gosto das professoras	-	01	
	Estar num grupo de amigos era uma maravilha, uma benção	-	01	
	Porque eu gosto de conhecer pessoas	-	01	
Outra justificativa	Eu fazia o padrão da turma	01	-	01
Não soube explicar		-	01	01
Não foi perguntado		01	-	01

FONTE: Criada pela própria autora.

### 3.2.3 Incentivos dentro do Grupo de Convivência

A fim de verificar a existência de incentivos das mais diversas ordens que motivavam o idoso a participar do GC e das práticas existentes neste, foi elaborada a questão “Alguém o(a) incentivava a participar do grupo? E das atividades?”. Essa pergunta buscou investigar também o tipo de apego do idoso em alguém ou no GC para justificar a participação prévia. Os dados encontram-se na TAB 18.

TABELA 18

Incentivo para participar do grupo e/ou das atividades

Origem do incentivo	Unidade Temática	M	F	T
<b>INCENTIVOS PARA PARTICIPAR DO GC</b>				
Pessoas próximas	Colegas	01	01	06
	Vizinha	-	01	
	Todo mundo	01	01	
	Filha da Coordenadora	-	01	
	Amiga, no início	-	01	
Orientadores	Professor	02	-	06
	Coordenador(a)	02	03	
Esposa	Esposa	03	-	03
Outros incentivos	Ficou sabendo pelo clínico da UBS	-	01	02
	Vi que todo mundo ia procurar, não deu pra esperar ninguém chamar	01	-	
<b>INCENTIVOS PARA AS ATIVIDADES DO GC</b>				
Orientadores	Professores	03	02	08
	Coordenador(a)	03	03	
Esposa	Esposa	02	-	02
Pessoas próximas	Colegas	01	-	01
Outras respostas	Eu que gosto de fazer	-	01	02
	Que eu lembro, não	01	-	
Não explicou		-	01	01
Não foi perguntado		01	-	01

FONTE: Criada pela própria autora.

Percebe-se que, para ingressar no grupo e manter-se nele, tanto o **incentivo de pessoas próximas** quanto o de **orientadores** foram importantes. Os incentivos para as atividades indicam, para esta pesquisa, o incentivo também a ter continuado no GC, mesmo que por um curto período de tempo, na comparação com o Perfil 1, uma vez que a figura do orientador (professor e/ou coordenador) foi ressaltada por 08 entrevistados.

### 3.2.4 Práticas realizadas no tempo livre

Com o intuito de verificar se os idosos participam de algum lugar ou espaço de forma regular, foi feita a questão “E agora, participa de outro grupo/espaço, somente para idosos ou não, que oferte atividades que você gosta?”, a qual deu origem à TAB 19. Essa pergunta também foi elaborada a fim de descobrir se o idoso optou por participar de outro grupo ou se realmente preferiu não participar de grupo algum. Os entrevistados apresentaram pequenos detalhes acerca dos grupos ou espaços que frequentam atualmente. A questão “É pago ou gratuito?” também foi agregada à TAB

19, de forma que o símbolo “\$” representa a gratuidade ou a presença de taxas para a frequência no GC.

TABELA 19  
Participa de outro grupo/espaco regularmente

Participa	Local	M	F	Especificação	\$	T
Sim	LBV	-	01	Para idosos: ginástica, bingo, passeios	Gratuito	04
	I.R., na Igreja	-	01	Para idosos: ginástica, bingo, passeios	Gratuito	
	Academia da Cidade	01	-	Todas as faixas etárias	Gratuito	
	Centro Social	01	-	Somente para idosos	Gratuito	
	Projeto de Extensão Universitária	01	-	Somente para idosos, atividades variadas	Pago (taxa irrisória)	
	Hidrogenástica	01	-	Em uma academia	Pago	
Não	-	03	05	-	-	08

FONTE: Criada pela própria autora.

A maioria dos entrevistados relatou não participar regularmente de outro espaço. Esse achado pode ter relação com a influência que a participação prévia no GC exerce na vida dos idosos, de forma que estes parecem desistir de qualquer outra futura participação. O entrevistado E15, por exemplo, afirmou: “Quando eu tava lá eu participava de tudo, atualmente num to participando de nada não”.

Dos 07 espaços atualmente frequentados pelos idosos pesquisados, 05 são **exclusivos a idosos**. É importante notar que a maioria dos espaços relatados são gratuitos (04).

A partir da pergunta “Você pratica alguma atividade no seu tempo livre fora de sua casa? Qual?” buscou-se identificar o que os idosos praticam fora de casa, fora do âmbito dos grupos que frequentam hoje. A TAB 20 mostra estes resultados.

TABELA 20

Atividades que faz fora de casa (com exceção dos GCs)

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Exercícios para independência física	Caminhada	02	03	06
	Ginástica na UBS	-	01	
	Yoga	-	01	
	Hidroginástica	01	-	
Práticas religiosas	Vou na Igreja	-	03	03
Viagens/passeio	Viagem excursão	02	-	05
	Viagem com amigas	-	01	
	Viagens em geral	01	01	
	Fazenda	01	-	
Práticas de socialização	Para o bar, tomar cerveja	01	-	03
	Casamentos, a tudo que convidam	01	-	
	Forró	01	-	
	Visita asilos	-	01	
	Para o bar, bater papo com amigos	01	-	
Estar com a família	Festa da família	-	01	03
	Casa dos filhos	-	01	
	Passeio com filhos	-	01	
	Viagem com filha	-	01	
	Almoço com filhos	-	01	
Outras atividades	Ajuda uma família	-	01	04
	Vende artesanato	01	-	
	Vende queijo, vai ao banco	01	-	
	Leva marido pra consulta	-	01	
Nenhuma atividade fora de casa		02	01	03

FONTE: Criada pela própria autora.

Na TAB 20 os **exercícios** que objetivam a independência física foram os mais citados, seguidos por **viagens e/ou passeios**. É interessante notar que 03 idosos declararam fazer nada fora de casa.

### 3.2.5 Anseios por novas práticas

A TAB 21 apresenta os dados oriundos da pergunta “Você gostaria de experimentar alguma outra atividade na sua vida? Qual? Por que não experimentou esta atividade ainda?”, a fim de detectar o desejo dos sujeitos a realizar alguma prática ainda não experimentada, assim como os motivos para nunca ter experimentado a prática ansiada. Há, nesta TAB 21, a relação das práticas desejadas juntamente com os motivos apontados para não as ter realizado até o presente momento.

TABELA 21

Atividades que tem vontade de fazer na vida e nunca fez

Categoria	Unidade Temática	M	F	Motivo	T
Práticas corporais	Hidroginástica	01	01	Gastando muito com reforma Porque tem que pagar	06
	Musculação	01	01	Preguiça e falta de interesse Não autorizado pelo GC	
	Natação	01	-	Não tem tempo, viaja muito	
	Dançar	-	01	Tem vergonha	
Viagem	Viajar	-	01	Falta dinheiro e doença dificulta	01
Nenhuma		02	-	-	02
Outras atividades	Sair de casa e andar de ônibus	-	01	Limitação de saúde	03
	Dirigir, tirar carteira	01	-	Acredita que não consegue	
	Tricô, pintura, crochê	-	01	Não tem motivação pra procurar (motivo de doença)	

FONTE: Criada pela própria autora.

A metade dos entrevistados detém o anseio de realizar outros exercícios para a independência física. Em seguida, atividades como viajar, sair de casa, dirigir e trabalhar com tricô foram relatadas por 01 pessoa cada. É interessante perceber que 02 sujeitos não tem vontade de experimentar outra atividade na vida.

### 3.2.6 Lazer

A pergunta “Para você as atividades ofertadas pelo grupo eram atividades de lazer? E as que faz hoje ou gostaria de fazer?” objetivou verificar se os idosos em questão consideravam as práticas realizadas dentro do GC, as que fazem hoje, e as que gostariam de fazer como momentos de lazer. A partir dessa pergunta foi criada a TAB 22, dividida em atividades do grupo; atividades que faz hoje, no geral; e atividades que gostaria de fazer.

TABELA 22

Considera como prática de lazer as atividades que fazia no grupo, faz hoje e as que gostaria de fazer?

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
<b>ATIVIDADES DO GC</b>				
<b>SIM</b>				
Cuidados com a saúde	Ajudava, pra saúde	01	-	02
	Chegava mal humorado e voltava tranquilo	01	-	
Atividades ofertadas	Tinha dança do ventre pras mulheres e showzinho	01	-	04
	Quando a gente passeava ficava muito satisfeito, conhecia outras pessoas, dançava, passeava	-	01	
	Tudo dentro do esporte	01	-	
	Às vezes a gente passeava	-	01	
	Cantar	-	01	
Interações sociais	Conhecia pessoas	01	-	03
	Porque a coordenadora reunia com nós	01	-	
	Ta no meio do povo, conversar, rir	-	01	
Sem justificativa		01	04	05
<b>ATIVIDADES ATUAIS</b>				
Cuidar da saúde	Ginástica – Exercício é o combustível pra saúde	01	-	02
	Hidroginástica - Bom pra saúde	01	-	
Outras justificativas	Caminhada/viagem – Muito bom	01	-	03
	Fazenda – A natureza me faz bem	01	-	
	Barzinho – Pra distrair, mudar de ideia	01	-	
Sem justificativa		01	03	04
<b>NÃO</b>	Não faz nada fora de casa	02	01	03
Não foi perguntado		-	01	01
<b>ATIVIDADES QUE GOSTARIA DE FAZER</b>				
Viajar	Porque era lazer quando passeava com grupo	-	01	01
Musculação	Meu corpo ta precisando	-	01	01
Pintura, tricô	Não soube explicar	-	01	01
Sem justificativa		02	02	04
<b>NÃO</b>	Não tem vontade de fazer nada	02	-	02
Não foi perguntado		02	01	03

FONTE: Criada pela própria autora.

Com relação às atividades do grupo, todos os entrevistados relataram considerar as práticas ofertadas no GC como momentos de lazer. Entretanto, destes, 05 não detalharam por que pensam dessa forma. Quatro apoiaram-se nas atividades ofertadas *per se*, 03 citaram interações sociais e 02 os cuidados com a saúde.

No que diz respeito às atividades que faz hoje, no geral, 04 dos 8 idosos que exercem alguma atividade fora de casa não soube justificar por que as considera como momentos de lazer. Três entrevistados forneceram justificativas diversas e 02 apoiaram-se nos cuidados com a saúde. Três idosos relataram não fazer nada fora de casa, em conformidade com a TAB 20.

Sobre as atividades que gostaria de fazer, e de modo semelhante ao resultado para atividades que nunca praticou na vida (TAB 21), 02 entrevistados não apresentam o anseio de experimentar prática alguma. Sete entrevistados tem vontade de experimentar outras práticas, 03 por motivos diversos e 04 não justificaram.

A TAB 23 foi elaborada através da questão “O que busca como lazer em sua vida?”. Essa pergunta objetivou investigar o que os idosos procuram e, por sua vez, consideram como lazer em suas vidas. Percebeu-se que 06 idosos apontaram unidades temáticas relacionadas à categoria divertir, distrair; 05 relataram passeios; 03 relataram práticas diversas, como dançar, fazer ginástica, natação; e igualmente 03 apontaram interações sociais.

TABELA 23

O que busca como lazer na sua vida

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Passeios	Passear	02	03	05
Viagens	Viajar	01	01	02
Práticas diversas	Dançar	01	-	03
	Fazer ginástica	-	01	
	Natação	01	-	
Divertir, distrair	Divertir	02	-	06
	Distrair, esquecer problemas	01	01	
	Sair da rotina	-	01	
	Pra mente, tentar esquecer algo	-	01	
Interações sociais	Ter alegria	01	-	03
	Estar no meio de gente, num grupo de amigos	-	01	
	Não sentir solitária	-	01	
	Ficar no meio de pessoas	-	01	
	Conversar	-	02	
	Estar com companheira	01	-	
Outras respostas	Convivência com pessoas da mesma idade	-	01	03
	Gosto das coisas mais simples	-	01	
	Aprender alguma coisa	-	01	
	Cantar	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

### 3.3 Resultados relacionados ao perfil 3 (idosos não-participantes)

#### 3.3.1 Não participação em Grupos de Convivência

A TAB 24 se refere à não participação dos idosos em um GC, uma vez que indica os motivos para o idoso não se interessar em ingressar neste tipo de contexto. A TAB 24 apresenta dados obtidos com a pergunta “Por que nunca se interessou por GCs específicos para idosos?”, a fim de detectar razões para os sujeitos em questão não terem se interessado por GCs.

TABELA 24

Motivos para não se interessar em participar de algum Grupo de Convivência para idosos

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Tempo ocupado	Porque sou chegado a serviço pesado	01	-	06
	Lions me absorve muito	-	01	
	Tenho minha vida toda preenchida	-	02	
	Porque tenho fazenda e presto serviços para a FEB	01	-	
	Tempo preenchido com serviços da casa e trabalho voluntário	-	01	
Avaliações negativas sobre GC	Quem vai para esses grupos tem carência	01	-	04
	Esses grupos tomam o dinheiro dos aposentados	-	01	
	Quem vai tem baixo poder aquisitivo	-	01	
	Quem vai tem dificuldade de relacionamento	-	01	
	Não gosto de nada que discrimina, tenho resistência ao termo “idoso”	-	01	
Não ter horário fixo	Não quis fazer fixo, vai quando quer (festas, passeios)	01	-	02
	Quero liberdade, não to mais naquela época de ter compromisso com horário	01	-	
Família	Passeia e entrosa muito com a família	-	01	02
	To curtindo netos, ficando disponível para família	-	01	
Intergeracionalidade	Prefere trocas de experiências com outras idades	-	01	02
	Frequento coisas com jovens, vou a barzinhos, saio pra dançar	-	01	
Outras respostas	Por causa do trabalho que tomava muito tempo	01	-	03
	Sou muito caseiro	01	-	
	Sou muito tímida	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

Observou-se que 06 pessoas relataram ter o **tempo ocupado** com muitas tarefas e afazeres, o que impediria a procura por GCs. Em seguida, vem as **avaliações negativas sobre o GC** ou, inclusive, sobre as pessoas que buscam esses grupos, declaradas por 04 pessoas.

### 3.3.2 Participação em grupo ou espaço regularmente

Com o intuito de verificar se os idosos participam de algum lugar ou espaço de forma regular, foi feita a questão “Frequenta algum grupo/espaço regularmente que oferte atividades que você gosta? Qual?”. Os resultados constam na TAB 25.

Os entrevistados apresentaram pequenos detalhamentos acerca dos grupos ou espaços que frequentam atualmente. A questão “Por que frequenta este espaço? É pago ou gratuito?” também foi agregada à TAB 25, de forma que o símbolo \$ representa a gratuidade ou a presença de taxas para a frequência no espaço determinado.

TABELA 25

Participa de algum grupo/espaço regularmente

Participa	Unidade Temática	M	F	Motivo	\$	T
Grupo estruturado	Grupo de oração	-	01	Encontra paz e divide problemas	Gratuito	04
	Clube da maturidade	-	01	Quando há algo que interessa	Não citou	
	Clube L.	-	01	Companheirismo	Pago	
	Coral e festas da A.-V.	-	01	Gosta de sair, onde há música	Pago	
	Associação de FerroModelismo	01	-	Sempre gostei e não tinha tempo, agora tenho	Pago	
Trabalho voluntário	Museu da FEB	01	-	Não foi perguntado	Gratuito	02
	Amigas do Lar, no Lar S. T. e no St. T.	-	01	Pra garantir 13º dos funcionários, ver alegria das idosas, terapia	Gratuito	
Outro espaço	O. = lugar para dançar	-	01	Gosta de sair, onde há música	Pago	03
	Buteco	01	-	É divertido, bebo meus gorós, conheço pessoas	Pago	
	Pilates	-	01	Atendimento mais personalizado	Pago	
Não participa		03	01	-	-	04

FONTE: Criada pela própria autora.

Parte dos entrevistados relatou a não participação regular em nenhum espaço (04 sujeitos). Quatro idosos participam de grupos estruturados, três frequentam espaços diferentes entre si, e dois dirigem-se a um espaço para realização de trabalho voluntário, pautados em motivos diversos. Cabe destacar que alguns idosos frequentam mais de um espaço.

A TAB 26 foi elaborada com base nos resultados a partir da pergunta “Há quanto tempo você frequenta este espaço?”, a fim de averiguar o tempo de participação do idoso nesse grupo ou espaço. As categorias foram divididas de 10 em 10 anos, em virtude das respostas obtidas. Nesta TAB 26 só há dados dos indivíduos que relataram participar de algum local com certa regularidade.

TABELA 26  
Tempo de frequência

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Até 10	Dois	-	01	04
	Com o trabalho, há 8; como visitante, 10	-	01	
	No segundo grupo de oração = 9	-	01	
De 10 a 20	Três	01	-	02
	No Clube L. = 20	-	01	
	Na A.-V. = 12	-	01	
+ de 20	No primeiro grupo de oração = 28	-	01	02
	40	01	-	
Imprecisão	Desde a aposentadoria	01	-	01
Não informou	No O.	-	01	02
	No Clube da Maturidade	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

Quatro pessoas frequentam o espaço há menos de 10 anos. Houve imprecisão no relato de um idoso e 02 entrevistados não especificaram o tempo de frequência.

A TAB 27 foi elaborada a partir dos resultados à pergunta “Que atividades você faz neste espaço?”. A categoria atividades organizacionais abrange tanto ações de organização feitas pelos idosos dentro dos espaços determinados quanto fora deles, com o intuito de auxiliar o funcionamento do local e/ou possíveis eventos externos.

TABELA 27

Atividades que faz no grupo / espaço que frequenta

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Interações sociais	Divide os problemas, uma orienta a outra	-	01	06
	Encontra amigos no bar, conhece pessoas e faz amizades	01	-	
	Companheirismo	-	01	
	Conversar, bater papo	-	02	
	Reunião de veteranos da FEB a cada 2 anos	01	-	
	Café, lanche com a turma	-	01	
	Beijo em cada velhinha	-	01	
Atividades organizacionais	Visita todos os clubes	-	01	05
	Manutenção da parte elétrica, é parte da diretoria	01	-	
	Faz doações, visita asilos e creches	-	01	
	Organiza o Museu, recebe visitantes, explica exposições	01	-	
	Promoção de eventos para arrecadar fundos	-	02	
Práticas diversas	Coral e festivais de Coral	-	01	04
	Bordado	-	01	
	Crochê	-	01	
	Pilates	-	01	
	Oração	-	01	
	Dança	-	01	
	Excursão	-	01	
Artesanato	-	01		
Festas e comemorações	Reuniões festivas	-	01	02
	Aniversário do Clube	-	01	
	Festas de aniversário	-	02	
	Festa Junina, organiza a quadrilha	-	01	

FONTE: Criada pela própria autora.

Seis pessoas relataram práticas vinculadas a **interações sociais**, evidenciando a importância destas para esta faixa etária. A seguir, as **atividades organizacionais** também obtiveram mais respostas, relatadas por 05 idosos.

A TAB 28 é oriunda da pergunta “Tem alguém que o(a) incentiva a frequentar este espaço? E a praticar estas atividades?”, a fim de verificar a existência de incentivos das mais diversas ordens que motivam o idoso a participar do espaço e das práticas existentes nesse. Essa questão buscou indicar também se alguém (por exemplo, um membro da família) exerce influência sobre o sujeito ou se ele verdadeiramente escolhe fazer parte desse lugar.

TABELA 28

Incentivo para participar desse espaço

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Automotivação	Eu mesmo	01	-	04
	Eu vou porque quero	-	01	
	Eu gosto de me cuidar	-	01	
	Depende muito da gente mesmo	-	01	
Características interpessoais do ambiente	Tenho respeito grande pelos sócios, aprendo muito	01	-	02
	Você se apaixona por cada idosa, pelo carinho que cada uma precisa receber	-	01	
Família	Inspiração da tia A., admiração que temos por ela	-	01	02
	Família apoia	-	01	
Outros incentivos	Jornalzinho convidando	-	01	02
	Graças alcançadas	-	01	
Não foi perguntado		01	-	01

FONTE: Criada pela própria autora.

Percebe-se que a **automotivação** foi o incentivo apontado pela maior parte dos entrevistados: 04 sujeitos, dos 8 que frequentam um espaço regularmente. A seguir, as características interpessoais do ambiente e a família constituem-se como importantes incentivos para 02 idosos em cada.

### 3.3.3 Práticas realizadas no tempo livre

Com a pergunta “Você pratica alguma atividade no seu tempo livre fora deste espaço? Qual?”, esperava-se que os entrevistados relatassem as práticas realizadas no tempo livre dentro de casa, justificando a necessidade da existência da pergunta seguinte: “E fora de sua casa? Qual?”. Entretanto, muitos já respondiam, na primeira pergunta, o que faziam fora de casa, conduzindo algumas vezes à necessidade de efetuar a pergunta complementar “e dentro de casa?”. Dessa forma, através dos relatos oriundos das duas perguntas e da pergunta complementar, elaborou-se a TAB 29 (atividades que faz dentro de casa) e a TAB 30 (atividades que faz fora de casa, com exceção dos grupos).

TABELA 29  
Atividades que faz dentro de casa

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Afazeres domésticos	Serviços de casa	02	02	05
	Faz pratos gostosos	-	01	
	Serviço de pedreiro	01	-	
Atividades que geram lucro	Xarope	-	01	01
	Conserto de roupa	-	01	
Atividades com a família	Visita dos filhos	01	-	04
	Convivência com família	-	01	
	Curte netos	-	01	
	Almoço com família	-	01	
	Visita da sobrinha neta	-	01	
Assistir futebol	Assiste futebol na TV	03	-	03
Encontro com amigos	Dinâmica com grupo de amigos	-	01	02
	Café com amiga	-	01	
Atividades de informação e conhecimento	Televisão	-	02	03
	Lê jornais, revistas	-	01	
	Assiste jornal	-	01	
	Leituras diversas	-	01	
Práticas diversas	Benze	-	01	04
	Brinca com estação	01	-	
	Baixa e ouve músicas	-	01	
	Artesanato	-	01	
Outras respostas	Deita, dorme	-	01	02
	Faz nada	01	-	

FONTE: Criada pela própria autora.

Na TAB 29 os **afazeres domésticos** ocuparam a posição de primeiro lugar e, ao contrário do que se poderia esperar, 02 participantes são homens. Em seguida, as **atividades com a família** e **práticas diversas**, relatadas por 04 idosos cada. Assistir futebol e atividades de informação e conhecimento foram citadas pelo mesmo número de entrevistados: 03 em cada categoria.

Na TAB 30 a categoria **família** envolveu o maior número de entrevistados: 09 sujeitos. Em seguida, os **passeios** foram as práticas mais relatadas, apontadas por 08 idosos, e após vem as categorias **relacionamentos interpessoais** e **caminhada**. Essa TAB mostra a diversidade de práticas realizadas pelos idosos não-participantes, envolvidos nesta pesquisa.

TABELA 30

Atividades que faz fora de casa (com exceção dos grupos)

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Caminhada		03	02	05
Família	Convivência com família	-	01	09
	Curtir neto	-	01	
	Reunião de família	-	02	
	Almoço com família	-	01	
	Ajuda filha a criar figurinos	-	01	
	Viagem com família	02	02	
	Passeio com família	01	-	
	Sítio com família	01	01	
	Sítio com filho	01	-	
	Ouvir primo tocar num bar	-	01	
	Apresentações de dança da filha	-	01	
	Casa da filha, cozinha	-	01	
	Relacionamentos interpessoais	Toma café com amiga	-	
Lanchar, almoçar, jantar e dormir casa de amiga		-	01	
Conversar com vizinhos		01	01	
Sair com jovens		-	01	
Trocar receitas com pessoal do Mercado Central		-	01	
Dinâmica com grupo de amigos		-	01	
Práticas religiosas	Benzer	-	01	02
	Missa	-	01	
Passeios	Pescaria	01	-	08
	Passear com cachorro	01	01	
	Fazenda, sítio, chácara	03	-	
	Fazenda dos vizinhos	01	-	
	Mercado Central	02	01	
	Parque Municipal	-	01	
	Praça da Liberdade	-	01	
	SESC = tomar sol	01	01	
	Piscina no sítio dos vizinhos	01	-	
	Passeio com vizinhos	01	-	
Voluntariado	Presidente de ILPI	-	01	02
	Ajuda no Lar, na Igreja	01	-	
Viagens	Viajar	-	03	03
Cinema		-	04	04
Práticas diversas	Festas do CAC/Venda Nova	01	-	05
	Forró	01	-	
	Assiste futebol num campo perto de casa	01	-	
	Ir a barzinho	-	01	
	Ir a shopping	-	02	
	Beber chope	-	02	
	Sair pra dançar	01	01	
	Boate	-	01	
Assistir espetáculos	Assistir shows diversos	-	03	03
	Assistir teatro no Teatro Palladium	-	02	
	Apresentações de dança	-	01	
Outras respostas	Fisioterapia	01	-	01

FONTE: Criada pela própria autora.

### 3.3.4 Anseios por novas práticas

A TAB 31 é oriunda da pergunta “Você gostaria de experimentar alguma outra atividade na sua vida? Qual? Por que não experimentou esta atividade ainda?”, a fim de detectar a vontade dos sujeitos de realizar alguma prática ainda não experimentada, assim como os motivos para nunca ter experimentado a prática ansiada. Assim, há, nesta TAB, a relação das práticas desejadas juntamente com os motivos apontados para não as ter realizado até o presente momento.

TABELA 31

Atividades que tem vontade de fazer na vida e nunca fez

Categoria	Unidade Temática	M	F	Motivo	T
Sim	Dança, ginástica, yoga, pilates	-	01	Falta tempo	03
	Nadar	-	01	Professor não teve paciência	
	Curso de conversação de inglês	-	01	Eu ainda não posso pagar	
Não	Satisfeitos	04	02	-	08
	Não animo, pela idade	01	-	-	
	Não justificou	01	-	-	
Não planeja nada		-	01	As coisas acontecem	01

FONTE: Criada pela própria autora.

A maior parte dos idosos não apresenta vontade de experimentar outra atividade na vida, talvez pelo fato de os indivíduos desse perfil apresentarem um leque amplo de práticas realizadas atualmente. Apenas 03 entrevistados detêm o anseio de realizar outras práticas em suas vidas.

### 3.3.5 Lazer

A pergunta “Para você, as atividades que pratica hoje são atividades de lazer? E as atividades que gostaria de fazer?” objetivou verificar se os idosos consideram as práticas realizadas atualmente como lazer, dentro ou fora dos espaços relatados, bem como as que gostariam de fazer. As respostas a esta pergunta geraram a TAB 32, dividida em atividades que faz hoje e atividades que gostaria de fazer.

TABELA 32

Considera como lazer as atividades que faz hoje e as que gostaria de fazer?

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
<b>ATIVIDADES QUE FAZ HOJE, NO GERAL</b>				
Prazer	Benzer – é gratificante, é um prazer	-	01	04
	Ir ao teatro, shows, pilates – porque dá prazer	-	01	
	Trabalho voluntário – prazeroso	-	01	
	Ferromodelismo – lazer completo, não vejo a hora passar	01	-	
Divertir, distrair	Ir ao bar, viajar – é diversão, alegria	01	-	03
	Tudo é entretenimento – Encontrar a pessoa, abraçar, beijar	-	01	
	Clube L. – Me distraio, me sinto bem com isso	-	01	
Outra justificativa	Serviços de pedreiro – eu gosto, é a profissão que eu tenho	01	-	02
	Caminhada – porque sou diabético	01	-	
	Sítio – tem minhas plantas, minha casa no meio do mato	01	-	
Não justificou	Associação da FEB	01	-	05
	Tudo é lazer	01	01	
	Serviços de casa	01	-	
	Assistir futebol	02	-	
<b>ATIVIDADES QUE GOSTARIA DE FAZER</b>				
Nadar	Brincaria na água com a família	-	01	01
Inglês	Não estou mais na idade de fazer por obrigação, mas por prazer	-	01	01
Nenhuma	Não tem vontade de fazer nada	06	03	09
Não foi perguntado		-	01	01

FONTE: Criada pela própria autora.

No que diz respeito às atividades que faz hoje, no geral, 05 entrevistados não souberam justificar por que as considera como momentos de lazer. Quatro entrevistados evidenciaram que as consideram como práticas de lazer por gerarem **prazer**, 03 por **divertir e/ou distrair**.

Sobre as atividades que gostaria de fazer, e em conformidade com a TAB anterior (se for contada a idosa que relata não planejar nada), 09 entrevistados não apresentam o anseio de experimentar prática alguma. Duas idosas justificam suas vontades pautadas nas práticas desejadas.

A TAB 33 foi elaborada com as respostas à questão “O que busca como lazer em sua vida?”. Essa pergunta objetivou investigar o que os idosos procuram e, por sua vez, consideram como lazer em suas vidas. Percebeu-se que 06 idosos apontaram unidades temáticas relacionadas à categoria **passeios/viagens**; 05 relataram **relacionamentos interpessoais**; 04 relataram **práticas diversas** (dançar, cinema, assistir shows), 03 apontaram o **envolvimento com a família**, 02 citaram **liberdade** e 02 **festas**.

TABELA 33

O que busca como lazer na sua vida

Categoria	Unidade Temática	M	F	T
Liberdade	Liberdade de horário	-	02	02
	Minha vida de aposentada	-	01	
Família	Ficar em casa para ver os netos crescendo	01	-	03
	Reunião de família	-	01	
	Domingo com os netos	-	01	
	Almoço de família	-	01	
	Sítio com família	01	-	
	Viajar com família	01	-	
Relacionamentos interpessoais	Conversar, conviver com pessoas	-	01	05
	Atividades de boa convivência	01	-	
	Conversar com vizinhos	-	01	
	Tomar café com amiga	-	01	
	Encontro bienal com veteranos	01	-	
	Encontrar com veteranos, partilhar experiências	01	-	
	Conhecer gente nova	-	01	
Práticas diversas	Dançar	-	01	04
	Cinema	-	01	
	Teatro	-	01	
	Assistir shows	-	02	
	Assistir apresentação de dança	-	01	
	Futebol	01	-	
	Teatro perto de casa	-	01	
Passeios/viagens	Sair	-	01	06
	Passeio	01	-	
	Viajar	01	01	
	Passear com cachorro	01	-	
	Ir para o SESC, tomar sol	01	01	
Festas	Organizar festa	-	01	02
	Festa	01	-	
Outras respostas	Divertimento	01	-	04
	Não estar na multidão	01	-	
	Sentir-se bem consigo, com o outro, com o mundo espiritual	-	01	
	Trabalhar em casa	02	-	

FONTE: Criada pela própria autora.

## **4 DISCUSSÃO**

Através das perguntas direcionadas aos três perfis de entrevistados foram obtidos uma série de dados, tanto quantitativos quanto qualitativos. Alguns dados serão discutidos de forma quantitativa, por se relacionarem ao maior ou menor número de respostas nas categorias construídas, outros, de forma qualitativa, uma vez que representam unidades temáticas e/ou falas importantes para evidenciar situações merecedoras de destaque. Essa abordagem quantitativo-qualitativa é necessária a toda pesquisa científica atual que, como a presente, reconhece a importância da complementaridade proporcionada pelo encontro dessas duas dimensões para melhor explicar os fenômenos estudados. A discussão tornou-se possível pelo amparo em estudos abordados no Capítulo 1, bem como em novos textos.

Percebeu-se, em meio aos resultados conseguidos, a necessidade de discutir grandes temas relacionados às respostas dos entrevistados. Serão discutidos os seguintes temas, em ordem de apresentação: família; relacionamentos interpessoais; preocupação com a saúde; religião; tempo ocupado; escolhas de lazer; diferenças de gênero; motivos para entrar, sair e nem participar de um Grupo de Convivência. Cabe ressaltar que as limitações da presente pesquisa são assumidas ao longo do texto deste capítulo.

Por fim, este capítulo abarca as considerações finais, as quais encerram esta dissertação. Nesta última seção serão abordadas orientações para todos os profissionais que trabalham ou pretendem trabalhar com a promoção de lazer para o público idoso, seja no contexto dos Grupos de Convivência ou em qualquer outro âmbito. Da mesma forma, serão realizadas sugestões de futuros estudos científicos dedicados à interface lazer e velhice.

### **4.1 Família**

Com os resultados obtidos a partir do depoimento dos idosos dos três perfis, percebe-se a importância e o papel de destaque da família no lazer do idoso atual. Respostas como “procurei que minha esposa ta aqui há muitos anos” (E11), “e aí num sinto solidão que eu gosto muito assim de sair pra casa dos meus filho” (E19), e “falou que é reunião de família, cê pode ta certa que nós tamo lá” (E35), reafirmam o valor atribuído à família por muitos participantes. Este dado está em concordância com

Carstensen (1995, p. 115), para quem “o contato familiar parece tornar-se mais importante na velhice”.

Integrantes de GC e egressos indicam a ligação familiar (por exemplo, acompanhar esposa) ou perda dessa ligação (fiquei viúva) como motivo para procurar e ingressar num GC. Este motivo pode ser um grande impulsionador para a construção de novas relações, as quais poderão ser desenvolvidas no GC, espaço que promove novos contatos e novas amizades. Segundo Moragas (1997), as relações familiares configuram-se como a base da preparação para a constituição das demais relações sociais. Assim, de acordo com Moragas, é no meio familiar que o sujeito aprende a como se relacionar com outras pessoas, e torna-se apto a buscar e construir novos relacionamentos. No caso dos sujeitos da presente pesquisa, pode-se entender que não apenas na infância a família influencia os demais relacionamentos interpessoais: a velhice também tem na família forte ligação, ao menos para os participantes dos coortes estudados que, na perda da família, buscam outras relações interpessoais (por exemplo, no GC).

Respostas como “acompanhar esposa” e “fiquei viúva” encontradas em integrantes de GC e em egressos demonstram a importância do casamento para a vida do idoso. E essa importância se faz presente, inclusive, no âmbito do lazer. Em estudo realizado por Almeida *et al.* (2005), foi encontrado que a maior participação em práticas de lazer ocorre entre os casados, em comparação com as demais situações civis (solteiro, união livre, divorciado/separado/desquitado, viúvo). Neste caso, pode-se concluir que a presença do parceiro ou parceira tem o potencial de acolher ou eliminar o lazer da vida de um idoso.

Em estudo feito por Carstensen, Gottman e Levenson (1995) verificou-se que os casais mais idosos, em comparação com os casais de meia-idade, demonstram mais afeto e menos emoções negativas, o que contribui para a redução de conflitos no relacionamento e, por sua vez, aumento da consolidação da relação. Neste caso, a perda do parceiro ou da parceira parece tomar um peso ainda maior para o indivíduo que passa a adquirir o status civil de viúvo ou viúva. De acordo com Holmes e Rahe<sup>3</sup> (1967, *apud* Belsky, 2010) a morte do cônjuge ocupa a primeira posição na escala de estresse da vida, caracterizando-se como a mudança mais traumática da vida. Belsky (2010) ainda expõe a dificuldade da perda considerando que os casais possivelmente viveram juntos

---

<sup>3</sup> HOLMES, T.H.; RAHE, R.K. The Social Readjustment Rating Scale. *Journal of Psychosomatic Research* 4: 189-194, 1967.

cerca de 50, 60 anos, de forma que perdem um companheiro, mas também uma identidade: a de pessoa casada. Esse fato, segundo a autora, leva a quadros de depressão, de angústia, de pensamentos constantes acerca da morte. Isso possivelmente pode ter ocorrido com 02 idosas entrevistadas desta pesquisa, egressas de GC, conduzindo-as a buscar novas relações em virtude da solidão após a perda conjugal (situação exposta por todas as entrevistadas dos perfis de integrantes e de egressos) e a sair de casa (situação exposta por 02 entrevistadas dos integrantes e 01 dos egressos), um espaço possivelmente muito marcado pela presença do parceiro. Esses exemplos de viúvas que buscam novas formas de lidar com a perda – como o ingresso em GCs – estão de acordo com o que sugere Grün (2008): a possibilidade de encarar a perda como um desafio para descobrir a si própria e viver por si mesma.

Com relação a respostas como “acompanhar esposa”, percebe-se o valor e a influência da mulher na vida e no lazer do homem idoso. Dois homens participantes de GC e dois egressos emitiram essa resposta. Esse motivo para procurar um GC pode indicar dependência da esposa, certa referência masculina nas ações da mulher, hipótese reforçada por Schaie e Willis<sup>4</sup> (1996, *apud* Neri, 2001): os homens tendem a ser menos autônomos e mais aquiescentes na velhice. Nesse sentido, a presença do cônjuge (p.ex., no GC) seria ainda mais fundamental para os homens do que para as mulheres. Isso explicaria a ausência de respostas femininas como “acompanhar esposo”. Ademais, segundo Belsky (2010), as mulheres enfrentam a morte do cônjuge melhor que os homens, por estarem emocionalmente mais envolvidas em outros relacionamentos. E ainda, talvez a ausência dessa resposta (acompanhar esposo) em mulheres da presente pesquisa seja decorrente do fato de muitas idosas serem viúvas (há 05 participantes de GC e 03 egressas nesta situação). A este respeito, Camarano, Kanso e Mello (2004) reforçam que as mulheres apresentam esperança de vida maior que a dos homens, diferença que, inclusive, sofre aumento ao longo dos tempos. O estudo de Fenalti e Schwartz (2003) também mostra a diferença entre as respostas de homens e mulheres quanto à presença do cônjuge para participar em um grupo específico para idosos: 50% dos homens apontaram “acompanhar esposa” como um fator muito importante para a participação, enquanto apenas 15% das mulheres responderam “acompanhar esposo”. As autoras também evidenciam a possibilidade desse fato estar relacionado ao estado civil das mulheres, uma vez que 29, de 45 mulheres, são viúvas.

---

<sup>4</sup> SCHAIE, K.W.; WILLIS, S.L. *Adult development and aging*. 4. ed. Nova York: Harper Collins, 1996.

É interessante observar que no caso dos idosos não-participantes a família é apontada justamente como um fator para a não participação em GCs. Duas entrevistadas (E31 e E35) categorizam que não há necessidade para ingressar em grupos pois possuem uma relação muito próxima e constante com a família. Nesses dois casos é possível que as entrevistadas estejam exercendo o que Carstensen (1995) denomina de seletividade socioemocional, pois atribuem posição de destaque às interações estabelecidas com a família. A entrevistada E35, por exemplo, expõe ao longo da entrevista a importância de estar com os netos, exemplificando a sua escolha familiar em virtude da sua nova situação no ciclo da vida: “Tô curtindo neto, ficando disponível em função da família. Não se esquecendo de mim. (...) No momento meu lazer mais delicioso é o domingo com os netos”.

A atitude da entrevistada E35 requer certa atenção. A presença da família na vida de um idoso é extremamente benéfica, representa um apoio social importante para a aceitação da velhice, para a autoestima e motivação do idoso (ARAÚJO; SANTANA; COUTINHO, 2006; ARAÚJO; CARVALHO, 2004). Por outro lado, será que é saudável privar-se de outras relações por estar focado na família? E se, um dia, essa família mudar-se para longe ou passar a ignorar esse idoso? A quem esse irá recorrer?

Um dos incentivos a participar (perfil 1), ter participado do GC (perfil 2) ou vir a participar de certo espaço (perfil 3) foi o incentivo familiar (resposta de 04 participantes, 03 egressos e 02 não-participantes). Esse resultado, apesar de realçar a importância da família ao encorajar as ações do idoso, opõe-se à afirmação de Larousse (2003, p.21): “a família continua sendo a principal fonte de apoio para as pessoas na terceira idade”. Afinal, dentre os participantes, o maior incentivo foi a automotivação (05 respostas); dentre os egressos, os maiores incentivos foram os de pessoas próximas e de orientadores (06 respostas cada); e dentre os não-participantes, o maior incentivo também é a automotivação (04 respostas). Cabe notar que os egressos ainda apresentaram como maior motivação para ter participado do GC o incentivo de outras pessoas e, talvez exatamente por esse motivo, tenham saído: por não estarem num local exercendo uma escolha de lazer apoiada em si mesmo, nas suas preferências, ao contrário dos dois outros perfis, que ainda frequentam um espaço por motivação própria. Nesse aspecto, talvez os egressos apresentassem o que Baltes e Silverberg (1995) denominam de apego inseguro, pois a maioria se motivava a participar daquele grupo pelo incentivo e influência de terceiros, o que pode ter gerado, com o passar do tempo, certa insatisfação, pois frequentavam possivelmente muito mais por se apoiar em

orientadores, pessoas próximas ou até na própria instituição (que abriga o GC), do que por sentirem necessidade e vontade de estar nesse lugar.

Ainda com relação aos egressos, percebe-se mais uma vez a influência externa quanto aos motivos que fizeram a pessoa sair do GC. A família aparece na resposta de 05 idosos. Esse resultado reforça, mais uma vez, o possível apego inseguro muito marcante nesse perfil de idosos em particular, de forma que, tanto para participar quanto para retirar-se, uma maioria desse perfil se apoiou na presença ou ausência de outras pessoas. Os entrevistados E14 (esposa não pôde mais ir) e E18 (mulher incentivou a trocar de GC) trazem novamente a influência da esposa nas escolhas do homem idoso. Este fato requer atenção, de acordo com Grün (2008), pois é necessário que o indivíduo saiba viver também sozinho, a partir de si mesmo, para que assim também possa reconhecer o(a) parceiro(a) como presente em suas vidas. Cabe destacar o caso do entrevistado E15, cuja resposta não faz parte da categoria família, mas avigora a tendência desse perfil em se projetar em outrem, uma vez que confessa, ao longo da entrevista: “(...) E um motivo que saí também, eu desgostei que tinha um rapaz muito bom que fazia ginástica com a gente lá, né, parece que eu me apeguei muito a ele, que ele saiu, eu desgostei” (grifo meu).

Ao questioná-los acerca das atividades que realizam no tempo livre dentro de casa, 03 participantes (perfil 1) e 04 não-participantes (perfil 3) relataram atividades com a família (encontros e/ou visitas). Cabe, aqui, destacar a sutil diferença entre os relatos das entrevistadas E35 e E5. A entrevistada E35 revela que curte os netos em casa, de forma que o termo “curtir” traz uma conotação positiva com relação a estar na companhia dos netos, desfrutar desse convívio entre avós e netos. Por outro lado, a entrevistada E5 afirma cuidar dos netos, num sentido de obrigação, de afazer familiar, evidenciado em sua fala: “Eu que faço tudo e ainda ajudo a olhar neto”. Essa segunda relação com os netos, de obrigação familiar, pode ser prejudicial ao idoso, uma vez que se vê novamente no papel de cuidador, o qual já exerceu como pai ou mãe, e que no momento não deveria ultrapassar suas vontades nem delimitar seu tempo livre. Entretanto, essa relação apenas foi evidenciada por 01 entrevistada da pesquisa, o que expõe a tendência dos “novos avós” em diminuir as obrigações familiares e a aparente submissão ilimitada a essas, em função da valorização da vida pessoal e das suas necessidades particulares, para dar lugar ao lazer social em família (DUMAZEDIER, 1979). Larousse (2003) expõe que essa nova posição do idoso no quadro familiar tende a crescer principalmente a partir da geração de adultos de hoje:

Quando os casais de hoje envelhecerem, é possível que exijam mais da vida. Talvez sintam necessidade de libertar-se de compromissos e horários e, conseqüentemente, limitem o tempo para cuidar dos netos. Não se sabe até quando vai durar a tendência de se recorrer aos avós para cuidar dos netos e, inclusive, de exigir deles em determinadas ocasiões que assumam essa responsabilidade, criando um dilema insolúvel, pois muitos não sabem dizer não (principalmente as avós). (p.21)

No que diz respeito a atividades que fazem fora de casa, no seu tempo livre, encontra-se mais uma vez a presença da família no lazer do idoso: nas respostas de 09 entrevistados não-participantes, 03 participantes e apenas 02 egressos. Os relatos foram ao encontro dos achados de Gomes e Pinto (2006) sobre atividades de lazer, que encontraram 47,7% de idosos que visitavam amigos e parentes e 43,9% que brincavam com netos. Entretanto, outras descrições de atividades com a família foram relatadas pelos idosos do presente estudo, como: reuniões familiares, ouvir primo tocar em bar, passeio e viagens com família (possivelmente presente nos resultados de Gomes e Pinto na categoria ampla “viajar”, sem detalhes sobre esta atividade), ir ao clube com a família (também possivelmente presente nos resultados de Gomes e Pinto na categoria ampla “ ir ao clube”, sem detalhes sobre esta atividade), apresentações de dança da filha, e almoço com filhos. No estudo de Almeida *et al.* (2005) não houve registro de prática de lazer incluindo a família, possivelmente porque a pesquisa foi elaborada a partir de questões estruturadas que não incluíram a família na análise do conteúdo das respostas sobre práticas de lazer.

É interessante refletir acerca da diferença da presença da família nas atividades de lazer fora de casa entre os não-participantes e os outros dois perfis. Isso conduz a dois questionamentos: 1)Será que os primeiros perfis buscaram um GC justamente porque não tem uma relação constante com a família, principalmente em espaços fora do lar?; e 2)Ou os idosos desses perfis estão tão acostumados a associar o termo “atividade” com o caráter físico, a ponto de não relatarem experiências familiares? Com relação ao primeiro questionamento, há o estudo de Oliveira e Cabral (2004) que expõe que muitos idosos, como os estudados por estes autores, saem de casa apenas para ir aos GCs porque não possuem outros meios ou recursos para experimentar outras possibilidades. Com relação à segunda pergunta, esse fato poderia ser investigado através de um novo estudo, com os mesmos entrevistados, e novas perguntas à entrevista.

Percebe-se, na fala de todos os idosos que destacam a presença da família nas mais diversas atividades, o emprego de termos variados, como filhos, netos, primo, família, com exceção de 01 entrevistada: E16. Em todas as suas descrições de atividades fora de casa com a família ou sem a família, essa idosa apenas listou os filhos. Isso parece indicar que sair de casa está totalmente condicionado à presença ou ausência dos filhos, o que limita totalmente suas experiências fora do lar. Grün (2008) chama a atenção para a necessidade dos idosos, em especial mulheres, se libertarem da relação de dependência dos filhos, da necessidade constante de ter os filhos ao seu redor, e de evitar a situação exposta por Oliveira e Cabral (2004) (mãe que somente vai ao forró quando o filho pode ir).

Reconhece-se também que a dificuldade da entrevistada E16 em sair de casa está intrinsecamente relacionada ao seu difícil estado de saúde e locomoção, o que conduz à reflexão: onde está o Estado para garantir ao idoso o que é afirmado no Estatuto do Idoso (2003): o direito ao lazer? Com relação a esse aspecto, Marcellino (2002) expõe que há no Brasil uma série de fatores sociais que impedem a vivência do lazer na velhice, e que cabe, inclusive, aos próprios idosos se organizarem e reivindicarem seus direitos.

Ao serem questionados sobre o que buscam como lazer em suas vidas, apenas 02 idosos participantes e 03 não-participantes situam a família nessa busca. Esse resultado agrega ao estudo de Jesus (2007), no qual, dentre outras coisas, as idosas entrevistadas relataram que lazer é estar em família. Entretanto, talvez esse pequeno número de respostas e a ausência de resposta que associe lazer e família nos egressos mostre que a família esteja contemplada em outras respostas como “conviver com outras pessoas”, “passear”, “festa”, fato que também somente poderá ser melhor investigado em futuras pesquisas.

Todos esses dados discutidos retomam a importância da família nos diferentes âmbitos da vida do idoso, inclusive, no lazer. E, conforme discutido, há de se fazer a ponderação entre a presença exacerbada da família assim como a sua ausência total. É necessário um equilíbrio entre vida e lazer do idoso, e vida e lazer familiar.

#### **4.2 Relacionamentos interpessoais**

Um dos principais motivos para a procura por um GC em participantes (04 pessoas) e em egressos (06 pessoas) foi relacionamentos interpessoais em suas diferentes facetas: busca por novos contatos, novas amizades, convite de pessoas

anteriormente conhecidas, necessidade de socialização. Esse resultado confirma a afirmação de muitos estudos, os quais apresentam a busca pela socialização e o interesse em criar e aumentar laços de amizade, como importantes agentes impulsionadores da participação de idosos nos mais diversos programas de lazer (SOUZA, 2001, 2004; PEREIRA; PEREIRA; MORELLI, 2006; OLIVEIRA; CABRAL, 2004; GOMES; PINTO, 2007; FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GASPARI; SCHWARTZ, 2005; SOUZA; GARCIA, 2008; FERNANDES *et al.*, 2011). Este resultado é reforçado ao se observar participantes e egressos citando formas de interação social (conversar, bater papo e confraternizar) como atividades que realizam ou realizaram no GC. Além disso, 03 egressos consideraram as atividades que faziam no GC como práticas de lazer porque permitiam momentos de interação social.

Neste sentido, os relacionamentos interpessoais são motivadores não apenas da procura e, consecutivamente, do ingresso em GCs, mas também da própria permanência dos idosos nesses grupos. Para os participantes, o principal motivo apontado para continuarem participando por tanto tempo no GC (a menor duração foi de 08 anos) envolve vínculos estabelecidos com pessoas próximas que também frequentam o grupo (06 respostas) e com o orientador do grupo (06 respostas). Esse resultado converge com pesquisas que apontam a ausência do sentimento de solidão após a entrada em GCs. Essa ausência parece refletir a importância da rede social promovida pela participação do idoso em um GC e, se essa rede exerce mudanças na vida dessas pessoas, é porque estas provavelmente também atribuem aos relacionamentos interpessoais um grande incentivo a continuar participando do GC.

Percebe-se, a partir desse maior estímulo à continuidade da participação, que os idosos entrevistados no presente estudo atribuíram maior importância às relações construídas e cativadas no espaço do GC do que às atividades ou à infraestrutura do GC. Isto porque apenas 03 pessoas citaram a importância do programa em si para permanecer nele: “um ambiente saudável” (E5) e “gosto do programa” (E7 e E11). Cabe ainda analisar que esses 03 entrevistados também relataram permanência em função dos vínculos estabelecidos no GC. Esses resultados divergem dos encontrados na pesquisa de Fernandes *et al.* (2011), na qual os idosos relataram como principais motivos para permanecer no programa da Universidade Aberta à Maturidade (UAM) a satisfação com as disciplinas e as instalações oferecidas (52,24%) e a satisfação com o corpo docente da UAM (56,72%). Entretanto, o estudo em questão não descreve de que forma esses resultados foram obtidos (questionário ou entrevista, questões fechadas ou abertas), o

que impede de afirmar categoricamente que os idosos atribuíram maior importância ao programa do que às amizades e contatos sociais com colegas participantes. E se for convertida para porcentagem a quantidade de participantes de GC da presente pesquisa que atribuem sua permanência a características da programação do grupo, são encontrados apenas 25% de integrantes com esta percepção.

Durante a participação no GC percebe-se o destaque do papel dos orientadores no incentivo para a participação dos idosos nas atividades oferecidas pelo grupo: 07 participantes e 08 egressos apontaram o incentivo dos orientadores como fundamental para a participação nas atividades. Ou seja, a figura do professor e do coordenador como um incentivador é imprescindível para que os idosos se mobilizem a participar do que é ofertado em cada programa. Esse resultado abrange nuances positivas e negativas. É positivo, pois tanto o coordenador como o professor detém essa função de líder, de exemplo, socialmente construído, de forma que é gratificante notar que o seu papel está sendo bem realizado, que ele não é uma figura ausente. Mas é negativo (aliás, requer cuidado e atenção), porque pode indicar que o idoso está ali, muitas vezes, não porque prefere o que é ofertado naquele local como prática de lazer, mas porque se apegou de forma insegura a um dado profissional. Falas como a do entrevistado E7 trazem essa ideia de apego a outra pessoa e que justifica uma escolha que deveria ser do indivíduo, em primeiro lugar: “Quem incentiva muito a fazer a atividade é o (nome do coordenador), que é a força de ocê vim”. E essa situação de apego inseguro pode complicar eventualidades, pois esse profissional pode, um dia, por razão qualquer, se ausentar do GC, deixando aquele que se apegou de forma insegura desorientado e confuso quanto aos motivos de estar naquele grupo. Este foi o caso do E15, que expôs sua saída simultaneamente com a saída do profissional a quem se apegou de modo inseguro. Diante disso, questiona-se: Não seria responsabilidade das instituições (que abrigam os GCs) e dos profissionais envolvidos preparar os idosos para possíveis ausências de pessoas às quais se apegam inseguramente, nas quais se apoiam e se espelham cegamente? Preparar os idosos para possíveis trocas de professores, de coordenadores? Propostas de ação não deveriam ser elaboradas por essas instituições com o objetivo de possibilitar que os idosos consigam conduzir suas novas redes sociais construídas para além dos muros dos locais de encontro dos grupos? Conversas, reuniões e, inclusive, questionamentos não deveriam ser direcionados aos idosos a fim de verificar se estes estão realmente satisfeitos com o que é ofertado e, em caso negativo, possibilitar o acesso a outros idosos que ocupam listas de espera? Não caberia aos governos promover

as mesmas, e outras, práticas de lazer ofertadas aos idosos nesses GCs por toda a cidade a fim de que o acesso a elas seja ampliado e de forma que esses não se limitem a uma única instituição?

O perfil de idosos não-participantes (perfil 3) revela dados interessantes acerca dos relacionamentos interpessoais. Duas entrevistadas afirmam que não frequentam um GC por preferirem trocas de experiências com outras idades (p.ex., sair com jovens). Alves Junior (2008) afirma que essa intergeracionalidade é louvável e deveria ser incentivada, pois evitaria o risco de formar “guetos de idosos”, situando os idosos à margem das demais idades, cujo contato se restringiria aos jovens animadores. Entretanto, o relato dessas duas entrevistadas requer atenção, pois pode revelar certo preconceito em relação à própria velhice e à dos demais. Afinal, podem preferir se relacionar com jovens por não aceitarem e até não conseguirem ter uma boa relação com os idosos, muitas vezes, por não se aceitar como velha. E há talvez ainda outro preconceito: o de achar que aqueles que participam de GC nunca interagem com jovens, por isso optam por não participar.

A maioria dos idosos não-participantes (08 pessoas, de 12) não frequenta um GC mas participa de algum espaço regularmente. Essa participação ocorre, para a maioria dessas pessoas, em grupos estruturados, ou seja, em locais onde há um convívio constante entre diferentes pessoas, de forma a ampliar a rede social desses indivíduos. Dessa forma, e ao questioná-los acerca das atividades que exercem nesses espaços, a maioria relatou experiências de interação social (conversar, fazer amizades, “dividir problemas”), o que reforça, também nesse perfil (3), a busca constante do idoso por relacionamentos interpessoais, dado o valor das redes sociais em suas vidas. Os idosos não-participantes, fora de casa e mesmo fora dos espaços que costumam frequentar, também atribuem grande importância aos relacionamentos interpessoais, visto que 06 realizam atividades como café com amiga, conversas com vizinhos, e dinâmica com grupo de amigos.

Os idosos dos três perfis buscam, nas suas mais diversas experiências, possibilidades de estabelecer novos contatos e fortalecer os já existentes: 03 participantes, 03 egressos e 05 não-participantes relataram que buscam relacionamentos interpessoais como lazer em suas vidas. Esse resultado converge com o estudo de Jesus (2007), no qual as entrevistadas afirmaram que lazer é fazer amigos e, também, com a pesquisa de Gomes e Pinto (2006), na qual 26,5% dos idosos responderam, como

entendimento de lazer, sociabilizar-se (recuperar e expandir vínculos sociais, aumentando a qualidade de vida).

Todos esses resultados expostos e discutidos evidenciam a importância das relações socioafetivas na vida do idoso, o que instiga os indivíduos a busca-las, nos mais diferentes contextos que permitam o convívio em grupo. Esses achados convergem com a Teoria da Seletividade Socioemocional proposta por Carstensen (1995), a qual indica que os idosos estabelecem metas conforme as emoções que essas podem trazer, de forma que as interações sociais, por gerarem aumento das emoções positivas, constituíram-se como maior fator motivacional para inserção e participação dos idosos pesquisados em algum espaço coletivo. Rezende (2008) afirma que essas relações são essenciais para todo e qualquer ser humano, uma vez que auxiliam na construção da personalidade, no crescimento individual, afetando toda a existência. O autor destaca que para os idosos essas relações são ainda mais importantes, pois são mais dependentes de reconhecimento e aceitação; muitos, inclusive, já enfrentaram grandes perdas – nos mais diversos âmbitos – decorrentes da chegada à velhice, de forma que “relacionar-se melhora a qualidade de vida porque possibilita encontrar naquele com quem se partilha os problemas um estímulo e um referencial de apoio emocional” (DOIMO; DERNTL; LAGO, 2008, p.1140).

#### **4.3 Preocupação com a saúde**

A preocupação com a saúde apareceu na resposta de 07 participantes e 07 egressos como motivo para procurar um GC. Essa procura pode ser, muitas vezes, impulsionada por recomendação médica, a fim de promover melhoria do estado de saúde (PENNA; SANTO, 2006). Os idosos entrevistados no estudo de Fenalti e Schwartz (2003) apontaram como principal motivo da participação em uma Universidade Aberta à Terceira Idade a prática de atividades físicas (91,1% das mulheres e 66,7% dos homens), seguido da procura do bem-estar geral (86,7% mulheres e 66,7% homens), o que reflete a tomada de consciência dessas pessoas sobre os benefícios propiciados à saúde com a prática do exercício físico.

A busca de um melhor estado de saúde propiciado pela atividade física é tão fundamental para os idosos participantes de um GC que a preocupação com a saúde foi motivo da permanência no grupo para 07 entrevistados. Essa relação entre preocupação com a saúde e prática de atividade física fica evidente ao se perceber que todos os

participantes e egressos relataram exercícios que objetivam a independência física como atividades que fazem ou faziam, respectivamente, no GC.

Com relação às atividades que fazem fora de casa, com exceção dos GCs, a maioria dos participantes e dos egressos relatou a prática de exercícios que objetivam a independência física. E, ainda, quando são questionados acerca das atividades que têm vontade de fazer na vida, 04 participantes querem mais exercícios para independência física e 06 egressos querem práticas corporais. Esses resultados convergem com a importância da atividade física para o idoso, uma vez que reduz efeitos deletérios provocados pelo envelhecimento e ainda reduz problemas psicológicos, como ansiedade e depressão (MATSUDO; MATSUDO, 1992). Além disso, a atividade física auxilia o idoso a realizar atividades de vida diária (AVDs) (SOUZA; SOUZA, 2008; PASSOS *et al.*, 2008). Entretanto, será que esses idosos realmente querem mais atividades físicas na vida? Ou simplesmente não conseguem se desvencilhar dessas e/nem pensar em outras possibilidades porque estão tão imersos na lógica do exercício físico, tão presente nesses programas de lazer? Ou será que o uso do termo “atividade” na entrevista os conduziu a dar essas respostas?

É interessante notar que a preocupação com a saúde não aparece nas falas dos não-participantes. Será esses indivíduos desfrutaram de um bom estado de saúde e é o estado de saúde que indica a necessidade em ingressar em um GC? Ou esses indivíduos são de melhor nível socioeconômico e têm mais recursos para lidar bem com a questão da saúde atrelada à prática de exercícios em outros lugares? Talvez o diferencial seja mesmo o estado de saúde desses indivíduos ou, até mesmo, a percepção de cada um acerca da própria saúde. Esta percepção, por exemplo, pode levar o sujeito a não compreender que seja uma necessidade estar num espaço onde a prática de atividade física é muito valorizada; alguns desses (05 pessoas) indicaram a caminhada como uma atividade que praticam fora de casa – uma prática sem custos.

#### **4.4 Religião**

Gabriel (2008) expõe a trajetória da religião em relação ao lazer, evidenciando que as instituições religiosas, assim como a espiritualidade como um todo, ao mesmo tempo que em certos momentos da história foram responsáveis por frear práticas de lazer dos indivíduos, em outros foram impulsionadoras do lazer através das festividades aliadas à manifestação do sagrado (feriados religiosos). O autor ainda destaca que há

um eixo lazer-religião, no qual os dois termos envolvidos exercem influências e ações no comportamento humano de forma equivalente.

Nesse sentido, há de se esperar que boa parte dos brasileiros e, conseqüentemente, boa parte dos idosos brasileiros estabeleça uma relação particular entre lazer e religião, já que, conforme o censo 2000 (IBGE, 2000), apenas 7,3 % da população brasileira declarou-se sem religião. No caso dos idosos, a religiosidade, conforme Araújo *et al.* (2008), auxilia o indivíduo a encarar de forma mais positiva possíveis sofrimentos, desafios e perdas resultantes da velhice, funcionando como suporte emocional. Alves (2006) destaca que a religiosidade pode impulsionar o idoso a buscar um novo sentido de vida, superando possíveis medos para encontrar novas metas e, inclusive, novos dons. Aí pode estar incluída a experiência de lazer.

Os resultados do presente estudo surpreenderam por estarem na contramão dessa tendência religiosa dos idosos: apenas 02 idosos do perfil 1, 03 do perfil 2 e 02 do perfil 3 relataram fazer alguma prática religiosa, ou seja, apenas 19,4% dos entrevistados, tendo respostas somente femininas. Com relação a esse fato, Duarte *et al.* (2008) ponderam que a maior importância dada à religiosidade pelas mulheres pode ser relacionada ao maior envolvimento dessas nas instituições religiosas que frequentam, onde assumem, muitas vezes, papéis de liderança em atividades diversas.

No estudo de Duarte *et al.* (2008) foram pesquisados idosos do município de São Paulo e a relação desses com a religião. Esses autores encontraram, ao contrário do que parece ser desvelado com a presente pesquisa, que, para a maioria dos idosos daquele estudo, a religião é algo muito importante. Talvez essa diferença tenha ocorrido em virtude dos objetivos de cada pesquisa, ou seja, na ênfase atribuída em cada uma acerca da religião e do idoso, o que provavelmente afetou os instrumentos de pesquisa (formas de abordar o sujeito sobre o tema estudado), os resultados obtidos (as respostas das pessoas) e a interpretação destes resultados.

Entretanto, talvez os resultados do presente estudo indiquem que os idosos investigados, por representarem idosos ativos, gozam mais do presente e não apresentam muita preocupação com a morte, e, por isso, não parecem ter muita necessidade de buscar a religião. Para Barbosa e Freitas (2009), a religiosidade pode auxiliar o idoso a enfrentar situações-limite como a ocorrência de doenças crônico-degenerativas e, por sua vez, a possibilidade da chegada da morte. Dessa forma, os idosos pesquisados podem não sentir essa proximidade com a morte em virtude de não

apresentarem doenças crônico-degenerativas e, portanto, julgarem não precisar de apoio espiritual.

Possivelmente essa seja a diferença entre os idosos pesquisados neste estudo e os pesquisados por Freire Junior e Tavares (2005): a presença de doença crônica incapacitante. Os autores entrevistaram idosos de uma instituição de longa permanência situada em Caratinga (Minas Gerais) e encontraram nas respostas desses a importância da religiosidade para aceitar perdas, momentos difíceis e até lutar pela saúde. Essa preocupação com a morte pode realmente ser um fator capaz de alterar a importância da religião na vida de um idoso. Moura<sup>5</sup> (2012), ao investigarem o lazer de idosos institucionalizados em Belo Horizonte, encontraram, de modo diferente também da atual pesquisa, a presença constante da religiosidade nas falas das entrevistadas. Essa diferença com relação às pesquisas pode ter ocorrido devido a duas questões. A primeira seria que os idosos de uma ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos) podem se sentir mais próximos da morte e, por isso, mais necessitados de fé e religiosidade; e a segunda, não excludente e até possivelmente complementar da primeira, que os idosos estariam mais presos a certas normas e horários de uma instituição, de forma que a saída até a instituição religiosa seria um momento de lazer particular e significativo para eles, ou, até mesmo, a ida à capela oferecida pela própria instituição seria percebida como um evento especial em suas rotinas, permitindo a esses mais uma possibilidade de lazer.

Nesse contexto, novos estudos seriam necessários para verificar se há realmente uma diferença da presença da religião para um idoso saudável e para um idoso doente. Parece importante que se investigue se essa diferença existe ao comparar idosos de instituições de longa permanência, idosos que residem em suas próprias residências, idosos que residem com familiares, e idosos que moram sozinhos. Enfim, novas pesquisas mostram-se necessárias a fim de detectar se o estado de saúde e o tipo de moradia e presença de outros moradores influenciam na relação estabelecida pelo idoso entre lazer e religião.

---

<sup>5</sup> MOURA, Giselle Alves de. *Experiências de lazer de idosos independentes institucionalizados*. Belo Horizonte, 2012. 232p. Não publicado.

#### 4.5 Tempo ocupado

Alguns estudiosos ainda afirmam categoricamente que os indivíduos com 60 ou mais anos de idade possuem imenso tempo livre, no qual podem se entregar a práticas de lazer. Pereira, Pereira e Morelli (2006), por exemplo, asseguram que a grande maioria dos idosos possui tempo disponível para viajar o ano todo. Ferrari (2002) também faz afirmações nesse mesmo sentido:

Podemos constatar que os anos que cobrem esse período da vida representam as pessoas com 60 anos e mais, praticamente desobrigadas do trabalho remunerado, e de outras tarefas domésticas e sociais. O ingresso nesse período vem então acompanhado por um imenso tempo livre (...). (p. 99)

Entretanto, Ferrari (2002) explicita, algumas páginas depois, que não são todos dessa faixa etária que têm tempo livre, uma vez que há os que necessitam se dedicar a uma segunda ou terceira carreira, ao trabalho autônomo, à doação de causas sociais ou mesmo aos cuidados da casa e da família. Uvinha (1999) esclarece que essas asseverações são encontradas na literatura atual, pois ainda é bastante recorrente no senso comum a ideia de que o idoso, após a vida de trabalho, desfruta de tempo integralmente livre e, por sua vez, disponível para o lazer.

Essa ideia de um idoso totalmente disponível para as práticas de lazer é perigosa e desconsidera a heterogeneidade da velhice (REZENDE, 2008; MELO, 2003). Os idosos pesquisados no presente estudo, por exemplo, mostraram-se bastante ocupados com atividades diversas (por exemplo, afazeres domésticos, atividades que geram lucro, cuidados com netos). Ao questionar os idosos não-participantes acerca dos motivos para não ingressarem em um GC, 06 emitiram respostas sobre tempo ocupado. A fala da entrevistada E27, de 74 anos, ilustra muito bem essa situação:

E aí minha vida é muito assim, eu sou uma mulher de 1001 utilidades, até eu que cuido da minha casa sozinha, lavo, passo, cozinho, faço faxina. Ainda faço, é..., conserto de roupa. (...) Então minha vida é assim um tumulto, entendeu, é um tumulto! Tenho tempo, assim, pra nada.

Três dos participantes, ao serem perguntados acerca daquilo que tem vontade de fazer na vida mas nunca fizeram, relataram como motivo a falta de tempo: 02 entrevistadas declararam não ter vontade de fazer mais nada por não terem mais tempo e 01 entrevistado expressou a vontade de fazer musculação, reprimida pela falta de tempo. E essa falta de tempo se expressa em meio às várias incumbências atreladas a

esses idosos. Oito pessoas participantes e 05 não-participantes relataram preencher a maior parte do tempo, dentro de casa, com afazeres domésticos, tais como serviços de casa, cozinha e serviços de pedreiro. Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos. Doimo, Derntl e Lago (2008) encontraram que as idosas ocupam a maior porção do dia (33%) com tarefas domésticas, seguido de práticas de recreação e lazer (26%). Gomes e Pinto (2006) também encontraram tarefas domésticas nas respostas dos entrevistados, como cozinhar, cuidar do jardim ou horta, porém não discriminaram as respostas por gênero.

O diferencial desse resultado é justamente a presença masculina nessas respostas referentes aos afazeres domésticos, pois, dos participantes, 04 são homens, sendo 03 ocupados dos serviços de pedreiro e 01 da cozinha; dos não-participantes, 02 são homens, sendo os 02 ocupados dos serviços de casa e 01 deles também de serviços de pedreiro. Esse resultado contrapõe a afirmação de Moragas (1997) de que o trabalho doméstico é realizado fundamentalmente por mulheres, uma vez que é um trabalho desprovido de boa reputação e prestígio, cabendo aos homens ocupações de maior promoção social. É bem provável que essa diferença tenha ocorrido em função da mudança paulatina do homem no interior do lar, do abandono das visões preconceituosas acerca das tarefas domésticas e da necessidade de divisão dessas em virtude da disponibilidade de tempo para ambos os sexos.

Percebe-se que, dos 06 homens dos dois perfis que relataram exercer atividades no âmbito do lar, 04 realizam serviços de pedreiro, com a função de melhorar a casa, como afirma o entrevistado E25: “Eu gosto pra ir melhorando a casa, fazendo as coisa”. Entretanto, há nas falas desses entrevistados não apenas a vontade de melhorar a casa, mas também a ideia de ter continuidade de um trabalho desenvolvido antes da aposentadoria, como algo que está intimamente ligado e de forma especial ao lazer desses idosos, ao prazer pelo trabalho: “Meu lazer é mais é trabalhar” (E25, 72 anos). Essa relação com o trabalho representa uma geração que aprendeu, ao longo da vida, a superestimar o trabalho, sentindo-se, inclusive, perdida com o aumento do tempo livre pós-aposentadoria (FERRARI, 2002).

Rodrigues e Mercadante (2006) destacam que o trabalho, para o homem, vai muito além da questão econômica, uma vez que consiste na referência social da sua masculinidade: cabe a ele ser o provedor, papel realizado em virtude do trabalho. Os autores ressaltam que essa masculinidade é trabalhada no homem desde a infância, na

qual através das brincadeiras os meninos são incentivados a mostrarem sua força física. Nesse sentido,

a relação simbólica que há entre a perda de masculinidade e afastamento do trabalho pode explicar porque é tão difícil para alguns homens aceitarem a sua aposentadoria como uma época em que poderiam viver mais tranquilos, pensando mais no lazer e numa vida com menos compromissos, mais próximos de suas famílias e, portanto, com menos tensão; ao contrário faz com que retornem ao mercado de trabalho ou procurem preencher o tempo exercendo tarefas que representem ação (...). (Rodrigues e Mercadante, 2006, p. 121).

De acordo com Neri (2009), os homens que possuem uma identidade principal veiculada a um tipo de trabalho querem discutir o momento de aposentar. Para esses é necessário cautela, pois se não conseguem visualizar sua vida fora do emprego podem desenvolver elevado sentimento de perda e dificuldade para ingressar em qualquer atividade motivadora e desafiadora. Eles “vivem no e para o passado. Aos poucos, transformam-se em pessoas desinteressantes e sem vida” (NERI, 2009, p. 17).

Cabe observar que o presente estudo mostra que não apenas os homens se engajam em trabalhos que os façam se sentir úteis, mas também as mulheres. E esses trabalhos também possuem o objetivo de gerar algum tipo de lucro: como a entrevistada E19 que saiu do GC também porque tinha a necessidade de trabalhar; 01 idosa e 01 idoso participantes que fazem salgado para vender; 01 idosa participante que faz toalha, pano de prato e costura para ela e para venda; 01 idoso egresso que vende queijo; 01 idoso egresso que vende artesanato; e 01 idosa não-participante que faz xarope para vender e conserta roupas. Essa situação reflete a necessidade, por parte desses idosos, de manter o padrão de vida, possivelmente aliada à manutenção da saúde e qualidade de vida (NERI, 2009).

A particularidade dessas situações, onde o idoso realiza uma ação tanto para o lazer quanto para auxílio no seu sustento e necessidade de possuir uma função social, é denominada de *semilazer* por Dumazedier (1979). Afinal, de acordo com o autor,

(...) se o lazer obedece parcialmente a um fim lucrativo, utilitário ou engajado, sem se converter em obrigação, não é mais inteiramente lazer. Torna-se lazer parcial: chama-lo-emos então de *semilazer*. Tudo ocorre como se o círculo das obrigações primárias interferisse com o círculo das obrigações do lazer, para produzir, na intersecção, o *semilazer*. (...) quando o pescador de vara vende alguns peixes; quando o jardineiro apaixonado pelas flores cultiva alguns legumes para nutrir-se (...). (p. 95).

Dessa forma, esse conceito de semilazer se aplica aos idosos pesquisados, uma vez que esses já recebem valores derivados da aposentadoria, mas, tanto por gostarem do que se prontificam a fazer, quanto pela vontade de obter lucro a partir dessas atividades, optam por exercer práticas de semilazer.

De forma semelhante, há o trabalho voluntário presente nas respostas de alguns entrevistados, caracterizado como um tipo de lazer prossocial, de acordo com Iwanowicz (2000). Este lazer prossocial permite a autorrealização através do trabalho. Neri (2009) afirma, inclusive, que o advento da aposentadoria, ao contrário da conotação negativa que a ele muitos atribuem, é visto hoje também como possibilidade de fazer aquilo que sempre quis e não pôde, em virtude do empenho destinado à profissão.

Dos idosos entrevistados nesta pesquisa, 08 realizam algum tipo de trabalho voluntário:

- 01 idoso não-participante auxilia voluntariamente onde trabalhava (FEB);
- 01 idosa não-participante atua em uma ILPI para ajudar na arrecadação do 13º salário dos funcionários, para ver a alegria das residentes, além de servir, para ela, como uma “terapia”;
- 01 idosa não-participante coordena uma ILPI;
- 01 idoso não-participante auxilia tanto em uma ILPI quanto na igreja, quando precisa, com funções semelhantes às que desenvolvia profissionalmente;
- 01 egressa ajuda uma família e visita ILPIs;
- 01 participante visita doentes no hospital;
- 01 participante faz trabalho social na igreja; e
- 01 participante ajuda voluntariamente no GC, com aulas de crochê e bordado.

Esses dados contribuem para a literatura científica, uma vez que nos estudos como o de Gomes e Pinto (2006), de Almeida *et al.* (2005) e de Dias e Schwartz (2005) não houve qualquer relato por parte dos idosos do trabalho voluntário como prática de lazer. Mas a pesquisa *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade* trouxe resultado semelhante: 10% dos entrevistados relataram a realização de algum tipo de trabalho voluntário (DOLL, 2007).

Alves Junior (2000) entrevistou voluntários na Universidade do Tempo Livre de Rennes, Bretanha (França), e verificou que a prática do voluntariado permite às pessoas: se manterem ativas intelectual e fisicamente; continuarem uma ocupação que foi

interrompida (caso dos entrevistados E36 – reparos na parte elétrica na ILPI e na igreja – e E32, com auxílio no Museu da FEB); substituírem um trabalho por outro, não remunerado; pela oportunidade de dividir conhecimentos (caso dos entrevistados E36, E32, e da entrevistada E10, com suas aulas de bordado, crochê); e sentirem prazer em ajudar os outros (caso das entrevistadas E33 como coordenadora de ILPI; E35, por ajudar na ILPI; E23, por ajudar uma família necessitada; E4, por visitar doentes; E5, por realizar trabalho social na igreja). A fala da entrevistada E35 ilustra bem essa realização advinda do voluntariado através da ajuda ao próximo: “(...) Eu falo que nosso pagamento é ver a alegria das idosas quando a gente chega, dá um abraço nelas, dá um beijo, senta pra conversar. (...) E esse momento é muito prazeroso, como eu falo, que o trabalho voluntário, se ele não for prazeroso, num leva a nada”.

#### **4.6 Escolhas de lazer**

Apesar de não ter sido objetivo direto do presente estudo verificar quais as compreensões acerca do termo lazer pelos idosos entrevistados, algumas perguntas da entrevista ofereceram a oportunidade de conhecer o que esses indivíduos entendem como lazer. Apontamentos acerca do entendimento de lazer dos sujeitos desta pesquisa tornaram-se possíveis com a análise das respostas às perguntas sobre se as atividades que fazem no GC (perfil 1), que fizeram no GC (perfil 2), que fazem na atualidade (todos os perfis) e as que gostariam de fazer (todos os perfis) são atividades de lazer, assim como com a análise das justificativas a tais respostas.

Cinco participantes consideram as atividades do grupo como práticas de lazer pois estão relacionadas ao descanso, à diversão, à participação social, o que converge com as dimensões do lazer propostas por Marcellino (2007): descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social. Entretanto, ao questioná-los acerca das atividades que fazem em geral na vida e as que gostariam de fazer, explicitaram que as consideram como práticas de lazer, mas não souberam justificar. Quatro egressos relataram que as atividades que faziam no grupo eram práticas de lazer baseadas nas atividades em si, sem também conseguir explicar a razão de considerá-las como práticas de lazer; e 03 participantes relataram que eram práticas de lazer por propiciarem interações sociais. No entanto, da mesma forma que os participantes, não conseguiram justificar porque consideram as atividades que fazem hoje e as que gostariam de fazer como lazer. Com relação aos não-participantes, o maior número de respostas também não exibe justificativa, seguida de 04 respostas que associam lazer a prazer. Gutierrez (2001)

pondera que há um elo entre lazer e prazer, pois o fato de permitir prazer é o que o distingue de outras práticas sociais, sendo o prazer uma sensação complexa, subjetiva e que varia de acordo com o contexto.

Com relação às respostas afirmativas não acompanhadas de explicação, há também o estudo de Pereira, Pereira e Morelli (2006), no qual a maioria dos pesquisados não soube explicar o que é lazer, apenas associando-o a atividades rotineiras (cozinhar, passear, assistir televisão, esporte). Dias e Schwartz (2005) também encontraram associações do lazer com atividades da rotina de idosos, com boa quantidade de relatos sobre assistir televisão (05 pessoas) e conversar com amigos ou familiares (05 pessoas). É interessante observar que no presente estudo o ato de assistir televisão como prática de lazer foi citada apenas por 04 pessoas (de 36 abordadas), o que contrapõe alguns estudos como o citado anteriormente, o de Doimo, Derntl e Lago (2008; assistir TV ocupava 47% do tempo destinado à recreação e lazer, em idosos) e o estudo *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade* (DOLL, 2007: assistir TV foi prática relatada por 93% dos entrevistados) e também a ideia, que perpassa o senso comum, de que o idoso passa a maior parte do tempo exercendo o denominado lazer passivo (p.ex., na frente da televisão). Além desses 04 idosos, há 03 idosos que relataram assistir futebol na televisão, o que mostra que eles escolhem aquilo que desejam assistir, não se tornando agentes passivos dos canais televisivos.

Torna-se contribuição do presente estudo destacar as práticas de lazer não encontradas ou não detalhadas por estudos anteriores e disponíveis que buscaram listar as atividades realizadas pelos idosos nos momentos de lazer. São representantes desta produção científica os trabalhos de Gomes e Pinto (2006), Almeida *et al.* (2005), Dias e Schwartz (2005) e Wolff (1998):

- Dinâmica com grupos de amigos (citada por 01 idosa) e café com amiga (01 idosa): alguns estudos relatam as visitas aos amigos, mas não detalham as atividades realizadas nessas visitas;
- Benzer (01 idosa): não há relatos nesses estudos acerca de práticas religiosas diferentes de ir à missa ou ir à igreja;
- Brincar com estação de trem própria (01 idoso): os estudos não detalham formas de brincar dos idosos pesquisados, somente “brincar com netos” (Gomes e Pinto, 2006), forma esta também encontrada neste estudo;
- Atividades detalhadas com a família, como ver o primo tocar num bar, ver apresentações de dança da filha, almoço com filhos, reuniões de família (vários idosos

detalharam suas práticas familiares): não há detalhamento sobre os tipos de atividades e de interações realizadas no encontro entre idoso e seus familiares naqueles estudos;

- Baixar música pela Internet (01 idosa), fazer curso de informática (01 idosa): os estudos não descrevem o que os idosos costumam fazer na Internet e/ou no computador. E essa relação do idoso com a Internet tende a crescer, uma vez que é um meio de encontrar informações sobre saúde e atividade física, é também uma forma de lazer (SCHWARTZ, 2003), de socialização e que contribui para atividade cerebral e bem-estar do idoso (MIRANDA; FARIAS, 2009);

- Atividades que geram lucro (citadas por 07 idosos): no estudo de Gomes e Pinto (2006), por exemplo, aparece costura como prática de lazer, entretanto, não há detalhamento se esta costura gera lucro;

- Trabalhos voluntários (citados por 08 idosos): nos referidos estudos não houve nenhum relato de idoso sobre alguma atividade de cunho voluntário;

- Ir a algum Shopping Center (citada por 02 idosas): possivelmente houve relatos relacionados ao termo passeio, listado em muitos estudos, porém não houve detalhamento sobre onde ocorriam estes passeios, nas publicações estudadas.

Observa-se também, nesta pesquisa, que os idosos não se direcionam aos GCs ou aos espaços que frequentam pelas atividades oferecidas em si. Isso não é o principal motivador. Percebe-se que participantes e egressos dividem-se na busca por relacionamentos interpessoais e por boa saúde – pela própria característica dos GCs, do que é ofertado – e os não-participantes concentram-se na busca desses relacionamentos, o que reitera, mais uma vez, em mais um estudo, a importância das relações sociais na vida do idoso. Neste sentido, Alves Junior (2000) destaca que para o sujeito idoso possuir um engajamento que o impulse a sair de casa é mais forte que se engajar nas atividades propostas.

Dentre as atividades físicas listadas pelos idosos do estudo, a caminhada foi a mais citada por aqueles que realizam prática de atividade física por conta própria (14 pessoas, de 36, i.e., quase 40%). Esse resultado converge com os de Salvador *et al.* (2009), no qual 87,7% dos homens e 63% das mulheres relataram praticar caminhada; com o estudo *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade* (DOLL, 2007), no qual 51% relataram a prática da caminhada; e com a pesquisa de Zaitune *et al.* (2007), na qual 23,5% dos pesquisados relataram a caminhada como a atividade física mais praticada por eles. É bem possível que a escolha da caminhada

como atividade física preferida possa ter uma grande relação com a ausência de gastos possibilitada por essa prática, o que facilita o alcance dessa a todas as classes socioeconômicas.

Perpassa o senso comum a ideia de que o bingo é uma prática de lazer superestimada pelos idosos, de forma que, se há uma festa, uma confraternização de final de ano, por exemplo, nada mais recomendável que fazer um bingo. Mas esta pesquisa mostra outra realidade: afinal, apenas 06 idosos entrevistados citaram o bingo como atividade de lazer (03 participantes e 03 egressos). Cabe destacar que, inclusive, esses indivíduos fazem ou fizeram parte do mesmo GC. E essa referência ao bingo somente ocorreu porque é uma prática diária neste GC em especial. Além disso, durante todas as visitas ao local para a coleta de dados estava sendo realizado um bingo. Essa prática ocorre em todos os encontros desse GC, ou seja, os idosos se referiram a ela porque no GC onde participam é uma atividade recorrente. Inclusive, nas anotações no diário de campo consta que, nestas visitas para a coleta de dados, enquanto ocorria o bingo, 01 idoso (não entrevistado nesta pesquisa) ficava fazendo palavras-cruzadas do lado de fora da sala, e ao ser abordado pela pesquisadora afirmou não gostar dessa atividade. Também a entrevistada E19, ao ser questionada acerca de possíveis preferências quanto às atividades oferecidas, relatou: “Só o bingo que eu num aguento ficar muito tempo sentada, porque eu tenho problema de hérnia de disco, então num posso ficar muito tempo sentada”. Será que não caberia aos GCs envolverem os idosos na escolha das atividades? Será que não caberia aos próprios idosos reclamar, questionar, fazer valer o seu direito de escolha e preferência? No trabalho de Gomes e Pinto (2006) também se pode denotar essa falta de preferência pelo bingo, por parte dos idosos, uma vez que foi citado por apenas 32 dos 151 entrevistados. Possivelmente, fazer alguma coisa em grupo, que permita companhia e interação, seja com que atividade for, motive a maior parte dos integrantes do GC comentado. Assim, pode não ser o bingo, mas o vínculo socioafetivo prévio entre colegas, que motiva o engajamento neste jogo.

A este respeito, ao questionar os idosos participantes quanto à possível preferência em relação às atividades ofertadas pelo GC, 07 relataram o gosto por todas, ou seja, não apresentam preferência. Esse fato também pode demonstrar tanto a valorização dos idosos a esses programas, o reconhecimento dos benefícios envolvidos, como a falta de coragem de muitos em realizar críticas, em se posicionar, como o caso do bingo discutido anteriormente. Até porque, ao solicitar aos mesmos idosos que

fizessem sugestões para o GC que frequentam, apenas 04 se posicionaram espontaneamente como satisfeitos.

Com relação às atividades realizadas fora do ambiente doméstico, a maioria dos participantes (09) e egressos (07) indicou exercícios que objetivam a independência física, enquanto a maioria dos não-participantes (09) relatou práticas familiares. É interessante observar que ao perguntar os entrevistados acerca do que têm vontade de fazer e nunca fizeram, todos os participantes que desejam fazer algo relataram a vontade de praticar outros exercícios; a maioria dos egressos demonstrou interesse em práticas corporais, enquanto apenas 02 dos não-participantes – minoria, visto que a maioria não tem vontades – detêm o anseio por práticas corporais. Esses resultados exibem o valor da atividade física diferenciado para aqueles que participam ou já participaram, na comparação com os que nunca participaram. Isso pode sugerir que a busca por GCs com características semelhantes aos pesquisados pode ser fomentada pela procura por atividade física. E, ainda, tais achados podem sugerir que os indivíduos que frequentam esses GCs cujo foco dos encontros muitas vezes é a atividade física podem acabar se limitando às práticas corporais, seguidas dos passeios, por se constituírem como as práticas de lazer ofertadas pela maioria destes programas. Cabe lembrar, a este respeito, que os não-participantes relataram um leque muito maior de práticas de lazer, na comparação com os demais perfis. Possivelmente, esse relato mais diversificado de práticas de lazer por parte dos não-participantes também pode ter relação com a localização residencial dos indivíduos desse perfil, uma vez que 05 residem no centro de Belo Horizonte e 05 em bairros com fácil acesso ao centro; já os entrevistados dos demais perfis habitam longe do centro. Dessa forma, a localização dos não-participantes permite acesso mais fácil a equipamentos de lazer, como cinema, teatro, bares e, ao mesmo tempo, pode indicar situação econômica mais privilegiada, o que torna esse acesso mais frequente e recorrente. A situação econômica pode, sim, ser fator limitante, como evidenciado na pesquisa *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*, na qual observou-se que a ida a teatros ou cinemas é mais recorrente entre os mais ricos (DOLL, 2007).

#### **4.7 Diferenças de gênero**

Algumas diferenças puderam ser visualizadas entre os relatos de homens e mulheres. Com relação a atividades com família e interações sociais, as respostas foram muito semelhantes para homens e mulheres, o que demonstra a importância de relações

afetivas para os indivíduos com 60 anos e mais, conforme já discutido. Curiosamente observou-se que os homens equipararam-se às mulheres no lazer doméstico, em virtude da presença da mulher em outras esferas da vida e da necessidade de dividir tarefas devido à disponibilidade de tempo para ambos os sexos.

As práticas religiosas foram relatadas por mulheres apenas, o que converge com os dados levantados por Duarte *et al.* (2008), os quais mostram que as mulheres são mais religiosas que os homens, adotando, inclusive, papéis de destaque no interior das instituições religiosas que frequentam. De modo semelhante, os trabalhos manuais com agulhas foram somente relatados pelo sexo feminino, em conformidade com os achados da pesquisa *Idosos no Brasil: Vivências, Desafios e Expectativas na Terceira Idade*, na qual 28% das mulheres citaram essas práticas, enquanto não houve relato masculino deste tipo (DOLL, 2007).

Poucos entrevistados citaram idas ao cinema, teatro e shopping, com prevalência do relato feminino nestes conteúdos. Ao final, apenas 01 homem entrevistado (E3) relatou a ida ao cinema e teatro, mostrando-se, inclusive, informado das promoções da cidade com relação às práticas culturais e à possibilidade de ter acesso às mesmas:

(...) eu andei ganhando uns ingressos, aí, da Inconfidência (rádio), né, mas porque eu ganhei, né, porque eu fui sorteado lá no programa, lá, né. É, se ocê quiser ir no cinema, teatro, só cê participar de grupo, hã..., telefonar pra rádio Inconfidência, aqueles programa de rádio, que é sorteado. Hoje mesmo ta sorteando (...).

Esse relato demonstra a importância do idoso encontrar-se bem informado, a fim de não perder possibilidades de obter diversificadas práticas de lazer. Entretanto, Marcellino (2002) destaca a necessidade de o governo fornecer aos cidadãos o acesso aos mais diversos equipamentos de lazer simultaneamente com a presença constante do idoso em busca dos seus direitos de usufruir o lazer em suas diferentes facetas.

O futebol foi referido somente por homens, com a prática de assisti-lo pela televisão, pois esses idosos possivelmente não são ou não se sentem mais aptos a jogar esse esporte. A ausência de relatos femininos acerca dessa prática já era esperada, uma vez que o futebol ainda é construído socioculturalmente como um esporte masculinizado, principalmente ao se considerar a geração (coorte) desses entrevistados.

Este estudo exibiu a baixa adesão masculina aos programas de lazer específicos para idosos, pois houve relatos tanto das participantes quanto dos coordenadores com relação ao pequeno número de homens participantes, aliado à dificuldade em conseguir

obter 04 homens em cada GC (02 participantes e 02 egressos). A coordenadora de um dos GCs pesquisados comentou que, de aproximadamente 200 idosos que usufruem do programa, 03 são homens.

Essa situação é exposta em vários estudos científicos, não sendo diferente neste. Também no artigo publicado na revista não-científica *Época* (BRUM, 2001), por exemplo, fica evidente a realidade de uma ILPI que possui uma proporção de residentes de três mulheres para cada homem, com tendência a aumentar essa diferença a cada ano. Essa pequena participação masculina pode refletir um maior incômodo masculino com a velhice, pois os homens envolvidos no artigo, ao serem questionados sobre namoro na velhice, afirmaram que “é ridículo namorar nesta idade” ou que “não gosto de papadas”. Pode ser que o homem tenha dificuldade em aceitar que seu corpo envelheceu, o que implicaria na ausência de procura por programas destinados a essa faixa etária.

De acordo com Coutinho e Acosta (2009), os homens teriam como preferências de lazer práticas coletivas e competitivas, tais como bocha, sinuca e jogo de cartas. Vendrusculo e Lovisolo<sup>6</sup> (1997, *apud* Fenalti e Schwartz 2003), apresentam visão semelhante, afinal afirmam que essa discrepância ocorre pelo fato de homens idosos terem mais opções de locais de encontro, como bares, cafés públicos, clubes, grêmios recreativos, praças públicas, etc., na comparação com mulheres. Segundo esses autores, locais direcionados a idosos acabam, mesmo sem ter isso como objetivo claro, favorecendo a possibilidade de participação feminina em locais de convívio social. O estudo de Borges *et al.* (2008) encontrou que a maioria dos GCs pesquisados em Belo Horizonte possui integrantes majoritariamente do sexo feminino possivelmente pela resistência masculina em encontrar novas atividades pós-aposentadoria e em engajar-se em atividades de cunho cultural, educacional e lúdico. O presente estudo, entretanto, contrapôs esse achado pois todos os homens pesquisados não se mostraram resistentes em encontrar novas atividades nessa fase da vida, uma vez que todos são engajados em alguma prática de lazer, seja ela em espaço coletivo ou não, com frequência regular ou não, em GC ou outro tipo de espaço.

---

<sup>6</sup> VENDRUSCULO, R.E. LOVISOLO, H. Representações de pessoas idosas sobre as atividades corporais. *Motus corporis*, Rio de Janeiro, 1997, p. 14-48.

#### **4.8 Motivos para entrar, sair e nem participar de um Grupo de Convivência**

Como maiores motivos para entrar e permanecer em um GC foram encontrados a busca por relacionamentos interpessoais e a preocupação com a saúde, o que converge com estudos presentes na literatura científica nacional (PEREIRA; PEREIRA; MORELLI, 2006; OLIVEIRA; CABRAL, 2004; GOMES; PINTO, 2007; FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GASPARI; SCHWARTZ, 2005; SOUZA; GARCIA, 2008; SOUZA, 2001, 2004; PENNA; SANTO, 2006). Esses resultados já eram, por sua vez, esperados, pois muitos estudos já foram realizados com relação a esses aspectos.

Já com respeito a estudos acerca dos motivos que conduzem idosos a se retirarem de Grupos de Convivência, a busca por literatura como ponto de partida para o presente estudo encontrou apenas uma pesquisa. Varoto, Truzzi e Pavarini (2004) entrevistaram coordenadores de programas para idosos a fim de detectar possíveis motivos para a saída dos indivíduos. Os coordenadores desconheciam os motivos da maioria dos idosos (181 egressos), sendo os demais motivos a morte do próprio participante (42 egressos), doença (42 egressos) e motivos familiares (11 egressos). Os autores, inclusive, falaram da dificuldade em encontrar os egressos citados pelos coordenadores, de forma que conseguiram confirmar o motivo de doença de apenas 22 egressos, restando 20 egressos nessa categoria de motivo que não foram localizados.

No presente estudo, o motivo com maior número de respostas foi situações familiares, convergindo com o estudo recém citado. Em seguida, com mesmo número de respostas foram relatados os motivos problemas de saúde (resultado esperado) e diferenças entre grupos. As diferenças entre grupos abrangeram respostas sobre as alterações realizadas no GC que desagradaram o idoso, ou sobre a preferência do idoso por outro espaço – ambos motivos não abordados anteriormente pela literatura científica nacional. Cabe observar, inclusive, que dos 04 entrevistados que saíram por motivos de saúde, todos possuíam um segundo motivo para sair e, dos 05 egressos por situações familiares, 02 também relataram outro motivo de saída.

É interessante observar que todos os idosos egressos declararam-se satisfeitos quanto ao que era oferecido no GC. Entretanto, a presença ou ausência de uma determinada prática no grupo foi justamente o motivo para a saída de 04 idosos, o que pode sugerir a falta de coragem do idoso em expressar suas críticas e/ou suas ideias dentro do GC. O entrevistado E24, por exemplo, declarou ter artrose no joelho; entretanto, faz hidroginástica em outro lugar e, ademais, muitos idosos frequentes

apresentam limitações desse tipo. Nesse sentido, talvez a diferença entre o GC e o lugar onde ele pratica a hidroginástica tenha sido motivo maior para a saída desse idoso.

Com relação aos problemas de saúde, é importante investigar quais problemas são esses. A entrevistada E16 realmente possui diferentes limitações de saúde, não tem condição física para usar o transporte público, assim como não tem alguém para conduzi-la até o GC, nem mesmo para continuar com as relações de amizade. A entrevistada E13 também declarou a dificuldade em usar o transporte público disponível para acesso ao GC, levantando mais uma vez a necessidade de rever os acessos seguros e dignos aos equipamentos de lazer, conforme destacado por Marcellino, Barbosa e Mariano (2008):

O lazer e a segurança precisam ser tratados não como mero esforço de entretenimento que pode camuflar uma situação de violência. Violências, melhor dizendo. Porque somos violentados de várias formas no nosso cotidiano, e não apenas num assalto, num sequestro ou num assassinato. A busca da convivência e da felicidade não precisa de justificativas. Quem sabe, assim, não serão necessárias mais grades nas nossas casas e nos nossos parques e jardins. (p. 148).

Neste contexto há os estudos de Tirado (2000), que apontaram em Belo Horizonte (MG) a existência de vários rombos relacionados à infraestrutura, como a precariedade dos serviços de transporte público, à segurança dos idosos, fatores que prejudicam o acesso desses indivíduos às opções de lazer existentes e, inclusive, à possibilidade de ampliar essas opções. Alguns sujeitos da presente pesquisa, por exemplo, mencionaram o quão benéfico seria se a prefeitura disponibilizasse transporte para conduzi-los até os grupos de convivência.

Não foi encontrado estudo algum que investigasse os motivos para idosos não se interessarem em participar de GCs. Na presente pesquisa, os maiores motivos relacionados pelos entrevistados para não participar de um GC foram: tempo ocupado (06 pessoas), seguido de avaliações negativas sobre GCs (04 pessoas). O primeiro motivo, conforme discutido anteriormente, combate uma série de argumentos da literatura científica e do senso comum, e descaracteriza essa fase da vida como detentora de imenso e total tempo livre, disponível para o indivíduo desfrutar o lazer que queira. A fala da entrevistada E35 ilustra essa mudança de paradigma: “Eu trabalhei 25 anos dando aula, e descobri que quando a gente aposenta a gente trabalha mais que quando a gente trabalha”. O segundo motivo envolve percepções negativas de 04 entrevistados acerca do universo do GC, assim como dos que participantes destes

grupos. Falas como “E as pessoas que vão pro grupo de convivência, elas têm dificuldade de relacionamento, às vezes falta companhia, às vezes também o poder aquisitivo (...)” (E33, mulher), e “Eu acho que as pessoas se juntam nesses grupos por carência” (E29, homem) podem indicar a própria dificuldade do indivíduo em se relacionar com pessoas de sua faixa etária, o que requer se reconhecer como idoso e aceitar esta etapa de vida. Assim, ao afirmar que os participantes de um GC têm dificuldade de se relacionar, que têm carência (que pode ser entendida sob distintos âmbitos), esses sujeitos podem estar revelando um problema pessoal em obter êxito nas suas próprias relações sociais, sendo interessante partilhar que todos os envolvidos nessa categoria residem sozinhos e que buscam, nas atividades que realizam e nos espaços que frequentam, principalmente interações sociais.

#### **4.9 Considerações finais**

O objetivo da presente pesquisa foi alcançado, pois foram encontradas as motivações para participar ou não de Grupos de Convivência, bem como para a saída desses. Neste aspecto é interessante destacar a saída de idosos dos grupos devido à categoria de análise denominada diferenças entre grupos, mesmo tendo sido relatado satisfação com relação ao grupo por todos os egressos. Esse motivo indica duas observações: a primeira, da dificuldade do idoso em realizar suas críticas no espaço onde se insere, talvez por receio da perda dos vínculos afetivos adquiridos (imprescindíveis para sua permanência no grupo); a segunda, da tomada de decisão por parte do indivíduo em reconhecer falhas no grupo, ultrapassando a ideia de excelência e exclusividade desses grupos como possibilitadores de lazer para essa faixa etária, e por sua vez, em buscar conhecer e experimentar novas opções, novas possibilidades. Essa atitude de se permitir novas oportunidades poderia servir de exemplo para muitos idosos, tanto para aqueles que se encontram insatisfeitos e preferem não se manifestar, para que possam se encorajar e seguir em novas direções, como para aqueles que se sentem plenos, pela importância de verificar a existência de outras práticas de lazer, de outras formas de pensa-lo e vivencia-lo e assim, efetuar escolhas.

Outro dado merecedor de destaque é o fato de idosos não participarem desse perfil de grupo por realizarem avaliações negativas acerca desse e daqueles que o frequentam. Esse achado evidencia a dificuldade desses indivíduos em lidar com a própria velhice, assim como em assumir a sua necessidade de procurar relações interpessoais. Afinal, esses indivíduos, mesmo não frequentando um Grupo de

Convivência, buscam, em sua maioria, nos espaços onde se inserem e nas práticas de lazer evidenciadas, encontrar e/ou manter relações sociais. Esse resultado revela a necessidade dos seres humanos, e, em situação de maior importância, os idosos, em estabelecer redes de ligações sociais, uma vez que é uniforme, nos três perfis, a busca pelo convívio em grupo. Mais uma vez é ressaltada a essencialidade das relações humanas para todo e qualquer sujeito, abordada por autores como Rezende (2008), Doimo, Derntl e Lago (2008).

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a realização de futuros estudos científicos sobre lazer para idosos e sobre os Grupos de Convivência, bem como possa auxiliar os profissionais e as instituições dos GCs a melhor planejarem as atividades ofertadas, incluindo o idoso nas escolhas, a fim de que observem, registrem e entendam melhor as entradas, permanências prolongadas e saídas das pessoas. E ainda, almeja-se que tanto os profissionais envolvidos quanto as instituições reflitam sobre a necessidade de fornecer meios de preparar os participantes a encararem com naturalidade possíveis mudanças no quadro de professores por exemplo, a ampliarem suas experiências de lazer e relações interpessoais para além dos muros dos locais de encontro dos grupos, a avaliarem com criticidade sua participação no grupo. Nesse sentido, é também intuito do presente estudo incentivar aqueles que exercem o papel de orientadores, em conjunto com a instituição onde o grupo se insere, a possibilitarem formas mais diferenciadas de lazer em grupo para essa faixa etária, reconhecendo falhas, recorrendo a sugestões e anseios dos idosos, usufruindo amplamente do ambiente e estrutura física (nos casos onde há essa possibilidade). Este estudo visa estimular os profissionais envolvidos na oferta de lazer a idosos a realizarem esporadicamente forma de avaliação dos espaços, das práticas de lazer, com envolvimento direto dos sujeitos, para que as responsabilidades do poder público possam ser cobradas, para que a ação profissional possa ser repensada, com o intuito de contribuir para a melhoria do usufruto do lazer por parte desses indivíduos.

Com relação a futuros estudos que se proponham a investigar a relação entre lazer e idosos, algumas sugestões tornam-se possíveis após a realização desta pesquisa. Primeiramente, com relação ao roteiro de entrevistas, sugere-se o cuidado com o emprego de termos, como o termo atividade, que pode conduzir à limitação do idoso ao âmbito dos exercícios físicos. É importante também realizar perguntas diretas, de fácil entendimento por parte do idoso, desprendidas da necessidade de empregar termos e conceitos complexos, rebuscados, pois não é dever do indivíduo deter conhecimento

acerca de determinadas conceituações. Por exemplo, talvez seja mais interessante, e consiga captar respostas mais valiosas, a realização de perguntas como “qual a importância de encontrar os amigos?” do que “o que é lazer para você?”. Afinal, evitaria também respostas tais como “Lazer é tudo.” ou “Tudo pra mim é lazer.”. E, por conseguinte, recomenda-se que a análise de conteúdo e, por sua vez, a construção de categorias seja mais cautelosa, com exposição de unidades temáticas detalhadas a partir das respostas obtidas. Afinal, a criação de categorias de respostas menos amplas auxiliariam os demais pesquisadores a melhor compreenderem os resultados da pesquisa, as lacunas da pesquisa, a se situarem acerca de novas possibilidades de estudo acerca de um determinado tema, a partir de direcionamentos diferentes dos tomados pela pesquisa em questão.

Espera-se ainda, que as futuras pesquisas possam se empenhar em investigar diferentes perfis de idosos na relação com o lazer, como, por exemplo, estudar as diferenças de lazer entre idosos com distintas formas de moradia (residência própria, casa de familiares, ILPI), entre idosos oriundos de classes socioeconômicas diferentes entre si, entre idosos saudáveis e doentes. Enfim, há ainda uma gama de sujeitos a serem entrevistados, além dos envolvidos pelos GCs.

Seria igualmente interessante que futuras pesquisas científicas investigassem a fundo as oportunidades e os direitos dos idosos em diferentes contextos, regiões, cidades, a fim de detectar o que já existe, o que é disponibilizado aos sujeitos, o que é conhecido pelos idosos, se os indivíduos dessa faixa etária, por exemplo, possuem alguma forma de organização em prol dos seus direitos, e, em caso afirmativo, como essa organização funciona. E, aliado a isso, que estudassem as frequências dos sujeitos a equipamentos de lazer preexistentes, investigassem se esses indivíduos realmente frequentariam espaços em sua região, bairro ou cidade, que ofertariam atividades que eles próprios teriam sugeridos em momentos anteriores.

Por fim, recomenda-se a elaboração tanto de estudos quanto de propostas revestidos de novos olhares acerca de outras práticas de lazer direcionadas a idosos, estimadas pelos idosos e capazes, inclusive, dentre outros benefícios, de retardar perdas cognitivas, avanço de doenças. Afinal, muitas dessas práticas, como a dança, os jogos, as brincadeiras, são situadas em posição de esquecimento por parte de estudos e instituições em função das recorrentes práticas abordadas e incentivadas: ginástica e passeios.

Enfim, cabe a todos aqueles que se destinam à interface lazer e velhice, seja na teoria e/ou na prática, recordar-se que o idoso, anteriormente à idade adquirida, é um ser humano como outro qualquer, com seus anseios, desejos, vontades de experimentar novas possibilidades. Dessa forma, é um indivíduo que merece ser ouvido, pelos mais diversos profissionais; ser incentivado e desafiado, condições que ampliam o significado da existência; ser atendido, por possuir direitos, como o direito ao lazer, necessário a qualquer pessoa.

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 9050/2004 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

AGUIAR, Maria Geralda Gomes; *et al.* A experiência do núcleo de bairro do programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA: um exercício de cidadania e solidariedade. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 9, p.117 – 129, 2006.

ALEXANDRE, Tiago da Silva; CORDEIRO, Renata Cereda; RAMOS, Luiz Roberto. Fatores associados à qualidade de vida em idosos ativos. *Revista Saúde Pública* [online], São Paulo, v. 43, n. 4, p. 613-621, 2009. Disponível em: <<<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=520829&indexSearch=ID>>>. Acesso em: 28 de abril de 2010.

ALMEIDA, Maura Maria Guimarães de; *et al.* Atividades de lazer entre idosos. *Revista Baiana de Saúde Pública*, Feira de Santana, v. 29, n. 2, p. 339-352, jul./dez. 2005.

ALVES, Vicente Paulo. A religião e os idosos. IN: FALEIROS, Vicente de Paula; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud Loureiro (Org.). *Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz*. Brasília: Universa, 2006. p. 45-55.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Lazer, idosos e aposentados: o projeto Prev-queadas. In: ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Victor Andrade de; BRÊTAS, Angela. *Lazer & cidade: reflexões sobre o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 149 – 217.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. O trabalho voluntário realizado por idosos numa universidade do tempo livre: tempo de lazer ou de uma segunda carreira. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 11-40, 2000.

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 02, p. 57-71, mai/ago 2004.

APPOLINÁRIO, Fábio. *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2004. 300p.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de ; CARVALHO, Virgínia Ângela M. de Lucena e. Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupos de convivência. *Textos Envelhecimento* [online], v. 7, n. 1, p. 57-75, 2004. Disponível em: <<[http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-59282004000100004&lng=pt&nrm=iso](http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282004000100004&lng=pt&nrm=iso)>>. Acesso em: 30 de dezembro de 2011.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; SANTANA, Inayara Oliveira de; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Envelhecimento e desenvolvimento: uma perspectiva psicossocial. *Revista A Terceira Idade*, São Paulo, v. 17, n. 35, p. 65-78, fev. 2006.

ARAÚJO, Maria Fátima Maciel; *et al.* O papel da religiosidade na promoção da saúde do idoso. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 21, n. 3, p. 201-208, 2008.

AREOSA, Silvia Coutinho; BEVILACQUA, Patrícia; WERNER, Juliana. Representações sociais do idoso que participa de grupos para terceira idade no município de Santa Cruz do Sul. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 5, p. 81 – 100, 2003.

ASSIS, Vera de Fátima Gomes; MARTIN, Denise. Falas sobre a velhice: entre o perceber e o ser idoso. *A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento / Serviço Social do Comércio*, São Paulo, v. 21, n. 48, p. 54-65, jul. 2010.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984. v. 5, p.296-332.

BALTES, Margret M.; SILVERBERG, Susan. A dinâmica dependência-autonomia no curso de vida. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.) *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 73 – 110.

BARBOSA, Kely de Azevedo; FREITAS, Marta Helena de. Religiosidade e atitude diante da morte em idosos sob cuidados paliativos. *Kairós*, São Paulo, 12(1), p. 113-134, jan. 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009. 281p.

BARRETO, Maria Letícia Fonseca. Lazer e cultura na velhice. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9., 1997, Belo Horizonte. *Anais do IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer*. Belo Horizonte: 1997. p. 130-136.

BELSKY, Janet. *Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo da vida*. Porto Alegre: Artmed, 2010. 607p.

BORGES, Paula Lutiene de Castro e; *et al.* Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(12), p. 2798 – 2808, 2008.

BRASIL. Senado Federal. Estatuto do Idoso. Brasília: Senado Federal, 2003. Disponível em: <<[http://www.direitoidoso.com.br/05/estatuto\\_do\\_idoso.pdf](http://www.direitoidoso.com.br/05/estatuto_do_idoso.pdf)>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

BRUM, Eliane. A suave subversão da velhice. O mundo das grandes solidões e pequenas delicadezas de uma casa de velhos. *Revista Época*, Ano IV, n.188, 24/dez/2001.

BULSING, Francine Letiele; *et al.* A influência dos grupos de convivência sobre a auto-estima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul – RS. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 11-17, jan./jun. 2007.

CACHIONI, Meire. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A.L; DEBERT, G.G (Org.). *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999. p. 141-178.

CALDAS, Célia Pereira. Introdução à Gerontologia. In: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto (Org.). *Formação Humana em Geriatria e Gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2006. p. 18 – 21.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão e. Como vive o idoso brasileiro? In: *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-73.

CAMARGO, Luiz Octavio de Lima. *O que é lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1980. 100p.

CAMPAGNA, Jossett; SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo intelectual do lazer no processo do aprender a envelhecer. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 414-424, abr./jun. 2010.

CARDOSO, Adilson Sant'Ana; *et al.* Fatores influentes na desistência de idosos em um programa de exercício físico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 225-239b, jan/abr 2008.

CARLOS, Sergio Antonio; *et al.* Identidade, aposentadoria e terceira idade. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v.1, p.77 – 89, 2003.

CARSTENSEN, Laura. Motivação para contato social ao longo do curso de vida: uma teoria de seletividade socioemocional. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Psicologia do envelhecimento*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 111 – 144.

CARSTENSEN, Laura L.; GOTTMAN, John M; LEVENSON, Robert W. Emotional Behavior in Long-Term Marriage. *Psychology and Aging*, v. 10, n. 1, p. 140-149, march 1995. Disponível em:  
<<<http://homepage.psy.utexas.edu/homepage/class/Psy394Q/Behavior%20Therapy%20Class/Assigned%20Readings/Relationship%20Discord/Carstensen95.pdf>>>. Acesso em 15 de dezembro de 2011.

CASTRO, Odair Perugini de. O Processo Grupal, A Subjetividade e a Ressignificação da Velhice. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.). *Velhice, que idade é essa?: uma construção psicossocial do envelhecimento*. Porto Alegre: Síntese, 1998. p. 35 – 55.

CASTRO, Odair Perugini de. Sobre A Vida: Envelhecer no Tempo e no Espaço. In: CASTRO, Odair Perugini de. *Envelhecer: um encontro inesperado?: realidades e perspectivas na trajetória do envelhecendo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2001. p. 21 – 42.

CASTRO, Odair Perugini de. Vivendo em seu Corpo – Uma questão de Consciência e de Criatividade. In: CASTRO, Odair Perugini de. *Envelhecer: revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. p. 13 – 30.

COSTA, Maria Izabel Tavares Pereira. *Reflexões sobre o idoso na sociedade contemporânea: o lazer como um mero produto a ser consumido na velhice?* 2001. 38f. Monografia (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

- COUTINHO, Renato Xavier; ACOSTA, Marco Aurélio de Figueiredo. Ambientes masculinos da terceira idade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 14(4), p. 1111 – 1118, 2009.
- DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo – FAPESP, 1999. 253 p.
- DIAS, Ana Cristina Garcia. Representações Sobre a Velhice: O Ser Velho e o Estar na Terceira Idade. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.). *Velhice, que idade é essa?: uma construção psicossocial do envelhecimento*. Porto Alegre: Síntese, 1998. p. 57-70.
- DIAS, Viviane Kawano; SCHWARTZ, Gisele Maria. O lazer na perspectiva do indivíduo idoso. *Revista Digital*, Buenos Aires, Año. 10, n.87, ag. 2005. Disponível em: <<<http://www.efdeportes.com/efd87/idos.htm>>>. Acesso em: 15 de maio de 2010.
- DOIMO, Leonice Aparecida; DERNTL, Alice Moreira; LAGO, Olival Cardoso do. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 004, p. 1133-1142, jul-ago. 2008.
- DOLL, Johannes. Educação, cultura e lazer: perspectivas de velhice bem-sucedida. In: *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. NERI, Anita Liberalesso (Org.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC/SP, 2007. p. 109-123.
- DOLL, Johannes; *et al.* Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 12, p.7-33, 2007.
- DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira; *et al.* Religiosidade e envelhecimento: uma análise do perfil do idoso no município de São Paulo. *Saúde Coletiva*, São Paulo, 5(24), p. 173-177, 2008.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976. 333p.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979. 249 p.
- FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. *Envelhecimento, promoção da saúde e exercício: bases teóricas e metodológicas*. São Paulo: Manole, 2008. v. 1. 499p.

FENALTI, Rita de Cássia de Souza; SCHWARTZ, Gisele Maria. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, 17(2), p. 131-141, jul/dez. 2003.

FERNANDES, Sabrina; *et al.* Motivos de adesão e permanência ao programa da Universidade Aberta à Maturidade do CEFID/UDESC. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 97-110, 2011.

FERRARI, Maria Auxiliadora Cursino. Lazer e ocupação do tempo livre na terceira idade. In: NETTO, Matheus Papaléo. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 98-105.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida. Problemas conceituais em qualidade de vida. In: FLECK, Marcelo Pio de Almeida. *A avaliação de qualidade de vida: guia para profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 19-28.

FREIRE JUNIOR, Ricardo Campos; TAVARES, Maria de Fátima Lobato. A saúde sob o olhar do idoso institucionalizado: conhecendo e valorizando sua opinião. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 9, n. 16, p. 147-58, set.2004/fev.2005.

FRIAS, Sandra Rabello de. Aposentadoria, tempo livre, lazer e a descoberta do trabalho voluntário. In: VERAS, Renato Peixoto. *Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição*. Rio de Janeiro: UnATI, 1999. p. 183-200.

GABRIEL, Oldrey Patrick Bittencourt. Lazer e religião: algumas aproximações. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e sociedade: múltiplas relações*. Campinas: Alínea, 2008. p. 63-81.

GÁSPARI, Jossett Campagna de; SCHWARTZ, Gisele Maria. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 1, p.69-76, jan/abr. 2005.

GIUBILEI, Sônia. *Trabalhando com adultos, formando professores*. 1993. 211f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1993.

GOMES, Christianne Luce. *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 238p.

GOMES, Christianne Luce; PINTO, Gabriela Baranowski. O lazer na velhice: reflexão sobre as experiências de um grupo de idosos. *Kairós*, São Paulo, v. 9, n. 2, p.113-133, dez. 2006.

GOMES, Christianne Luce, PINTO, Gabriela Baranowski. Pesquisando o lazer de um grupo de idosos no Brasil. *Revista Digital*, Buenos Aires, Año 11, n. 106, marzo de 2007.

GRÜN, Anselm. *A sublime arte de envelhecer*. Tradução de Edgar Orth. Petrópolis, RJ. Vozes, 2008. 136p.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. *Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas*. Campinas: Autores Associados, 2001. 125 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2008. *Projeção da população do Brasil por sexo e idade: 1980 – 2050*. v. 24, Revisão 2008. Disponível em: <<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao\\_da\\_populacao/2008/projecao.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/projecao.pdf)>>. Acesso em: 22 de junho de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Recenseamento Geral do Brasil – 2000*. Disponível em: <<<http://www.ibge.gov.br/>>>. Acesso em 3 de janeiro de 2012.

IWANOWICZ, Josefa Barbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, Heloisa Turini. *Temas sobre lazer*. Campinas: Autores Associados, 2000. cap. 6, p. 101-129.

JESUS, Joíse Fernandes de; AMARAL, Maria Teresa Marques. *Concepções de lazer das mulheres idosas do projeto "Esporte Cidadão"*. 2007. 72f. Monografia (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

KROEFF, Locimara Ramos. O idoso e o seu processo grupal institucional num programa para idosos. *Estudos Interdisciplinares em Envelhecimento*, Porto Alegre, v.3, p.103 – 121, 2001.

LAROUSSE da terceira idade. São Paulo: Larousse, 2003. 319 p.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *O homem idoso e sua participação social: lazer, militância política e cultural*. In: Seminário envelhecimento masculino, 2009, São Paulo. Tópicos temáticos. São Paulo: 2009. 11p. Disponível em: <<[http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias\\_new/subindex.cfm?start=11&Referencia=6030&ParamEnd=4](http://www.sescsp.org.br/sesc/conferencias_new/subindex.cfm?start=11&Referencia=6030&ParamEnd=4)>>. Acesso em: 18 de maio de 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. *Iberoamericana*, v.1, n.2, mai/set. 2007.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Terceira idade: tempo de lazer? In: P.44-46. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 44-46.

MARCELLINO, Nelson Carvalho; BARBOSA, Felipe Soligo; MARIANO, Stephanie Helena. Espaços e equipamentos de lazer: Apontamentos para uma Política Pública. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Políticas públicas de lazer*. Campinas: Alínea, 2008. p.133-152.

MATSUDO, Sandra Mahecha; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Prescrição e benefícios da atividade física na terceira idade. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 6, n. 4, 1992.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia Bertoldo. *Atividade física e o idoso: concepção gerontológica*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. 318p.

MCPHERSON, Barry. Envelhecimento populacional e lazer. In: SESC/WRLA. *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC, 2000. p. 227-249.

MEISTER, José, Antonio Fracalossi. Lazer e Prazer é só Fazer. In DORNELLES, Beatriz; COSTA, Gilberto, José Corrêa da. *Lazer, Realização do Ser humano: uma abordagem para além dos 60 anos*. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2005. p. 13-24.

MELO, Victor Andrade. Programas de lazer para idosos no Brasil: sugestões com base em um panorama. In: MELO, Victor Andrade de. *Lazer e minorias sociais*. São Paulo: Ibrasa, 2003. cap.2, p.57-71.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul-set. 1993.

MIRANDA, Leticia de; FARIAS, Sidney Ferreira. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 13, n. 29, p.383-94, abr/jun. 2009.

MIRANDA, Letícia de; GUIMARÃES, Adriana Coutinho de Azevedo; SIMAS, Joseani Paulini Neves. Estilo de vida e hábitos de lazer de freiras e padres idosos de Florianópolis/SC. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 15, n. 1, p. 15-22, 2007.

MORAGAS, Ricardo Moragas. *Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida*. São Paulo: Paulinas, 1997. 288p.

MOTTA, Alda Britto. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília; COIMBRA JUNIOR, Carlos Everaldo Alves (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. p. 37-48.

MUNHOZ, Virna Carolina Carvalho. O lazer como direito social na Prefeitura de Belo Horizonte. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHALES, Meily Assbú (Org.). *Avaliação de políticas e políticas de avaliação: questões para o esporte e o lazer*. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p.59-99.

MUNNÉ, Frederic. *Psicosociología del tiempo libre: un enfoque crítico*. México: Trillas, 1980. 206 p.

NERI, Aguinaldo Aparecido. O envelhecimento masculino no universo do trabalho – desafios e oportunidades depois dos 50 anos. *A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento / Serviço Social do Comércio*, São Paulo, v. 20, n. 46, p. 7-20, out. 2009.

NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. NERI, Anita Liberalesso (Org.). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC/SP, 2007. p. 33-46.

NERI, Anita Liberalesso. O Senso de Auto-eficácia como Mediador do Envelhecimento Bem-sucedido no Âmbito da Cognição, das Competências para a Vida Diária e do Autocuidado à Saúde. In: AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge (Org.). *Auto-eficácia em diferentes contextos*. Campinas: Alínea, 2006. p. 59-85.

NERI, Anita Liberalesso. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar*. Campinas: Alínea, 2007. p.13-59.

NERI, Anita Liberalesso. Velhice e qualidade de vida na mulher. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papyrus, 2001. p. 161-200.

NERI, Anita Liberalesso; CACHIONI, Meire. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT Guita Grin (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999. p.113-140.

OLIVEIRA, Maria da Guia de; CABRAL, Benedita Edina da S.L. O lazer nos grupos de convivência para idosos: prática renovada de sociabilidade. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 7., E ENCONTRO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 4., 2004, Universidade do Vale do Paraíba. *Anais do VII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IV Encontro Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: 2004. p. 1632-1638.

OLIVEIRA, Yeda Aparecida Duarte de. O lazer do idoso. In: RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani; DIOGO, Maria José D'Elboux (Org.) *Como cuidar dos idosos*. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2000. p. 113-119.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Statistical Information System*. 2007. Disponível em: <<<http://www.who.int/whosis/em/index.html>>>. Acesso em: 07 nov. 2010.

PAIVA, Wilma Maria Barreto. A velhice como fase do desenvolvimento humano. *Revista Psicologia*, 4(1), p. 15-23, jan-jun. 1986.

PASSOS, Betânia Maria Araújo; *et al.* Contribuições da hidroginástica nas atividades da vida diária e na flexibilidade de mulheres idosas. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, v. 19, n. 1, p.71-76, 2008.

PENNA, Fabíola Braz; SANTO, Fátima Helena do Espírito. O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 8, n. 1, p. 17-24, 2006.

PEREIRA, Larissa Almeida; PEREIRA, Alexandre Vinícius da Silva; MORELLI, Grazielle A. S. A importância do lazer da terceira idade: um estudo de caso em Ribeirão Preto. *LÉCTURAS: Revista Digital*, Buenos Aires, n. 98, jul. 2006. Disponível em: <<<http://www.efdeportes.com/efd98/tidade.htm>>>. Acesso em: 21 de maio de 2010.

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*, n. 27. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf)>> Acesso em: 16 de junho de 2010.

REZENDE, Ronaldo de. Afeto, velhice e lazer. *Licere*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p.1-21, dez. 2008.

RIBEIRO, Rita de Cássia Lanes; *et al.* Capacidade funcional e qualidade de vida de idosos. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 4, p. 85-96, 2002.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. O lazer do idoso: barreiras a superar. *Revista Brasileira de Ciências do Movimento*, Brasília, v. 10, n. 4, p. 105-108, out. 2002.

RODRIGUES, Carlos Lima; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. O papel do trabalho na construção da masculinidade. In: CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich; ARCURI, Irene Gaeta (Org.). *Masculin(idade) e velhices: entre um bom e mau envelhecer*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 115-148.

RUSCHEL, Ângela Éster. Envelhecimento e gênero – A construção de um Novo Tempo. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.) *Velhice, que idade é essa? uma construção psicossocial do envelhecimento*. Porto Alegre: Síntese, 1998. p. 87-100.

SALVADOR, Emanuel Pérciles; *et al.* Percepção do ambiente e prática de atividade física no lazer entre idosos. *Revista Saúde Pública*, 43(6), p. 972-80, 2009.

SCHEUERMANN, Aniele Elis; ACOSTA, Marco Aurélio. Lazer na velhice: um estudo sobre a participação de idosos em bailes para terceira idade em Santa Maria – RS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2. , 2007. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. Recife: 2007. 8p. Disponível em: <<<http://www.cbce.org.br/cd/resumos/304.pdf>>>. Acesso em 17 de abril de 2010.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. *Licere*, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23-31, 2003.

SILVA, Alessandra de Oliveira; SILVA, Mayara Duarte; MEIRA, Josefa Bernadete Souto. Envelhecimento em grupos de convivência: uma experiência no SESC unidade Açude Velho / Campina Grande – Paraíba. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 13., e ENCONTRO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 9., 2009. *Anais do XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Americano de Pós-Graduação*. São José dos Campos: 2009. 3p. Disponível em: <<[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2009/anais/arquivos/0616\\_1035\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0616_1035_01.pdf)>>. Acesso em: 18 de abril de 2010.

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda de. Teorias sociológicas do envelhecimento. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2008. p. 73-112.

SPATA, Andrea. *Métodos de pesquisa: ciência do comportamento e diversidade humana*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2005. 260 p.

SPIRDUSO, Waneen Wyrick. *Dimensões físicas do envelhecimento*. Barueri: Manole, 2005. 482 p.

SOUZA, Fernanda Rodrigues de; SOUZA, Luiz Humberto Rodrigues de. Contribuições do treinamento de força para as atividades da vida diária em pessoas acima de 50 anos. *Revista Digital*, Buenos Aires, Año 13, n. 126, nov. 2008. Disponível em: <<<http://www.efdeportes.com/efd126/treinamento-de-forca-para-pessoas-acima-de-50-anos.htm>>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2011.

SOUZA, Luciana Karine de. Uma Nova Chance: o idoso na universidade. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.). *Envelhecer : um encontro inesperado?: realidades e perspectivas na trajetória do envelhecete*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2001. p. 93-120.

SOUZA, Luciana Karine de. Amigo Velho, Velho Amigo: Amizade na Velhice. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.). *Envelhecer: revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. p. 69-86.

SOUZA, Luciana Karine de; GARCIA, Agnaldo. Amizade em idosos: um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 173-190, 2008.

TEIXEIRA, Solange Maria. Lazer e tempo livre na “terceira idade”: potencialidades e limites no trabalho social com idosos. *Kairós*, São Paulo, 10(2), p. 169-188, 2007.

THE WHOQOL GROUP. The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL): position paper from The World Health Organization. *Social Science & Medicine*, v. 41, p. 1403-9, 1995.

TIRADO, Marcella Guimarães Assis. *A percepção dos idosos sobre envelhecimento e independência: um estudo qualitativo no município de Belo Horizonte*. Orientadores: Roberto do Nascimento Rodrigues; Maria do Carmo Fonseca, 2000. 126 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

TIRADO, Marcella Guimarães Assis. Lazer do idoso. In: BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Saúde. Gerência de Assistência. *Protocolo de Avaliação Admissional Multidimensional do idoso institucionalizado*. Secretaria Municipal de Saúde. Gerência de Assistência. Belo Horizonte: 2004. Disponível em: <<[www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/geas/protocolodeatencaoasaudedoidoso.doc](http://www.pbh.gov.br/smsa/biblioteca/geas/protocolodeatencaoasaudedoidoso.doc)>>. Acesso em 19/12/2011.

UVINHA, Ricardo Ricci. Lazer e qualidade de vida: um enfoque na faculdade da terceira idade – Faculdade de Educação Física de Santo André – FEFISA. *Licere*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 153-163, 1999.

VAROTO, Vania Aparecida Gurian; TRUZZI, Oswaldo Mário Serra; PAVARIM, Sofia Cristina Iost. Programas para idosos independentes: um estudo sobre seus egressos e a prevalência de doenças crônicas. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 13(1), p. 107-114, jan-mar 2004.

VECCHIA, Roberta Dalla; *et al.* Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, 8(3), p. 246-52, 2005.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SESC/SP, 2007. p. 109-123.

VIANA, Maria Rosário Fátima de. *Lazer e terceira idade: Um lugar onde ninguém é velho*. 1999. 131f. Monografia (Especialização em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

VILARINO, Maria Aparecida Muller; LOPES, Marta Julia Marques. Envelhecimento e saúde nas palavras de idosos de Porto Alegre. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 63-77, 2008.

WAICHMAN, Pablo. *Tempo livre e recreação: um desafio pedagógico*. Campinas: Papirus, 1997. 158 p.

WOLFF, Ana Cristina Ristow. O lazer na perspectiva da terceira idade: um estudo exploratório. In: CONGRESO DE EDUCACIÓN FÍSICA E CIENCIAS DO DEPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 6., 1998, A Coruña. Deporte e Humanismo em Clave de Futuro. *Anais do VI Congreso de Educación Física e Ciencias do Deporte dos Países de Língua Portuguesa*. A Coruña: Universidade da Coruña, 1998.

WRLA. Carta do lazer. In: CONGRESSO MUNDIAL DO LAZER, 5., 1998, São Paulo. *Anais do V Congresso Mundial do Lazer*. São Paulo: WRLA, 1998.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Org.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003. p. 287-309.

ZAHREDDINE, Danny.; RIGOTTI, José Irineu Rangel. O Processo de Envelhecimento Populacional em Belo Horizonte: análise e mapeamento dos anos de 1991 e 2000. In: ENCONTRO DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. *Anais do XV Encontro de Estudos Populacionais*, Caxambu: 2006.

ZAITUNE, Maria Paula do Amaral; *et al.* Fatores associados ao sedentarismo no lazer em idosos, Campinas, São Paulo, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 23(6), p. 1329-1338, jun. 2007.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PERFIL 1**

- 1) Por que procurou este grupo?
- 2) Há quanto tempo você frequenta este grupo?
- 3) Por que você acha que está todo este tempo neste grupo?
- 4) Que atividades você faz no grupo?
- 5) Qual a sua preferida oferecida pelo grupo?
- 6) Tem alguém que o(a) incentiva a participar do grupo? E das atividades?
- 7) Tem alguma atividade que não tem no grupo hoje e que você gostaria que tivesse? Por quê?
- 8) Você pratica alguma atividade no seu tempo livre fora do grupo? Qual?
- 9) E fora de sua casa? Qual?
- 10) Você gostaria de experimentar alguma outra atividade na sua vida? Qual? Por que não experimentou esta atividade ainda?
- 11) Para você as atividades ofertadas pelo grupo são atividades de lazer? E as que faz fora dele ou gostaria de fazer?
- 12) O que busca como lazer em sua vida?

**APÊNDICE B**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PERFIL 2**

- 1) Por que procurou este grupo?
- 2) Durante quanto tempo você frequentou este grupo?
- 3) Quais atividades você praticava no grupo?
- 4) As atividades oferecidas atendiam às suas expectativas/preferências? Por quê?
- 5) Alguém o(a) incentivava a participar do grupo? E das atividades?
- 6) Por que optou por sair do grupo? Alguém o(a) incentivou?
- 7) E agora, participa de outro grupo/espço, somente para idosos ou não, que oferte atividades que você gosta?
- 8) É pago ou gratuito?
- 9) Você pratica alguma atividade no seu tempo livre fora de sua casa? Qual?
- 10) Você gostaria de experimentar alguma outra atividade na sua vida? Qual? Por que não experimentou esta atividade ainda?
- 11) Para você as atividades ofertadas pelo grupo eram atividades de lazer? E as que faz hoje ou gostaria de fazer?
- 12) O que busca como lazer em sua vida?

**APÊNDICE C**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O PERFIL 3**

- 1) Por que nunca se interessou por GCs específicos para idosos?
- 2) Frequenta algum grupo/espço regularmente que oferte atividades que você gosta? Qual?
- 3) Por que frequenta este espço? É pago ou gratuito?
- 4) Há quanto tempo você frequenta este espço?
- 5) Que atividades você faz neste espço?
- 6) Tem alguém que o(a) incentiva a frequentar este espço? E a praticar estas atividades?
- 7) Você pratica alguma atividade no seu tempo livre fora deste espço? Qual?
- 8) E fora de sua casa? Qual?
- 9) Você gostaria de experimentar alguma outra atividade na sua vida? Qual? Por que não experimentou esta atividade ainda?
- 10) Para você as atividades que pratica hoje são atividades de lazer? E as atividades que gostaria de fazer?
- 11) O que busca como lazer em sua vida?

**APÊNDICE D**  
**TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL PARA A SECRETARIA**  
**MUNICIPAL ADJUNTA DE ESPORTES DA PREFEITURA**  
**DE BELO HORIZONTE (MG)**

Eu, \_\_\_\_\_, secretário adjunto da Secretaria Municipal Adjunta de Esportes (SMAES), órgão da Prefeitura da cidade de Belo Horizonte, recebi a visita de Aline Oliveira Dias, convidando a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) para colaborar com a pesquisa “IDOSO, LAZER, GRUPOS DE CONVIVÊNCIA: Uma comparação entre Participantes, Não-Participantes e Egressos”.

Estou consciente da realização da pesquisa intitulada “IDOSO, LAZER, GRUPOS DE CONVIVÊNCIA: Uma comparação entre Participantes, Não-Participantes e Egressos”, sobre a escolha de idosos em participar ou não de um Grupo de Convivência, através da relação com suas preferências de lazer, na cidade de Belo Horizonte. Sei também que as pesquisadoras responsáveis, a orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Karine de Souza e a mestranda Aline Oliveira Dias, podem ser alcançadas através dos telefones (31) 3409-6264 e 8839-0724, respectivamente, ou dos e-mails luciana.karine@pq.cnpq.br ou liliudias@hotmail.com, ambas vinculadas ao Curso de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar três perfis de idosos: os que participam de Grupo de Convivência (GC), os que não se interessam por estes grupos, e aqueles que já participaram mas saíram do mesmo. Assim, objetiva-se conhecer e comparar os motivos de idosos a buscarem e permanecerem em GCs, os motivos para não se interessarem em participar de GCs, e os motivos para saírem de GCs.

Ao consentir com a realização dessa pesquisa, será permitido o acesso ao cadastro dos GCs registrados pela Prefeitura de Belo Horizonte, a fim de detectar os dois ou três com maior tempo de funcionamento na cidade, gratuitos ou que cobram taxas irrisórias passíveis de negociação. Após identificação desses espaços, haverá contato formal com os coordenadores desses para permitir a realização de uma entrevista de curta duração com seus participantes e egressos. Aqueles que não se interessam por participar de GCs serão identificados conforme indicações dos participantes e egressos dos GCs envolvidos na pesquisa. As entrevistas serão breves, individuais e gravadas em áudio, e serão realizadas em

local apropriado (confortável, livre de ruídos e que garanta privacidade dos sujeitos) nas dependências dos GCs e da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de acordo com horário disponibilizado pelos indivíduos.

O risco de participação nesta pesquisa é considerado mínimo, e ocorreria por cansaço, constrangimento emocional ou desconforto durante a entrevista. Para evitar esse risco pequeno, a entrevistadora está treinada a oferecer pausas para descanso e também a deixar o participante à vontade para responder apenas o que quiser.

A fim de assegurar a privacidade dos participantes, os dados obtidos através das entrevistas serão armazenados no mínimo um ano e no máximo dois anos (após a defesa de dissertação de Mestrado) na sala da pesquisadora-orientadora-responsável, com acesso restrito aos pesquisadores-responsáveis pela presente pesquisa. Após o período de armazenamento, os dados serão destruídos. Por ocasião de publicação científica desta pesquisa, a identidade dos participantes será preservada.

Esclarecemos que os participantes não terão gastos decorrentes de sua participação na pesquisa, e que não haverá qualquer forma de remuneração financeira. Os participantes estão livres para se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum. Ao fim deste estudo, os resultados serão disponibilizados aos Grupos de Convivência e aos idosos, se assim o quiserem.

Os participantes que tiverem alguma dúvida têm total liberdade para esclarecê-las antes, durante ou após o curso da pesquisa com as pesquisadoras responsáveis, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Karine e a mestranda Aline. Podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha, CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br, telefone (031) 3409-4592.

Agradecemos antecipadamente a participação e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Por meio deste consentimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, autorizando assim a participação da escola no presente estudo.

---

Assinatura do Secretário Adjunto

Belo Horizonte, \_\_\_/\_\_\_/2011.

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Assinatura da Orientadora

**APÊNDICE E**  
**TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL PARA A**  
**COORDENAÇÃO DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA**

Eu, \_\_\_\_\_, coordenador do Grupo de Convivência \_\_\_\_\_, recebi a visita de Aline Oliveira Dias, convidando o GC para colaborar com a pesquisa “IDOSO, LAZER, GRUPOS DE CONVIVÊNCIA: Uma comparação entre Participantes, Não-Participantes e Egressos”.

Estou consciente da realização da pesquisa intitulada “IDOSO, LAZER, GRUPOS DE CONVIVÊNCIA: Uma comparação entre Participantes, Não-Participantes e Egressos”, sobre a escolha de idosos em participar ou não de um Grupo de Convivência, através da relação com suas preferências de lazer, na cidade de Belo Horizonte. Sei também que as pesquisadoras responsáveis, a orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Karine de Souza e a mestrandia Aline Oliveira Dias, podem ser alcançadas através dos telefones (31) 3409-6264 e 8839-0724, respectivamente, ou dos e-mails luciana.karine@pq.cnpq.br ou liliudias@hotmail.com, ambas vinculadas ao Curso de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar três perfis de idosos: os que participam de Grupo de Convivência (GC), os que não se interessam por estes grupos, e aqueles que já participaram mas saíram do mesmo. Assim, objetiva-se conhecer e comparar os motivos de idosos a buscarem e permanecerem em GCs, os motivos para não se interessarem em participar de GCs, e os motivos para saírem de GCs.

Ao consentir com a realização dessa pesquisa, será permitido o acesso ao cadastro dos GCs registrados pela Prefeitura de Belo Horizonte, a fim de detectar os dois ou três com maior tempo de funcionamento na cidade, gratuitos ou que cobram taxas irrisórias passíveis de negociação. Após identificação desses espaços, haverá contato formal com os coordenadores desses para permitir a realização de uma entrevista de curta duração com seus participantes e egressos. Aqueles que não se interessam por participar de GCs serão identificados conforme indicações dos participantes e egressos dos GCs envolvidos na pesquisa. As entrevistas serão breves, individuais e gravadas em áudio, e serão realizadas em local apropriado (confortável, livre de ruídos e que garanta privacidade dos sujeitos) nas dependências dos GCs e da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

(EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), de acordo com horário disponibilizado pelos indivíduos.

O risco de participação nesta pesquisa é considerado mínimo, e ocorreria por cansaço, constrangimento emocional ou desconforto durante a entrevista. Para evitar esse risco pequeno, a entrevistadora está treinada a oferecer pausas para descanso e também a deixar o participante à vontade para responder apenas o que quiser.

A fim de assegurar a privacidade dos participantes, os dados obtidos através das entrevistas serão armazenados no mínimo um ano e no máximo dois anos (após a defesa de dissertação de Mestrado) na sala da pesquisadora-orientadora-responsável, com acesso restrito aos pesquisadores-responsáveis pela presente pesquisa. Após o período de armazenamento, os dados serão destruídos. Por ocasião de publicação científica desta pesquisa, a identidade dos participantes será preservada.

Esclarecemos que os participantes não terão gastos decorrentes de sua participação na pesquisa, e que não haverá qualquer forma de remuneração financeira. Os participantes estão livres para se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem prejuízo algum. Ao fim deste estudo, os resultados serão disponibilizados aos Grupos de Convivência e aos idosos, se assim o quiserem.

Os participantes que tiverem alguma dúvida têm total liberdade para esclarecê-las antes, durante ou após o curso da pesquisa com as pesquisadoras responsáveis, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Karine e a mestranda Aline. Podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha, CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br, telefone (031) 3409-4592.

Agradecemos antecipadamente a participação e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Por meio deste consentimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, autorizando assim a participação da escola no presente estudo.

---

Assinatura do Coordenador

Belo Horizonte, \_\_\_/\_\_\_/2011.

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Assinatura da Orientadora

**APÊNDICE F****TCLE-1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
PARA O(A) IDOSO(A) DOS PERFIS 1 E 2**

O Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais vem através deste comunicar a realização de uma pesquisa sobre a escolha de idosos por participar ou não de Grupos de Convivência. Esta pesquisa visa identificar os motivos que conduzem os indivíduos a realizar essa escolha, através da relação com suas preferências de lazer.

Para que esta pesquisa seja realizada, contamos com a sua ajuda, convidando-o (a) para participar da mesma. Se você consentir com a realização da mesma, será entrevistado (a) através de uma entrevista de curta duração sobre a sua escolha por participar ou não de um Grupo de Convivência. As entrevistas serão individuais e gravadas em áudio, com a sua permissão. Serão realizadas em uma sala do Grupo de Convivência no qual participa ou já participou, com conforto e privacidade. Ou, conforme preferência, em local apropriado nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A entrevista será agendada pela pesquisadora conforme a sua disponibilidade de horário e também será gravada, apenas com sua permissão.

A fim de assegurar a privacidade dos participantes, os dados obtidos através das entrevistas serão mantidos nas dependências do Mestrado em Lazer da UFMG por no mínimo um ano e no máximo dois anos, período após o qual serão descartados. Somente as pesquisadoras responsáveis pelo estudo terão acesso a estes dados, mantendo o sigilo sobre as informações prestadas. Por ocasião da publicação científica desta pesquisa, a identidade dos participantes será preservada.

Esclarecemos que os participantes não terão gasto algum decorrentes de sua participação na pesquisa e que não haverá qualquer forma de remuneração financeira. Os participantes, estão livres para se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízos. Ao fim deste estudo, os resultados serão disponibilizados aos Grupos de Convivência e aos indivíduos envolvidos na pesquisa.

Os participantes que tiverem alguma dúvida têm total liberdade para esclarecê-las antes ou durante o curso da pesquisa, sendo as pesquisadoras responsáveis a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>.

Luciana Karine de Souza e a mestrande Aline Oliveira Dias através dos telefones (31) 3409-6264, 3409-2335 ou 8839-0724, dos e-mails luciana.karine@pq.cnpq.br ou liliudias@hormail.com ou do endereço Av. Pres. Carlos Luz, 4664 – Campus UFMG / Pampulha (CELAR). Podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha - telefone (031) 3409-4592.

Agradecemos antecipadamente a participação e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Por meio deste consentimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, autorizando assim a minha participação \_\_\_\_\_ (nome completo) no presente estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante  
Tel.:

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Orientadora

**APÊNDICE G**  
**TCLE-2: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**PARA O(A) IDOSO(A) DO PERFIL 3**

O Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais vem através deste comunicar a realização de uma pesquisa sobre a escolha de idosos por participar ou não de Grupos de Convivência. Esta pesquisa visa identificar os motivos que conduzem os indivíduos a realizar essa escolha, através da relação com suas preferências de lazer.

Para que esta pesquisa seja realizada, contamos com a sua ajuda, convidando-o (a) para participar da mesma. Se você consentir com a realização da mesma, será entrevistado (a) através de uma entrevista de curta duração sobre a sua escolha por participar ou não de um Grupo de Convivência específico à sua faixa etária. As entrevistas serão individuais e gravadas em áudio, com a sua permissão. Serão realizadas em uma sala nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com conforto e privacidade. A entrevista será agendada pela pesquisadora conforme a sua disponibilidade de horário e também será gravada, apenas com sua permissão.

A fim de assegurar a privacidade dos participantes, os dados obtidos através das entrevistas serão mantidos nas dependências do Mestrado em Lazer da UFMG por no mínimo um ano e no máximo dois anos, período após o qual serão descartados. Somente as pesquisadoras responsáveis pelo estudo terão acesso a estes dados, mantendo o sigilo sobre as informações prestadas. Por ocasião da publicação científica desta pesquisa, a identidade dos participantes será preservada.

Esclarecemos que os participantes não terão gasto algum decorrentes de sua participação na pesquisa e que não haverá qualquer forma de remuneração financeira. Os participantes, estão livres para se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízos. Ao fim deste estudo, os resultados serão disponibilizados aos Grupos de Convivência e aos indivíduos envolvidos na pesquisa.

Os participantes que tiverem alguma dúvida têm total liberdade para esclarecê-las antes ou durante o curso da pesquisa, sendo as pesquisadoras responsáveis a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Karine de Souza e a mestranda Aline Oliveira Dias através dos telefones

(31) 3409-6264, 3409-2335 ou 8839-0724, dos e-mails luciana.karine@pq.cnpq.br ou liliudias@hormail.com ou do endereço Av. Pres. Carlos Luz, 4664 – Campus UFMG / Pampulha (CELAR). Podem também entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (COEP-UFMG), localizado na Av. Antônio Carlos, 6627 - Unidade Administrativa II, 2º Andar, sala 2005, Campus Pampulha - telefone (031) 3409-4592.

Agradecemos antecipadamente a participação e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Por meio deste consentimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, autorizando assim a minha participação \_\_\_\_\_ (nome completo) no presente estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante  
Tel.:

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Orientadora